

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

STÉFANI OLIVEIRA VERONA

A CAPACIDADE RACIONAL DAS MULHERES: JUDITH MURRAY E A  
EDUCAÇÃO FEMININA NOS ESTADOS UNIDOS (1784-1798)

CURITIBA

2022

STÉFANI OLIVEIRA VERONA

A CAPACIDADE RACIONAL DAS MULHERES: JUDITH MURRAY E A  
EDUCAÇÃO FEMININA NOS ESTADOS UNIDOS (1784-1798)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Verona, Stéfani Oliveira

A capacidade racional das mulheres : Judith Murray e a educação  
feminina nos Estados Unidos (1784-1798) [recurso eletrônico]. / Stéfani  
Oliveira Verona. – Curitiba, 2022.

1 recurso online : PDF

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula Vosne Martins

1. Murray, Judith Sargent, 1751-1820. 2. Mulheres – Estado Unidos –  
História - 1784-1798. 3. Escritoras americanas – Séc. XVIII. 4. Crítica literária  
feminista. 5. Mulheres – Educação. I. Martins, Ana Paula Vosne, 1961-.  
II. Título.

CDD – 928.1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **STEFANI OLIVEIRA VERONA** intitulada: **A capacidade racional das mulheres: Judith Murray e a Educação Feminina nos Estados Unidos (1784-1798)**, sob orientação da Profa. Dra. ANA PAULA VOSNE MARTINS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 22 de Fevereiro de 2022.

Assinatura Eletrônica

22/02/2022 12:55:42.0

ANA PAULA VOSNE MARTINS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

22/02/2022 14:55:04.0

KARINA KOSICKI BELLOTTI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

22/02/2022 17:53:55.0

BEATRIZ POLIDORI ZECHLINSKI

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus e à minha família: meu pai Luis Verona, minha mãe Sandra Verona e meus irmãos Vitor e Vitória Verona, por me apoiarem desde o início e me incentivarem na busca pela superação em tudo o que faço. Sua confiança e certeza foram marcantes e me trouxeram a confirmação de que são pessoas muito motivadoras e que sempre farão todo o possível para que meus sonhos se tornem realidade.

Agradeço à minha orientadora, a professora doutora Ana Paula Vosne Martins, que me guiou durante todo o processo e me auxiliou na minha pesquisa. Sua dedicação ao estudo da História e ao estudo das mulheres é notável e muito inspiradora. Agradeço por sua paciência e pelas críticas que sempre me moveram para frente. Agradeço também à CAPES por me conceder uma bolsa de estudos durante a realização da pesquisa.

Agradeço aos meus colegas do mestrado que dividiram momentos de muita alegria, trabalho e dedicação, além de terem me aberto os olhos quando eu precisei e de terem se tornado pessoas de confiança, mesmo em meio a um cenário de pandemia no qual não pudemos nos ver pessoalmente.

Agradeço também a professora Anadir dos Reis Miranda por ter me inspirado, tanto com a sua dissertação quanto com a sua tese de doutorado com seus estudos sobre Mary Wollstonecraft e por ter me dado seu parecer sobre meu primeiro ensaio produzido durante o mestrado, o que me ajudou muito a direcionar os meus estudos.

Finalmente, agradeço aos meus professores por me instigarem ao conhecimento e à pesquisa e que me auxiliaram na busca pelo meu melhor na vida acadêmica, além de serem inspirações e modelos para mim.

## RESUMO

A presente dissertação analisa a relação de Judith Murray com a escrita durante os anos de 1784-1798 para entender a crítica que fazia à posição das mulheres na sociedade americana e a necessidade de educação mais qualificada para exercerem a Cidadania Republicana. Partindo das perspectivas da História da Cultura Escrita, da Crítica Literária Feminista e dos estudos de Gênero, utilizo os conceitos de “Redes de Sociabilidade”, “Autoria Feminina”, “Educação”, “Religiosidade” e “Cidadania Republicana”, para entender como Judith Murray (1751-1820) ressignificou alguns estereótipos femininos e buscou provar a capacidade intelectual das mulheres para questionar imagens femininas idealizadas durante este período. Utilizando-se de dois pseudônimos – *Constantia* e *Mr. Gleaner* – Murray produziu importantes ensaios que publicou em diversas revistas entre os anos de 1790 e 1820 na região de Boston, Massachusetts. Através de seus textos ela contribuiu significativamente com o debate a respeito da igualdade de direitos após a Revolução Americana. Ao longo de suas obras ela fez reflexões críticas sobre o estatuto social e político das mulheres no final do século XVIII e início do século XIX, quando um novo modelo de organização nacional estava sendo pensado. Sua problematização do espaço público e privado a levou a escrever sobre as responsabilidades das mulheres e sobre o papel da religião na organização social. A análise de três de suas obras - *Desultory Thoughts upon the Utility of Encouraging a Degree of Self-complacency, Especially in Female Bosoms (1784)*, *On the Equality of the Sexes (1790)* e *Observations on Female Abilities (1794)* - nos permite delinear a fundamentação das suas concepções sobre a desigualdade social e o espaço das mulheres e analisar a tonalidade política inserida na educação através dos jornais e periódicos.

Palavras-chave: Judith Murray. Estados Unidos. Educação. Escrita Feminina. História das Mulheres.

## ABSTRACT

The present dissertation analyzes Judith Murray's relationship with writing from 1784 to 1798 in order to understand her criticism of the position of women in American society and the need for their better education for them to be Republican Citizens. From the perspective of the History of Written Culture, the Feminist Literary Criticism and Gender Studies, I use the concepts of "Sociability Networks", "Female Authorship", "Education", "Religiosity" and "Republican Citizenship" to understand how Judith Murray (1751-1820) shifted some of the female stereotypes and sought to prove the intellectual capacity of women to question idealized images during this period. Using two important pseudonyms – Constantia and Mr. Gleaner – Murray produced important essays which she published in several magazines in the 1790s and 1820s in Boston, Massachusetts. Through her published texts she significantly contributed to the debate regarding equal rights after the American Revolution. Throughout her works, she criticized the social and political status of women in the late 18th and early 19th centuries, when a new vision of national organization was being sought. Her problematization of public and private space led her to write about women's responsibilities and the role of religion for the social organization. The analysis of three of her texts – “Desultory Thoughts upon the Utility of Encouraging a Degree of Self-complacency, Especially in Feminine Breasts” (1784), “On the Equality of the Sexes” (1790) and “Observations on Female Abilities” (1794) - allows us to outline the foundations of what she understood for social inequality, the space of women and analyze the political tone in education through newspapers and periodicals.

Key-words: Judith Murray. United States of America. Education. Women's Writing. History of Women.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mother reading to children. The Family Christian Almanac. American Tract Society, 1869.....	32
FIGURA 2 - Imagem de capa: Massachusetts Magazine, 1791.....	34
FIGURA 3 - Betsy Ross sewing the first American Flag. Henry Mosler, 1777.....	46
FIGURA 4 - America guided by wisdom: an allegorical representation of the United States depicting their independence and prosperity. John J. Bartlett, 1815.....	61
FIGURA 5 - Portrait of Phillis Wheatley for the cover of <i>Poems on Various Subjects, Religious and Moral</i> . Scipio Moorhead, 1773.....	64
FIGURA 6 - Portrait of Mrs. John Stevens (Judith Sargent, later Mrs. John Murray). John Singleton Copley, 1772.....	89
FIGURA 7 - Portrait of Mary Wollstonecraft. John Opie, 1797.....	94
FIGURA 8 - Portrait of Catharine Macaulay, Robert Edge Pine, 1775.....	97
FIGURA 9 – Portrait of Mercy Otis Warren. John Singleton Copley, 1763.....	102



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO 1 - AS MULHERES AMERICANAS E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO E A ESCRITA</b> .....	18
1.1 AS MULHERES AMERICANAS DURANTE E APÓS AS GUERRAS DE INDEPENDÊNCIA (1775-1820) .....	19
1.1.1 A História Doméstica da Revolução Americana.....	21
1.1.2 A sociedade e a política do pós-guerra para as mulheres.....	26
1.2 A EDUCAÇÃO FORMAL NOS ESTADOS UNIDOS E AS ACADEMIAS FEMININAS.....	36
1.3. OS CÍCULOS LITERÁRIOS FEMININOS AMERICANOS.....	49
1.3.1 As práticas americanas de escrita.....	66
<b>CAPÍTULO 2 – AS REVISTAS DURANTE OS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA</b> .....	74
2.1 AS REVISTAS DE AMPLA CIRCULAÇÃO NA REGIÃO DE BOSTON.....	74
2.2 UMA REDE DE ESCRITORAS: DIÁLOGOS E RELAÇÕES .....	85
2.3 A QUESTÃO RELIGIOSA.....	102
<b>CAPÍTULO 3 - JUDITH MURRAY E A EDUCAÇÃO FEMININA NOS ESTADOS UNIDOS</b> .....	114
3.1 SOBRE A NECESSIDADE DAS MULHERES SE PERDOAREM .....	116
3.2 SOBRE A IGUALDADE ENTRE OS SEXOS .....	122
3.3 SOBRE AS HABILIDADES DAS MULHERES .....	131
3.4 RECEPÇÃO E CARTAS COM LEITORES .....	143
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	152
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	156
Fontes.....	156
Revistas.....	157
Referências Bibliográficas .....	157

## INTRODUÇÃO

Desde as proposições da Escola dos Annales no início do século XX, as fontes periódicas têm sido documentações importantes para historiadoras/es não só para construir uma história dos jornais e das revistas, mas uma história da sociedade e do pensamento. As fontes escritas para consumo de determinados públicos são importantes indicadores da vida social e cultural, o que permite aos estudiosos de um período, circunstância e região específica, entender a circulação das ideias, tanto de quem publicava, quanto de quem lia.

Entender as dinâmicas da cultura escrita requer compreender a sua produção, recepção e difusão. As práticas de impressão adotadas desde a criação da prensa começaram com as primeiras cópias manuscritas de textos importantes e foram se desenvolvendo conforme o avanço da tecnologia e as possibilidades de distribuição. A cultura escrita por meio da impressão tornou possível alcançar pessoas desconhecidas ou que se encontravam a grandes distâncias, sendo que a difusão de diferentes ideias foi facilitada pelo debate gerado pelas diferentes leituras dos impressos.

No caso das mulheres que viveram à época da Revolução Americana e dos primeiros anos da República, a maior circulação dos textos e as mudanças sociais permitiram abordagens de novos assuntos e o aumento na quantidade de publicações femininas nas revistas e com os romances. A educação passou por mudanças importantes e a maior quantidade de pessoas alfabetizadas tornou possível o contato de cada vez mais mulheres com textos críticos, dos quais se tornavam consumidoras e produtoras.

Em contrapartida a este cenário favorável às mulheres, podemos problematizar o próprio conceito de Revolução para o contexto dos Estados Unidos. De acordo com o historiador Bernard Bailyn, a Revolução Americana aconteceu a partir do momento em que os sistemas sociais e políticos foram profundamente questionados e transformados (2003). Segundo esta definição, podemos pensar o caráter de uma “revolução” no caso americano devido à mudança no sistema de governo, mas não podemos esquecer que foram apenas os homens brancos e influentes que passaram a organizar esta nova ordem sociopolítica, enquanto os papéis sociais das mulheres foram repensados apenas ideologicamente. As transformações pós-guerra geraram questionamentos sobre e por parte das mulheres, mas seus direitos políticos formais continuaram restritos, mesmo se

pertencentes às classes médias e altas. Isso nos leva a questionar o uso do conceito de revolução, tendo em vista que muito da representação tradicional da feminilidade foi mantida enquanto ainda os novos conceitos de virtude e de maternidade republicana foram determinantes para a dependência feminina.

Proponho, portanto, o estudo de alguns textos do final do século XVIII e início do XIX sobre a educação feminina nos Estados Unidos, destacando as mulheres que os produziram a partir desta situação política de restrição e incertezas. Em especial os textos de Judith Sargent Murray são considerados precursores de movimentos importantes, como o movimento pelos direitos das mulheres. Além disso, as escritoras americanas influenciaram mulheres de outros países e seus artigos circularam na formação de uma rede cada vez maior de pensadoras e cidadãs para debater os temas relativos ao espaço social e político e aos direitos das mulheres. Esta discussão ainda se faz presente, revelando a necessidade contínua dos estudos sobre as relações de gênero suas transformações para podermos entender a trajetória, as motivações e as reivindicações das mulheres precursoras que ganharam notoriedade, especialmente no contexto americano do pós-Guerra. Murray publicou diversos textos entre os anos de 1790 e 1820 sobre a educação, direitos políticos e deveres cívicos. Ela ganhou notoriedade ao propor uma nova visão sobre a mulher e ao contestar o modelo então em voga.

Após a realização de uma monografia sobre as Guerras de Independência dos Estados Unidos e sobre a disputa Constitucional que se seguiu, busco agora mudar o foco do discurso político masculino para compreender o espaço da mulher na sociedade americana através dos discursos produzidos por elas. Busco entender a percepção sobre suas responsabilidades civil e pessoal, utilizando alguns textos de Murray sobre o cenário sociocultural e político das mulheres das classes médias, pois elas foram atuantes na cultura literária, na escrita e na imprensa. Neste sentido, os meios de comunicação escritos se mostraram importantes aliados das mulheres.

Durante a realização desta pesquisa, portanto, se estabeleceu como objetivo central compreender a divulgação das ideias da escritora Judith Murray sobre uma proposta de educação mais qualificada para as mulheres. Murray foi uma das escritoras a levar ao público leitor as discussões sobre os modelos educacionais, sobre os espaços público e privado, e sobre a possibilidade de protagonismo social e político que elas poderiam ter. Ela foi considerada uma das mulheres mais importantes nos Círculos Literários e seus textos foram lidos por figuras notáveis da época, como George

Washington (1732-1799) e John Adams (1735-1826). Muitas mulheres liam suas colunas, nas quais ela publicava textos como o ensaio “*On the Equality of the Sexes*”, escrito em 1790, que muito influenciou a escrita política de mulheres em outros países. Mesmo assim, seus textos são pouco conhecidos no Brasil e ainda não foram traduzidos para a língua portuguesa.

Parto desta perspectiva para apresentar alguns objetivos específicos de pesquisa: compreender a relação existente entre a escrita de Judith Murray como forma de expressão e a compreensão da definição dos direitos femininos após a independência dos Estados Unidos; entender como ela interpretou as ideias a respeito da educação, levando em consideração o que estava sendo publicado na mesma época; analisar a tonalidade política que as mulheres imprimiam nos escritos sobre educação que circulavam nas revistas; compreender como Murray questionou padrões de gênero através da escrita; e entender a relação feita por Murray entre a educação, a política e a religiosidade das mulheres americanas na busca por mudanças.

Igualmente importante é considerar o crescimento do interesse pela publicação e pela leitura das revistas ensaísticas com o passar dos anos, porque “se, de início, o espaço público era o local das discussões políticas, da formação de opinião e da legitimação do poder, com a imprensa ocorreu o deslocamento desse espaço para os jornais” (MELO, 2005, p.27). Desta forma, a imprensa passou a ser a mediadora entre os espaços público e privado, ambos de interesse para as mulheres que buscavam transformar seus papéis sociais e políticos.

De início, esses jornais eram dedicados a assuntos literários e culturais, mas a temática foi se alargando para questões de interesse social e político. Gerou-se uma demanda por essas informações, pois o público queria entender e participar do processo decisório das instâncias de poder. Nesse novo espaço público, a sociedade começou a obrigar o poder a justificar-se perante a opinião pública (MELO, 2005, p.28).

Conforme a imprensa se desenvolveu e se consolidou no espaço público, ela também se especializou em diferentes segmentos. Os jornais noticiários eram dedicados às notícias regionais e à comunicação das decisões políticas tomadas no Congresso. Eram esses jornais que costumavam chegar a maiores distâncias, por serem mais sucintos, leves e conseqüentemente mais baratos. As revistas ensaísticas, chamadas *magazines*, eram os periódicos de interesse igualmente político, mas que recebiam contribuições majoritárias de leitores/ras que viviam nas mesmas cidades ou próximas

das cidades onde eram publicadas, para discussão e apresentação de ideias de diferentes temáticas.

O destaque conferido a Murray nas revistas ensaísticas do século XIX se deveu ao fato de que ela buscava transformar a percepção popular visando questionar padrões de comportamento e regras sociais em favor das mulheres. Em diversos textos ela abordou de forma direta e crítica alguns dos dilemas religiosos que envolviam a interpretação tradicional da Bíblia, que ela aos poucos revisava buscando ressignificar seus papéis exclusivos de mães e esposas. Neste sentido, considerando o período de significativas mudanças religiosas e seu importante papel na vida das pessoas, podemos encarar a notoriedade de Judith pensando também em suas novas propostas de organização social.

O apoio de seu marido, o reverendo John Murray, também é importante de se destacar, pois ele a incentivou a publicar seus textos e se tornar uma figura importante dentro de sua comunidade. Judith também manteve relações de amizade com Mercy Otis Warren e conheceu amplamente o trabalho de Mary Wollstonecraft.

Partindo da ideia de que a escrita possibilitava às mulheres se inserir em uma sociedade extremamente restrita para elas, busco entender a percepção de Murray sobre alguns aspectos da conduta feminina destacados nos textos mais convencionais, com o objetivo de defender a capacidade intelectual das mulheres. Da mesma forma, ela encontrou na Bíblia novas maneiras de interpretar o simbolismo da mulher, fazendo-a tão valorizada, racional e capaz quanto o homem. Assim, ela buscava uma educação formal e mais qualificada desde a infância para as meninas, como proporcionada aos meninos. As revistas escolhidas por Murray para a publicação dos ensaios permitiram o contato com as/os leitoras/es através de cartas, o que foi uma maneira importante de averiguar a difusão de suas ideias. Além disso, o crescimento da própria imprensa tornou possível a ampliação do debate sobre aspectos sociais e políticos.

No início do século XIX, a imprensa que dominava era a opinativa ou ideológica, ou seja, a imprensa de partido. Esse tipo de jornalismo imperava em virtude do aumento crescente do nível de politização da população e, ao mesmo tempo, da falta de matéria-prima para a produção de notícias factuais, além do baixo índice de alfabetização de grande parte da sociedade (MELO, 2005, p.30).

Neste sentido, como explica Tânia Regina de Luca, “o estudo das publicações literárias e culturais tem rendido frutos significativos, que colaboram, inclusive, para

realizar outras periodizações e fissuras consagradas na produção historiográfica” (LUCA, 2015, p.125), porque conceitos como “redes de sociabilidade”, “autoria feminina”, “educação” e “cidadania republicana” nos ajudam a compreender como as intelectuais da época se organizavam e respondiam demandas sociais e políticas nos Estados Unidos.

O estudo da relação entre os gêneros e as demandas das mulheres por mudanças através das revistas encontra-se, dessa forma, em relação estreita com as fontes desta pesquisa, porque a imprensa abria cada vez mais espaço para as publicações de mulheres no início do século XIX. Apesar disso, esta atividade ainda não era vista com bons olhos pelos defensores de uma conduta feminina voltada exclusivamente para a formação de uma “Mãe Republicana”, ou seja, que exercia seu papel cívico pela criação dos filhos. A maioria das mulheres enfrentou adversidades para publicar seus ensaios e poemas, especialmente quando tratavam da condição feminina. Por isso, é importante ressaltar o uso dos pseudônimos, por um lado, como reflexo de uma sociedade restritiva e que julgava as mulheres com dureza e, por outro, interpretar este artifício como forma de se fazer ouvir. Esta linha de análise evidencia “as potencialidades da imprensa para a apreensão do lugar reservado às mulheres” (LUCA, 2015, p.126) e para a formação de redes de sociabilidade.

Entendo o conceito de “rede de sociabilidade” como as relações interpessoais entre indivíduos que integram diferentes grupos, que se identificam entre si de alguma maneira. Estas são as relações que perpassam as mais diferentes áreas da vida de uma pessoa, formando a sua realidade. Desta forma ela constrói sua visão de mundo, que também pode ser transformada por sua percepção e questionamentos pessoais ao interagir dentro de uma comunidade. Esta concepção está relacionada ao conceito de “sociabilidade”, de Norbert Elias, como “modelos de comportamento” que criam relações interpessoais para manter uma certa ordem, que pode também ser questionada de forma ordenada (2000). A sociabilidade é a grande responsável pelas redes de amizades e pelas formas de agir das pessoas, entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens. São simbolismos e relações de poder centradas no funcionamento social, uma interdependência que organiza as diferentes funções das pessoas ao viver em conjunto e que atribui certos discursos às classes sociais e aos gêneros. Encaro as redes de sociabilidade das mulheres americanas brancas e das classes médias, portanto, com especial interesse, pois busco entender como elas se identificavam umas com as outras através da escrita e como enxergavam a si mesmas em contraste com a sociedade

e com a cultura masculina hegemônica. A rede como um mecanismo de apoio mútuo evidencia o vínculo de amizade e de empatia entre as mulheres, especialmente encontrado nos Círculos Literários Femininos, onde elas expressavam seus desejos e opiniões muitas vezes por escrito.

Podemos então, evidenciar a percepção e o questionamento do Discurso do Outro, que diferencia as mulheres como parte complementar, mas inferior aos homens.

Entre outras coisas, foi tatuado em cada um de nós que somos "homem" ou "mulher" sem que nossa passagem pelo mundo seja acompanhada de nenhum manual de instruções que dê conta do ajuste entre este "ser homem" ou "ser mulher", e a ínfima singularidade do nosso desejo. Manuais de instruções existem, sim, na trama simbólica que constitui a cultura, que nos designa lugares, posições, deveres, traços identificatórios. "Identidade feminina" e "identidade masculina" são composições significantes que procuram se manter distintas, nas quais se supõe que se alistem os sujeitos, de forma mais ou menos rígida, dependendo da maior ou menor rigidez da trama simbólica característica de cada sociedade (KEHL, 2008, p.27).

Neste sentido a questão da “autoria feminina” também se torna um conceito chave, porque vai além da escrita da mulher para caracterizar a escrita como resultado de sua condição social na posição que ocupa como mulher, com seus desafios, limitações e posicionamento crítico. Desta forma, considero inovadora a forma de fazer política das mulheres através de suas redes de sociabilidade e do uso da palavra escrita como manifestação, pois ela podia alcançar mais pessoas. O uso de suas experiências pessoais e do retrato de sua realidade socioeconômica permitiu novos olhares sobre sua atuação política. A atuação política e a educação, por sua vez, garantiriam a “Cidadania Republicana” pela qual mulheres como Murray lutavam, pois até então as mulheres brancas das classes médias e altas eram consideradas pessoas de valor, mas sem direitos.

Para analisar as publicações de Murray, portanto, farei uso da metodologia recomendada por Tânia Regina de Luca (2005), que explica que a análise da materialidade dos jornais e revistas é tão importante quanto seu conteúdo, para que o significado da palavra impressa possa ser entendido em conjunto com o contexto histórico, de leitura e debate, circulação e impacto dos jornais e revistas. A relação entre imprensa, política e sociedade também deve ser explorada, porque essa relação influencia a maneira como o conteúdo foi lido pelas pessoas.

A metodologia empregada por Jennifer Desiderio (2008) também será usada na análise das revistas americanas, em especial a *Massachusetts Magazine*, na qual Judith Murray publicou a maioria de seus ensaios e colunas. Desiderio estabelece o espaço dos

periódicos como plataformas interativas, porque possibilitavam respostas dos leitores ao que era publicado através do envio de cartas-resposta. Esses diálogos foram de extrema importância para as publicações de Murray e para o desenvolvimento do seu relacionamento com o público leitor, sendo que este contribuiu em grande parte para as discussões que ela trazia sobre a educação das mulheres em suas colunas.

As discussões metodológicas de Tânia Regina de Luca e de Jennifer Desiderio serão relacionadas com as proposições a respeito da Teoria Literária, conforme Antoine Compagnon, bem como suas implicações para análise histórica. Recorremos ao seu livro “O demônio da teoria: literatura e senso comum” (1999) e à sua palestra de 2006, intitulada “Literatura para quê?”, transcrita e publicada em 2009, para entender a relação das pessoas com a palavra escrita e suas formas de circulação.

Por fim, busco aproximar a discussão da análise literária de Compagnon com a Crítica Literária Feminista e com os estudos de gênero. Entendo que Judith Murray publicava seus ensaios a partir de uma posição crítica ao lugar da mulher na sociedade americana após a independência dos Estados Unidos. Ela fez duras críticas sobre as limitações do conceito de igualdade social e política, tão importante durante a Revolução Americana, mas não extensivo às mulheres e pessoas escravizadas, por exemplo. A discussão que ela propôs sobre a educação feminina estava intimamente ligada à imagem oposta que os filósofos e médicos atribuíam ao sexo feminino, de domesticidade e passividade. Murray defendia que através do cultivo da mente e da inteligência as mulheres poderiam exercer seus direitos de cidadania e tornarem-se menos dependentes dos homens.

Recorremos à Crítica Literária Feminista para entender estes questionamentos da palavra escrita, considerando ter sido pela palavra que algumas mulheres encontraram a forma eficiente de divulgar novas ideias, porque elas estavam mais restritas à esfera privada. Recorremos às discussões propostas por Elaine Showalter em “*The New Feminist Criticism*” (1985) e Gill Plain e Susan Sellers em “*A History of Feminist Literary Criticism*” (2007). Plain e Sellers chamam a atenção para o fato de que a Crítica Literária Feminista surgiu com a Segunda Onda, durante a década de 1960 e que o termo passou a ser empregado para se referir às transformações que estavam ocorrendo nos Estudos das Mulheres nos Estados Unidos e na Europa. Entretanto, é importante constatar que a abordagem da crítica literária não surgiu naquele momento, sendo que mulheres como a própria Judith Murray e outras como Mary Wollstonecraft e



depois Virgínia Woolf, bem como muitas outras publicaram numa perspectiva crítica muito antes.

Da mesma forma, é necessário considerar os debates e a heterogeneidade dentro da Crítica Literária Feminista desde os anos 60, com diferentes tipos de análise. A vertente revisionista, por exemplo, dedicava-se a analisar a representação das mulheres na literatura escrita por homens. Já a ginocrítica dedicava-se ao estudo de obras produzidas pelas próprias mulheres. Cada tipo de estudo exige uma metodologia e análises diferentes, pois em cada situação a mulher está posicionada de uma forma diferente, seja como produtora ou como personagem (BELLIN, 2011).

O que eu busco destacar com a Crítica Literária Feminista neste trabalho é que apesar das diferenças entre as vertentes feministas, a Crítica iniciou um movimento para desvendar suas próprias origens e “estabelecer tradições de escrita das mulheres e do pensamento ‘feminista’ recente para contrariar a aceitação inquestionável do ‘homem’ e do gênio masculino como a norma”<sup>1</sup> (PLAIN; SELLERS, 2007, p.2). A pesquisa historiográfica, portanto, se ampliou para considerar as experiências das mulheres com a literatura e a política como fundamentais, já que os limites entre cada uma destas esferas se confundem quando lemos suas publicações.

É na escrita das mulheres que podemos encontrar a preocupação de combinar o teórico e o pessoal, pois através da crítica feminista é possível identificar padrões de influência e de rebeldia que permearam as vidas de mulheres escritoras que levaram as suas inquietações para os textos. As mulheres desenvolveram estilos próprios e novas vozes com as quais puderam ingressar em um campo anteriormente dominado por homens. Assim, podemos encarar esta “transgressão” feminina na escrita como uma ocupação do espaço público, e não como uma ocupação de um espaço que não lhe pertencia, pois as mulheres passaram a ressignificar sua própria esfera de atuação utilizando a imprensa.

A crítica feminista mostrou que as leitoras trazem diferentes percepções e expectativas para as suas experiências literárias, e insistiu que as mulheres também contaram as histórias importantes da nossa cultura. [...] Seja se preocupando com as representações literárias da diferença sexual, com as formas como os gêneros literários foram moldados por valores masculinos ou femininos, ou com a exclusão da voz feminina das instituições da literatura,

---

<sup>1</sup>to establish traditions of women’s writing and early ‘feminist’ thought to counter the unquestioning acceptance of ‘man’ and male genius as the norm (PLAIN; SELLERS, 2007, p.2).

crítica e teoria, a crítica feminista estabeleceu o gênero como categoria fundamental da análise literária<sup>2</sup> (SHOWALTER, 1985, p.3).

Recorrendo a esta perspectiva de análise, buscamos estabelecer a correlação entre as experiências de Murray e as experiências de Mary Wollstonecraft, Mercy Otis Warren e Catharine Macaulay para entender os contrastes e as necessidades das mulheres em relação ao cenário social e cultural dos Estados Unidos do final do século XVIII. As fontes selecionadas para esta análise são três ensaios de Murray que relacionam a condição feminina com a política republicana e com as possibilidades de educação das mulheres. “*Desultory Thoughts upon the Utility of Encouraging a Degree of Self-Complacency, Especially in Female Bosoms*” (1784) foi o primeiro ensaio de Murray, publicado na revista na *Gentleman and Lady’s Town and Country Magazine* e fala sobre a importância das mulheres aceitarem as próprias falhas e se perdoarem; “*On the Equality of the Sexes*”(1790) foi publicado na *Massachusetts Magazine* e tornou-se fonte a respeito dos debates educacionais na época, sendo recentemente retomados pelas historiadoras contemporâneas.

Em 1798, Murray fez uma publicação independente em três volumes chamada “*The Gleaner: a Miscellaneous Production*”, na qual ela publicou ensaios que havia escrito para a *Massachusetts Magazine* como *The Gleaner* (1792-1794), junto com ensaios inéditos que ela ainda não havia publicado. “*Observations on Female Abilities*” (1798) é um destes e ficou famoso quando foi publicado na coletânea por tratar amplamente da situação feminina, as habilidades intelectuais das mulheres e sobre a sua posição social após a independência dos Estados Unidos. Este é o terceiro texto de Murray selecionado para esta pesquisa.

A organização dos capítulos obedece a seguinte ordem: o capítulo 1 foi destinado à compreensão da relação entre as mulheres americanas, a educação e a escrita. Para isso, foram desenvolvidos três tópicos, sendo o primeiro o contexto histórico das mulheres durante e após a Revolução Americana, para compreender sua situação social e política entre os anos de 1775-1820; o segundo tópico sobre a educação formal e a formação das primeiras academias femininas, para entender as transformações educacionais do período; e o terceiro sobre a popularização dos Círculos

---

<sup>2</sup>feminist criticism has shown that women readers bring different perceptions and expectations to their literary experience, and has insisted that women have also told the important stories of our culture. [...]Whether concerned with the literary representations of sexual difference, with the ways that literary genres have been shaped by masculine or feminine values, or with the exclusion of the female voice from the institutions of literature, criticism, and theory, feminist criticism has established gender as a fundamental category of literary analysis (SHOWALTER, 1985, p.3).

Literários Femininos, com o objetivo de entender a transformação do espaço público e privado das mulheres pela sociabilidade entre elas e através da familiaridade com a cultura escrita.

O capítulo 2 foi destinado à circulação das revistas durante os primeiros anos da República Americana, para entendimento do alcance da imprensa, das circunstâncias enfrentadas pelas mulheres quando desejavam publicar seus trabalhos e das temáticas abordadas por elas. Encaro essas temáticas como reflexos da sociedade e também como buscas por mudanças. Este capítulo faz a análise da materialidade das revistas em que Murray publicou, para fazer um paralelo entre o público alvo e o conteúdo de seus textos; busca aproximações entre Murray e outras escritoras que ganharam notoriedade na época, em especial Mary Wollstonecraft, Mercy Otis Warren e Catharine Macaulay, para aprofundamento das demandas sociais e políticas destas mulheres; e a discussão sobre a questão religiosa que permeava alguns escritos de Murray, considerando sua relação com o protestantismo e as formas que encontrou para questionar a ideal religioso de feminilidade nas revistas ensaísticas.

O capítulo 3 foi destinado à análise dos textos selecionados de Murray para entender de que forma ela defendia a educação para as mulheres e para identificar as suas principais críticas em relação à sociedade, considerando os conceitos mencionados acima de “autoria feminina”, “educação”, “redes de sociabilidade” e “cidadania republicana”. Este capítulo está dividido em quatro tópicos: o primeiro para discutir o texto “*Desultory thoughts upon the utility of encouraging a degree of self-complacency, especially in female bosoms*”; o segundo para discutir o texto “*On the Equality of the Sexes*”; o terceiro para discutir o texto “*Observations on Female Abilities*”; e o último tópico para averiguar algumas das respostas de leitores da revista que enviaram cartas à Murray, para entender de que forma suas publicações foram lidas e interpretadas pelas leitoras e pelos leitores.

Os três capítulos buscam estabelecer uma relação entre a cultura escrita, a sociedade americana que passava por importantes transformações no período pós-revolucionário, a questão das mulheres e das diferenças educacionais que as relegavam ao espaço privado e reduziam sua atuação a um papel limitado. A partir das críticas de Murray e de seu diálogo com outras escritoras da época, é possível entender sua reivindicação pela educação mais qualificada das mulheres e as portas que seriam abertas para sua autonomia de pensamento e de ação, algo coerente com o conceito revolucionário de cidadania.

## **CAPÍTULO 1 - AS MULHERES AMERICANAS E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO E A ESCRITA.**

A discussão a respeito do papel feminino em diferentes períodos históricos é bem explorada nos Estudos de Gênero e da História das Mulheres. Apesar disso, a época moderna, e particularmente o século XVIII, ainda suscitam muitas dúvidas sobre a relação que as mulheres tiveram com a política e a respeito de suas próprias percepções do que significava ser mulher em uma época de mudanças e revoluções políticas que tanto impacto tiveram sobre a vida sociopolítica de diferentes classes sociais. Na época das correntes de pensamento das Luzes, as contradições permaneceram a respeito dos conceitos de cidadania, República e, principalmente, do que se entendia como direitos, tornando-se mais evidentes quando aproximados das condições de vida das mulheres. Estudiosas e historiadoras têm buscado conhecer, compreender e dar visibilidade às mulheres que se envolveram com o debate público naquele contexto, contrariando e questionando os ideais de passividade e de silêncio. Apesar disso, a escrita da história ainda é pouco permeável às palavras das mulheres em defesa dos direitos e da cidadania.

Nos Estados Unidos do século XVIII, o término das Guerras de Independência (1775-1783) anunciava a promessa de uma nova organização social, forçando os líderes políticos a tomarem decisões cruciais visando à organização das instituições republicanas. A campanha bem sucedida na guerra contra a Inglaterra culminou na eleição do general George Washington, que se tornou o primeiro presidente dos Estados Unidos, em 1789. Ele e os chamados “Pais fundadores” da nação iniciaram um longo e complexo processo de institucionalização política, operando com novas leis que visavam mudanças no sistema colonial. Tratava-se de criar uma nova ordem política e republicana e o campo de possibilidades parecia aberto às experimentações anunciadas nos discursos políticos federalistas e da defesa das liberdades.

Com a ajuda os intelectuais da época, uma narrativa fundacional dos Estados Unidos se desenvolveu pela defesa das ideias de liberdade, cidadania e ordem, culminando em um discurso consolidado nos anos seguintes para garantir a ordem social. Muitas das figuras mais populares durante as guerras, como Alexander Hamilton, John Adams, Thomas Jefferson, John Jay e James Madison, passaram a se envolver com a política e até hoje são muito estudados e lembrados quando o assunto é a independência americana, mas Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln também

foram importantes figuras para a consolidação do discurso fundador dos Estados Unidos durante o século XIX. Ecoo as colocações da historiadora Lúcia Lippi de Oliveira que problematiza a ausência de divergências com relação a esta narrativa. Em contraponto a historiadores como Jackson Turner, Oliveira (2001) desmistifica o processo narrativo de unidade nacional americana evidenciando certa necessidade de usar as representações sociais pós-independência para a construção de governos e para a organização da política no país<sup>3</sup>.

Esta organização política inicial, apesar do discurso de unificação, acabou gerando novas disputas, dessa vez internas, que originaram os primeiros partidos políticos e as áreas administrativas do governo central. O senado da República foi então criado, dando início aos debates em torno da organização política do território. Muitos destes debates se deram nas páginas dos jornais e revistas da época, em parte devido à cultura intelectual da elite e das classes médias americanas, mas principalmente devido ao crescente alcance da palavra escrita. Neste intenso debate é possível identificar as primeiras divergências políticas internas e os argumentos defendidos pelos diferentes contendores, afinal, apesar das diferenças, havia um novo país a se construir.

Na mesma época os jornais, revistas e livros também testemunharam a crescente publicação de textos escritos por mulheres americanas. Elas tomaram parte nos debates políticos, defenderam as causas nacionais e suas próprias causas como parte integrante da jovem nação e como um grupo “esquecido” após os conflitos, mas que participou ativamente do esforço de guerra e contribuiu para o fortalecimento da causa a que todos se lançaram contra a antiga metrópole, conforme o discurso mobilizador da época da Revolução.

### **1.1 AS MULHERES AMERICANAS DURANTE E APÓS AS GUERRAS DE INDEPENDÊNCIA (1775-1820)**

Em 1848, durante a primeira Convenção pelos Direitos das Mulheres, em Seneca Falls, Elizabeth Cady Stanton surpreendeu a todos os presentes ao apresentar a

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. 1ªed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. Mais informações sobre os mitos de fundação da República dos Estados Unidos e a narrativa dos “Pais Fundadores” também estão presentes nas obras: JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado Nacional e Narrativa da Nação (1776-1900)*. 2ªed. São Paulo: EDUSP, 2018; KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação*. 5ªed. São Paulo: editora Contexto, 2001; e RAPHAEL, Ray. *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos*. 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

sua Declaração de Sentimentos, um documento assinado por 68 mulheres e 32 homens e que ecoava os termos da Declaração de Independência redigida por Thomas Jefferson em 1776. Stanton reescreveu a famosa Declaração apresentando uma nova versão que mantinha as mesmas justificativas para a emancipação dos americanos com relação aos ingleses.

Desta vez, porém, ela escreveu em defesa da emancipação das mulheres americanas com relação aos homens, considerando que “apesar da América ter conquistado a independência com a Revolução, não houve uma ruptura legal intensa com o passado. O sistema de leis comuns permaneceu intacto. Na verdade, em certo sentido, o objetivo era a continuidade, não a derrubada”<sup>4</sup> (RICCI, 2009, p.212). Ou seja, Stanton sagazmente mostrava que a discussão sobre dependência/independência ainda tinha muito a ser explorada e enfrentada. Elizabeth Cady Stanton escreveu a Declaração de Sentimentos em protesto às condições limitadas de educação das mulheres, à posição inferior nas igrejas, à exclusão das profissões e em crítica à hipocrisia moral como forma de controle dos comportamentos das mulheres. Além disso, tratou do status legal delas, por não terem direito à cidadania e para criticar a subordinação de filhas e esposas à autoridade masculina no ambiente doméstico. Estes aspectos precisavam ser corrigidos à luz da razão e da religião cristã, considerando que durante as Guerras de Independência as mulheres exerceram importantes papéis ativos e políticos.

Com o fim das guerras, porém, as mulheres foram forçadas a voltar para suas casas e famílias, para o que se considerava culturalmente como o seu lugar apropriado. Stanton, porém, apresentou sua Declaração como uma prova da contradição e da injustiça dos homens, já que a Declaração de Independência oficial considerava a liberdade e a igualdade como princípios/direitos fundadores da nação, mas não incluiu as mulheres como beneficiadas por estes direitos. Neste sentido, para criticar o tratamento reservado às mulheres pelos homens, ela escreveu:

Ele nunca permitiu que ela exercesse seu direito inalienável à franquia eletiva. Ele a obrigou a se submeter às leis cuja elaboração ela não teve voz... Ele a fez, se casada, aos olhos da lei, civilmente morta. Ele tirou dela todos os direitos de propriedade, até o salário que ela ganha. Ele formulou as leis do divórcio, quanto às causas adequadas, e no caso de separação, a quem a guarda dos filhos será dada, sem considerar a felicidade das mulheres. A lei, em todos os casos, parte de uma falsa suposição da supremacia do homem... Depois de privá-la de todos os direitos de mulher casada, se solteira e dona

---

<sup>4</sup>Although America gained independence from the Revolution, there was no sharp *legal* break with the past. The common law system (American style) remained intact. Indeed, in some sense, the aim of the Revolution was continuity, not overthrow (RICCI, 2009, p.212).

de uma propriedade, ele a tributou para sustentar um governo que a reconhece apenas quando sua propriedade pode ser lucrativa<sup>5</sup> (STANTON, 1848; In: KERBER, 1977, p.116).

Este texto enfrenta diretamente a posição das mulheres como dependentes e tuteladas dos homens, mas também questiona o alcance real da Declaração de 1776, pois apesar dos esforços coletivos, apenas grupos seletos de homens brancos e de classes mais altas puderam usufruir das condições políticas e sociais, considerando que “a Declaração de Independência pode ter escrito que *todos os homens são criados iguais*, mas poucos são os que defendem que as mulheres acreditavam que essa retórica se aplicava a elas” (SKEMP, 2016, p.2). Frente a essa situação foi imperativo apresentar propostas de mudanças sociais, políticas e legais, neste caso, embasadas no próprio documento oficial da Declaração.

Elizabeth Cady, assim como Murray, escreveu sobre a situação das mulheres nos Estados Unidos. Em seus textos elas não fizeram distinções de classe, gênero ou etnia, mas devemos considerar que suas ideias sobre a proatividade das mulheres não condiziam com a realidade de todas. As mulheres das classes trabalhadoras, por exemplo, tinham jornadas de trabalho exaustivas, muitas vezes eram analfabetas e precisavam cuidar de suas casas. Devemos considerar também as mulheres negras, que enfrentavam ainda o preconceito racial e os efeitos da escravidão. Portanto, eram poucas as mulheres que tinham acesso aos textos de Stanton ou de Murray, de buscar o conhecimento sozinhas e de escrever. Por este motivo, considero que em especial Murray teve verdadeiro impacto nas camadas mais altas da sociedade. Entre suas críticas estão os diversos padrões de comportamento feminino idealizados pelo “Culto da Verdadeira Feminilidade”<sup>6</sup>, que estava atrelado a maneira como as mulheres das classes mais altas deveriam se conduzir em sociedade.

### 1.1.1 A História Doméstica da Revolução Americana

---

<sup>5</sup>He has never permitted her to exercise her inalienable right to the elective franchise. He has compelled her to submit to laws in the formation of which she had no voice... He has made her, if married, in the eye of the law, civilly dead. He has taken from her all right in property, even to the wages she earns. He has so framed the laws of divorce, as to what shall be the proper causes, and in the case of separation, to whom the guardianship of the children shall be given, as to be wholly regardless of the happiness of women. The law, in all cases, going upon a false supposition of the supremacy of man...After depriving her of all rights as a married woman, if single, and the owner of property, he has taxed her to support a government which recognizes her only when her property can be made profitable to it (STANTON, 1848; In: KERBER, 1977, p.116).

<sup>6</sup> Cult of True Womanhood”, discutido no tópico 1.1.2 “A sociedade e a política do pós-guerra para as mulheres”.

Em 1854, Elizabeth Ellet também propôs algumas mudanças sociais quando publicou “A História Doméstica da Revolução Americana”<sup>7</sup>, livro no qual compilou dezenas de exemplos de mulheres que haviam sido decisivas para o sucesso dos homens durante a guerra. Ela utilizou este trabalho para argumentar fortemente em favor dos direitos políticos das mulheres. Nas páginas de sua obra ela retorna ao período revolucionário, explicando que

nesse período a influência e o empenho das mulheres em todas as partes do país contribuíram para promover um espírito de patriotismo. Elas confirmaram a devoção própria daqueles que se aventuravam pela causa comum. Elas enfrentaram períodos de frieza e lentidão e, no período de escuridão mais profunda, espantaram o desânimo. Elas voluntariamente compartilharam perigos e privações inevitáveis, renunciaram sem pesar às perspectivas de vantagem para si mesmas e se separaram daqueles que amavam mais do que a vida, sem saber quando os encontrariam novamente<sup>8</sup> (ELLETT, 1854, p.42).

Esta passagem dá a entender que as mulheres tinham consciência da importância do momento que viveram e que voluntariamente e por iniciativa própria, auxiliaram da forma que podiam os homens que estavam diretamente envolvidos nas batalhas. É importante ressaltar que Elizabeth Ellet também chama a atenção para a força feminina e o enfrentamento das circunstâncias adversas que as afetavam tanto quanto aos homens, pois enquanto eles estavam distantes, foram elas as responsáveis pelas propriedades e por manter o sustento das famílias, além do fato de que lidavam todos os dias com a incerteza do sucesso e do retorno de seus familiares.

A autora também escreveu que “os sacrifícios patrióticos das mulheres eram feitos com grande entusiasmo e não com lamentos. Algumas deram suas propriedades e saíram de casa em casa para solicitar contribuições para o exército”<sup>9</sup>(ELLETT, 1854, p.43). O patriotismo intensos das mulheres também era demonstrado quando elas bordavam as bandeiras e disseminavam as cores nacionais, algo muito retratado após a independência em imagens que divulgavam as tarefas das mulheres e a importância delas na retaguarda de seus lares. Entretanto, para Ellet, estas eram imagens que

---

<sup>7</sup>Domestic History of the American Revolution.

<sup>8</sup>At this period the influence and exertions of women in all parts of the country contributed to promote a spirit of patriotism. They animated the courage, and confirmed the self-devotion of those who ventured all in the common cause. They frowned upon instances of coldness or backwardness, and in the period of deepest gloom, cheered and urged onward the desponding. They willingly shared inevitable dangers and privations, relinquished without regret prospects of advantage to themselves, and parted with those they loved better than life, not knowing when they were to meet again (ELLETT, 1854, p.42).

<sup>9</sup>The patriotic sacrifices of the women were made with a deep enthusiasm. Some gave their own property, and went from house to house to solicit contributions for the army (*Ibid*, p.43).



ressignificavam o papel patriótico das mulheres na guerra, ao invés de reforçar o papel doméstico que elas tinham como esposas e costureiras.

Ela também demonstrou extenso conhecimento sobre os envolvidos na Guerra de Independência e de como os acontecimentos se seguiram, citando diversos nomes e datas ao longo do livro para destacar o que faziam as mulheres enquanto os grandes feitos masculinos eram retratados pelos registros oficiais. Em uma destas passagens, quando ela se refere ao ano de 1776, início da guerra, ela demonstra como as mulheres estavam envolvidas desde o princípio e que seu apoio foi crucial para o sucesso dos homens no campo de batalha.

Quando a aproximação do inverno deste ano trouxe temores de que os recursos do país dificilmente renderiam suprimentos para as necessidades urgentes do exército, as mulheres foram ativas em esforços benevolentes. O suprimento de roupas domésticas, destinadas às famílias foi em pouco tempo convertido, pelo trabalho das mulheres, em casacos para os soldados; lençóis e cobertores foram transformados em camisas; e até mesmo a flanela já confeccionada foi alterada para trajes masculinos. Essa ajuda foi prestada por muitas cujos atos de generosidade desinteressada nunca foram conhecidos além de sua vizinhança imediata<sup>10</sup> (ELLETT, 1854, p.44).

A autora destaca a capacidade das mulheres de lidar com as circunstâncias adversas em passagens como esta e continua seu retrato da Revolução Americana através da vida doméstica e, conseqüentemente, da visão das mulheres, mencionando as moças que serviram de espiãs para os dois lados do conflito e que souberam utilizar de suas posições e de sua imagem insuspeita para suas atividades de espionagem. O medo e a insegurança eram explorados por elas para conseguir a proteção de homens importantes e o acesso a documentos de interesse.

Ela também chama a atenção para os esforços das esposas dos generais, comandantes, capitães e tenentes americanos, que além da administração das propriedades, se articularam para conseguir a maior quantidade possível de mantimentos para seus maridos e muitas vezes foram pessoalmente até os acampamentos fornecer informações valiosas sobre a movimentação inimiga. Um dos muitos exemplos trazidos por Ellet diz respeito às mulheres de Connecticut.

---

<sup>10</sup>When the approach of winter this year brought fears that the resources of the country would hardly yield supplies for the pressing wants of the army, the women were active in benevolent efforts. The supply of domestic cloth, designed for families, was in a short time converted by the labor of the females into coats for the soldiers; sheets and blankets were fashioned into shirts; and even the flannel already made up was altered into men's habiliments. Such aid was rendered by many whose deeds of disinterested generosity were never known beyond their own immediate neighborhood (ELLETT, 1854, p.44).

Cerca de trinta das senhoras mais respeitáveis de East Haddam, Connecticut, se encontraram e descascaram, em poucas horas, cerca de duzentos e quarenta alqueires de milho. As colheitas de Connecticut e Nova Jersey foram colhidas pelas mulheres e pelos velhos, enquanto a milícia desses estados esperava em Nova York e em Long Island, para o desembarque do inimigo. Seu nobre exemplo foi seguido por outras, cujos pais e irmãos estavam lutando nas batalhas da nação<sup>11</sup> (ELLETT, 1854, p.61).

Ellet cita este esforço para afirmar que as mulheres não eram fracas ou tímidas e que não tinham medo do trabalho braçal, e que este trabalho também contribuía para o sustento das tropas e das pessoas que haviam ficado em suas casas. É notável a maneira como a autora destaca isso como sendo tão importante quanto o movimento dos homens que lutavam nas batalhas.

Neste sentido, ela também retrata as mulheres que se colocaram em perigo iminente e enfrentaram as adversidades com bravura para garantir que as tropas seriam bem sucedidas e teriam o que comer, especialmente durante o inverno. Estes esforços, combinados com a motivação e união que elas propagavam, não podiam ser esquecidos. Por isso, ela se refere a mais dois episódios protagonizados pelas mulheres durante as guerras:

As damas não se esquivavam de sua parte nessas privações, ou de trabalhos de bondade. Mrs. Knight foi uma das muitas que ajudaram a aliviar os horríveis sofrimentos do exército - cozinhando e levando provisões para eles através da neve, sozinha; até mesmo passando pelos postos avançados do exército britânico sob o disfarce de uma mulher do mercado. A Sra. Washington, com outras, por sua bem disposta resistência às adversidades, fortaleceu os ânimos de muitos que teriam se queixado e deu esperança e confiança aos desanimados<sup>12</sup> (ELLETT, 1854, p.100).

Além disso, a autora destaca a posição não oficial de mulheres, e até mesmo de crianças e jovens, ao auxiliar as tropas americanas na inteligência, levando em consideração que não havia sistema organizado de espionagem entre os americanos e que o serviço de espionagem britânico estava muito à frente. Ela destaca que muitas foram as mulheres que contribuíram para que as informações chegassem até as pessoas

<sup>11</sup> Some thirty of the most respectable ladies in East Haddam, Connecticut, met and husked, in a few hours, about two hundred and forty bushels of corn. The harvests of Connecticut and New Jersey had been got in by the women and old men, while the militia of those States were waiting at New York and on Long Island, for the landing of the enemy. Their noble example was followed by others whose fathers and brothers were fighting the battles of the nation (ELLETT, 1854, p.61).

<sup>12</sup>The ladies did not shrink from their share in these privations, or from labors of kindness. Mrs. Knight was one of many who aided to relieve the horrible sufferings of the army —cooking and carrying provisions to them through the snow, alone; even passing through the outposts of the British army in the disguise of a market woman. Mrs. Washington, with others, by her cheerful endurance of hardship, strengthened the fortitude of many who would have complained, and gave hope and confidence to the desponding (*Ibid*, p.100).

certas, sendo uma delas uma garota que usava o disfarce de comerciante para conseguir informações em Nova York para os rebeldes.

A rede de espionagem americana se desenvolveu lentamente, mas foi consistentemente formada durante os anos da Revolução Americana sob a supervisão do major Benjamin Tallmadge, que também se beneficiou dos riscos corridos pelas mulheres para reunir informações importantes, como quando Ellet descreve a experiência que ele teve ao encontrar a mencionada garota de Nova York. A ação quase foi interceptada pelos ingleses, mas os dois conseguiram fugir a tempo. Conforme destacado no livro, a bravura da menina é mais um dos indícios da coragem feminina, que não se intimidava frente ao perigo.

Ouvindo que uma garota do interior tinha entrado na cidade com ovos - enviada por um dos oficiais americanos para obter informações - Tallmadge avançou em direção às linhas britânicas e desmontou do cavalo em frente a uma pequena taverna à vista de seus postos avançados. A garota foi à taverna, mas enquanto comunicava suas informações ao major, deu-se o alarme de que a cavalaria ligeira dos britânicos se aproximava. Tallmadge montou instantaneamente e enquanto ela implorava proteção, ordenou que ela montasse atrás dele. Eles cavalgaram cinco quilômetros a toda velocidade até Germantown, não demonstrando, a donzela, nenhum medo durante o trajeto, embora houvesse muitos disparos de pistolas e alguns giros e investidas. A tradição relata que algumas das mulheres na Filadélfia, cujos maridos estavam no exército americano, costumavam obter informações por meio de um rapaz do mercado que vinha à cidade trazer mantimentos e carregava os despachos enviados por seus amigos nas costas de seu casaco<sup>13</sup> (ELLETT, 1854, p.105).

Ao longo do livro, Elizabeth Ellet constrói outra história da experiência americana nas Guerras de Independência do ponto de vista da jovem nova-iorquina sem medo e de inúmeras outras mulheres que contribuíram de alguma forma para os esforços que estavam sendo empregados. A autora repassou todos os “grandes eventos” e batalhas que levaram os americanos à vitória, mas sempre destacando a agência feminina, indireta na maioria das vezes, mas não menos importante do que a participação de seus parentes do sexo masculino.

---

<sup>13</sup>Hearing that a country girl had gone into the city with eggs—having been sent by one of the American officers to gain information—Tallmadge advanced towards the British lines, and dismounted at a small tavern within view of their outposts. The girl came to the tavern, but while she was communicating her intelligence to the Major, the alarm was given that the British light-horse were approaching. Tallmadge instantly mounted, and as she entreated protection, bade her get up behind him. They rode three miles at full speed to Germantown, the damsel showing no fear during the ride, though there was much firing of pistols, and some wheeling and charging. Tradition relates that some of the women in Philadelphia, whose husbands were in the American army, used to procure intelligence through a market boy, who came into the city to bring provisions, and carried the dispatches sent by his friends in the back of his coat. (ELLETT, 1854, p.105)

A historiadora Samantha Ricci também destaca que conforme a Revolução se expandia “as mulheres se tornavam cada vez mais envolvidas com o clima político. Como consumidoras, elas deixaram de usar roupas britânicas e passaram a usar roupas feitas em casa”<sup>14</sup> (RICCI, 2009, p.211). Elas passaram a comprar produtos americanos e se inserir de alguma forma nos movimentos de vigilância, supervisionando mercadores e consumidores para que todos participassem das ações de boicote contra os produtos britânicos. Algumas mulheres organizaram ações públicas e campanhas de petição para ajudar soldados e viúvas. Além disso, elas tomaram à frente dos trabalhos nas fazendas e dos negócios de seus maridos ausentes.

As experiências destas mulheres nos mais diferentes locais e nas mais diferentes situações deixa claro que a participação delas foi tão ousada e sem garantias quanto à participação dos homens, sendo a vitória resultado direto do esforço coletivo que “será visto como uma vasta despesa de sangue e sofrimento, de labuta e tesouro [que] foi adquirida para a liberdade nacional que, com suas incontáveis bênçãos, é nossa herança”<sup>15</sup>. Desta forma, “será visto, além disso, que os homens e mulheres da América durante a Revolução, agiram com um coração e uma mente, em toda a sua devoção à causa - seja no Leste, nos Estados do Meio ou no Sul”<sup>16</sup> (ELLETT, 1854, p.307). Tendo agido com os mesmos interesses, seria o direito natural de homens e de mulheres unir-se para organizar a nação após a vitória, porque todos os que amavam e sofriam pelo país deveriam ser considerados cidadãos.

### **1.1.2 A sociedade e a política do pós-guerra para as mulheres**

Apesar desta experiência comum e de terem compartilhado as turbulências, os perigos e ameaças, as mulheres não usufruíram dos benefícios políticos e sociais após a vitória das ideias revolucionárias. Linda Kerber, historiadora americana e especialista na história das mulheres durante as Guerras de Independência, também escreveu no início de sua obra “Women of the Republic” (1980) sobre a participação feminina.

---

<sup>14</sup>women became more and more involved in the political climate of the day. As consumers, they were asked to refrain from wearing British clothes and instead to wear “homespun” clothing (RICCI, 2009, p.211).

<sup>15</sup>It will be seen at how vast an expense of blood and suffering, of toil and treasure, was purchased the national freedom which, with its countless blessings, is our inheritance (ELLETT, 1854, p.307).

<sup>16</sup>It will be seen, moreover, that the men and women of America during the Revolution, acted with one heart and one mind, in their entire devotion to the cause—whether at the East, in the Middle States, or at the South (*Ibid*, p.307).

O início da república parece diferente quando visto pelos olhos das mulheres. O exército revolucionário acabou dependendo das mulheres para cuidar da saúde, cozinhar e limpar. Tanto as forças patriotas quanto as conservadoras podiam recrutar homens não porque mulheres alegres os dispensavam à guerra, mas porque essas mesmas mulheres bravamente permaneceram sozinhas, mantendo fazendas e engenhos familiares em operação, afastando posseiros e protegendo a propriedade da família com seu trabalho pesado, frequentemente com grave risco físico<sup>17</sup> (KERBER, 1980, p.XI-XII).

Cabe destacar como Kerber relaciona o fato de que os homens puderam lutar as batalhas porque as mulheres ficaram para tomar conta das propriedades, realizando esta tarefa com coragem e enfrentando grandes perigos. O trabalho braçal, já conhecido das mulheres trabalhadoras e que ajudavam no sustento da família, foi também exercido por mulheres das classes médias e por aquelas que estiveram diretamente ligadas aos homens na batalha, tomando os lugares deles, cuidando da manutenção das propriedades e mantendo suas responsabilidades domésticas.

Foram, portanto, sujeitos ativos, mas tiveram que enfrentar o questionamento em voga durante todo o século XVIII sobre o espaço adequado a elas na sociedade e na política.

Uma ideologia republicana redefiniu a ordem política e desafiou pressupostos fundamentais: o que significa ser cidadão? Quem tem o direito de governar? Quem deve se contentar em ser governado? Mas a ideologia republicana preocupava-se principalmente com um único sexo, em vez de uma comunidade americana de ambos os sexos. [...] As mulheres foram pensadas para fazer suas escolhas morais no contexto da família, domínio da mulher<sup>18</sup> (KERBER, 1980, p.7).

Os interesses das famílias eram, de fato, defendidos pelas mulheres que se arriscaram para contribuir como sucesso dos homens, mas a posição política também estava presente, contrariando o senso comum de que o patriotismo entre as mulheres era limitado. A necessidade de uma nova organização nacional, que pela primeira vez não dependia mais dos decretos britânicos, levou à necessidade de organizar também o espaço social dos diferentes sujeitos. Após tomarem parte nas discussões pelas páginas

<sup>17</sup>The early republic does look different when seen through women's eyes. The revolutionary army turns out to have been dependent on women for nursing, cooking, and cleanliness. Both patriot and tory forces could recruit men not because cheerful women waved them off to war, but because those same women bravely stayed on alone, keeping family farms and mills in operation, fending off squatters, and protecting the family property by their heavy labor, often at grave physical risk (KERBER, 1980, p.XI-XII).

<sup>18</sup>A republican ideology redefined the political order and challenged fundamental assumptions: what does it mean to be a citizen? Who has a right to rule? Who ought to be content with being ruled? But republican ideology primarily concerned a single sex rather than an American community of both sexes. [...] Women were thought to make their moral choices in the context of the household, a woman's domain (*Ibid*, p.7).

dos jornais e nos círculos literários, as mulheres viram sua presença crescer cada vez mais, assim como cresceu também a confusão ao redor do que seria adequado para uma mulher republicana e de que forma ela poderia contribuir para o crescimento da nação.

Tudo isso considerando que, de acordo com Kerber, “mesmo os homens americanos mais radicais não tinham a intenção de fazer uma revolução no status de suas esposas e irmãs. Atutela marital continuou no início da República a moldar as relações das mulheres com o Estado”<sup>19</sup> (KERBER, 1980, p.9). Isso quer dizer que as diferentes camadas do que significava ser um sujeito político e do que significava ser cidadão começaram a aparecer de maneiras diferentes para homens e para mulheres.

Para os homens os horizontes eram abertos na política, na economia e na educação, mas os serviços prestados pelas mulheres “não mudaram sua identidade doméstica, ou desafiaram de maneira séria a definição tradicional do domínio feminino”<sup>20</sup> (RICCI, 2009, p.211). Desta forma, a tarefa da nova “Mãe Republicana” era a de ser virtuosa e criar seus filhos homens para serem cidadãos, sendo esta a contribuição delas para a sociedade, como papel político importante que estava implícito na vida doméstica.

A construção da identidade nacional, portanto, passava pelas questões femininas e tinha nas mulheres importantes personagens, mas limitadas às situações em que eram verdadeiramente “úteis”, como haviam sido ao tomar os lugares de seus maridos na administração das propriedades durante as Guerras de Independência, para depois serem relegadas aos seus papéis tradicionais. O simbolismo da mulher cuidadora, corajosa e virtuosa havia servido ao propósito da união coletiva, mas após assegurada a independência, ocorreu uma transformação na memória nacional, moldada pelos discursos de fundação em favor dos generais, soldados e estadistas. De acordo com Anne McClintock (2010), este processo de moldar e controlar a memória coletiva serve não apenas para assegurar os direitos das classes dominantes da sociedade, mas para inserir outras classes na nova organização social.

Mesmo assim, essa designação, se deparou com dificuldades, pois as próprias mulheres passaram a questionar a educação que elas poderiam dar a seus filhos, considerando que elas mesmas não tinham tido acesso à educação formal, ou ampla,

---

<sup>19</sup>Even the most radical American men had not intended to make a revolution in the status of their wives and sisters. Coverture continued into the early Republic and continued to shape the relations of women to the state (KERBER, 1980, p.9).

<sup>20</sup>did not change their domestic identity, nor did they seriously challenge the traditional definition of the woman’s domestic domain (RICCI, 2009, p.211).

como seus irmãos. Na teoria a República exigia, por meio dos discursos especializados e cultos dos médicos e filósofos, que a mulher fosse educada para ser mãe, mas na prática, além de não ter o conhecimento suficiente para as responsabilidades que esta educação requeria, a mulher ainda tinha que lidar com a tradição doméstica que condenava a escolaridade feminina com mais qualidade para que a estabilidade familiar não fosse ameaçada.

A nação também testemunhou o desenvolvimento de uma ideologia ambivalente em relação ao papel político das mulheres. Charles Brockden Brown, Benjamin Rush e alguns outros homens pensaram seriamente sobre as implicações da nova república na vida das mulheres. Mas os arquitetos centrais da nova ideologia feminina foram as mulheres: não apenas Judith Sargent Murray e Susannah Rowson, mas também a "defensora feminina" anônima de Hartford, Connecticut, romancistas como Hannah Webster Foster e suas filhas, e dramaturgas, como Mercy Otis Warren<sup>21</sup> (KERBER, 1980, p.11).

As mulheres citadas por Linda Kerber podem ser consideradas pessoas que ajudaram a formar a própria ideologia feminina em contraposição àquela que fora moldada pelos homens. A experiência com a Revolução foi muito importante no desenvolvimento da consciência de Judith Murray, Susannah Rowson, Hannah Webster Foster e Mercy Otis Warren, e para a formulação de suas críticas às limitações das mulheres impostas pelos preconceitos e injustiças que não deveriam mais ter lugar na nova ordem social e política nascida da luta de homens e mulheres.

Depois da guerra, as mulheres marcharam, fizeram petições aos legisladores, compareceram às sessões do Congresso e participaram de comícios políticos - dando seu apoio a candidatos ou facções específicas. Mulheres da elite publicaram romances, poemas e peças. Alguns abriram seus salões onde homens e mulheres se reuniam para discutir questões políticas<sup>22</sup> (SKEMP, 2016, p.2).

Não é possível negar que homens e mulheres tiveram experiências diferentes durante os anos de luta nas Guerras de Independência, mas a valorização exclusiva de

---

<sup>21</sup>The nation also witnessed the development of an ambivalent ideology concerning the political role of women. Charles Brockden Brown, Benjamin Rush, and a few other men thought seriously about the implications of the new republic on women's lives. But the central architects of the new female ideology were women: not only Judith Sargent Murray and Susannah Rowson, but also the anonymous "Female advocate" of Hartford, Connecticut, novelists like Hannah Webster Foster and her daughters, and playwrights, like Mercy Otis Warren (KERBER, 1980, p.11).

<sup>22</sup> After the war, women marched in parades, lobbied and petitioned legislators, attended sessions of Congress, and participated in political rallies—lending their support to particular candidates or factions. Elite women published novels, poems, and plays. Some hosted salons where men and women gathered to discuss political issues (SKEMP, 2016, p.2).

apenas um dos lados foi amplamente questionada pelas mulheres que se fizeram ouvir através dos jornais, revistas, romances e nos círculos literários, já que “muito antes da famosa Convenção dos Direitos da Mulher de Nova York em 1848, as mulheres americanas haviam começado a explorar as implicações da revolução republicana em suas vidas”<sup>23</sup> (KERBER, 1980, p.11). Elas resgataram principalmente os debates sobre a educação feminina que estavam em voga na Inglaterra desde o século XVI. Como antiga colônia britânica, os Estados Unidos experimentaram, durante mais de duzentos anos, as influências socioculturais e políticas do domínio inglês e da cultura europeia. Ainda antes da Revolução Americana, a educação das mulheres era discutida especialmente quanto à infância e a época de sua apresentação à sociedade, sendo que as Guerras de Independência e a nova organização política favoreceram a retomada destes debates sobre contribuição da mulher a partir de uma boa educação.

Estas implicações estavam diretamente relacionadas com uma imagem idealizada da mulher republicana, envolvendo a maternidade e o matrimônio como justificativas para a posição social da mulher e para a posição excludente da política, mesmo que de maneira informal. Tratava-se de designações que colocavam que a mulher deveria exercer certo papel em sua própria casa e não na vida pública, sendo que essa limitação negava o acesso das mulheres à esfera da ação política, porque “se as mulheres não eram mais pré-políticas, certamente não eram totalmente políticas. A imagem da Mãe Republicana poderia ser usada para mascarar o verdadeiro lugar das mulheres na pólis: elas ainda estavam em seus limites”<sup>24</sup> (KERBER, 1980, p.12). Além disso, este ideal de domesticidade não pode ser dissociado do discurso religioso que permeava toda a vida das mulheres. Os pastores, educadores/as e líderes religiosos advogaram pela construção de um ideal de lar que teria o poder de moldar uma nova geração de americanos para a piedade, o respeito à família e o autocontrole do corpo. Este discurso religioso protestante ganhou força durante a primeira metade do século XIX em especial ao redor do conceito de “conforto”, definido como o principal valor dentro do culto à domesticidade. Imagens ilustrando o que era este conforto circulavam em livros e manuais destinados principalmente às jovens mães.

---

<sup>23</sup>Long before the famous New York Women’s Rights Convention in 1848, American women had begun to explore the implication of the republican revolution for their lives (KERBER, 1980, p.11).

<sup>24</sup>If women were no longer prepolitical, they certainly were not fully political. The image of the Republican Mother could be used to mask women’s true place in the polis: they were still on its edges (*Ibid*, p.12).





Figura 1 - Mother reading to children. The Family Christian Almanac. American Tract Society, 1869.

A imagem acima circulou amplamente, retratando “um ideal materno reconfortante”<sup>25</sup> (MORGAN, 1999, p.233) para contrastar com a ideia de indiferença, de egoísmo em relação à família, atribuído às mulheres que escolhiam não se casar. A gentileza e o afeto entre as crianças e suas mães eram valorizados nas páginas das revistas, assim como a obediência nas páginas dos livros para as crianças. A literatura doméstica representava não apenas a cultura, mas a fonte de entretenimento e conforto confiável que moldaria a vida em família. Assim, aos poucos, mais deveres e responsabilidades foram adicionados às expectativas sociais femininas e ao ambiente doméstico.

À tradicional responsabilidade da mãe pela manutenção da economia doméstica, e à expectativa de que ela fosse uma pessoa religiosa, foi adicionada a obrigação de ser também uma cidadã virtuosa e informada. Ela deveria observar o mundo político com um olhar racional, e deveria guiar seu marido e filhos em seu próprio caminho<sup>26</sup> (KERBER, 1980, p.235).

Esta imagem de uma “Mãe Republicana” era o espelho do que havia sido a Mãe Espartana, ao criar seus filhos para que estivessem dispostos a se sacrificar pelo bem de todos, assim como ela mesma. A ideologia republicana que os americanos

<sup>25</sup> a cozy, comforting maternal ideal (MORGAN, 1999, p.233).

<sup>26</sup>The vision of the republican mother owed a debt to the Enlightenment to the Revolution. To the mother’s traditional responsibility for maintenance of the household economy, and to the expectation that she be a person of religious faith, were added the obligation that she also be an informed and virtuous citizen. She was to observe the political world with a rational eye, and she was to guide her husband and children in making their way through it (KERBER, 1980, p.235).

criaram a respeito das mulheres, proporcionava uma aparente integração do comportamento doméstico e do papel político, numa combinação “que mascarava o propósito político pela promessa do serviço doméstico”<sup>27</sup> (KERBER, 1976, p.188).

Em 1791, a capa da *Massachusetts Magazine* trouxe ainda outro modelo de feminilidade para servir de guia para as mulheres educadas e que evidenciava a confusão em torno do que seria adequado a elas. A personagem feminina da capa estava cercada por duas figuras mitológicas que faziam referência à educação, portando uma aura de seriedade intelectual e feminilidade atraente.

As Belas Filhas de Massachusetts são representadas coletivamente pela figura simbólica de uma jovem elegante e talentosa, sentada em sua sala de estudos, contemplando as várias páginas da Revista. A familiaridade geral com os ramos necessários da leitura e da escrita e com os ramos mais ornamentais da História e da Geografia é retratada pelos instrumentos da Ciência que adornam o Salão da Meditação. Minerva, a Deusa da Sabedoria, assistida por Cupido, a adornam com uma coroa de louros: a tocha ardente do Hímen é exibida no alto - uma delicada sugestão de que o conhecimento, combinado com a beleza, acende as chamas mais puras do amor. Nessa representação, amor e aprendizado foram combinados perfeitamente, e tanto Cupido quanto Minerva coroaram as conquistas dessa figura simbólica. Conhecimento, combinado com beleza<sup>28</sup> (MCMAHON, 2012, p.7).

---

<sup>27</sup>that masked political purpose by promise of domestic service (KERBER, 1976, p.188).

<sup>28</sup> The Fair Daughters of Massachusetts, are collectively represented by the symbolic figure of an elegant and accomplished young Lady, seated in her study, contemplating the various pages of the Magazine. Their general acquaintance with the necessary branches of reading and writing, and the more ornamental ones, of History and Geography, is happily depicted, by those instruments of Science, which adorn the Hall of Meditation. Minerva, the Goddess of Wisdom, assisted by Cupid, crowns her with a chaplet of Laurel: Hymen's burning Torch is displayed aloft—a delicate intimation, that knowledge, combined with beauty, enkindles the purest flames of love. In this representation, love and learning were coupled seamlessly in that both Cupid and Minerva crowned the achievements of this symbolic figure. Knowledge, combined with beauty (MCMAHON, 2012, p.7).



FIGURA 2 - Imagem de capa: Massachusetts Magazine, 1791.

Apesar do ideal de equilíbrio para a mulher, que deveria ser suficientemente educada e polida, mas também bela e virtuosa, sua essência familiar e doméstica era priorizada frente a qualquer tipo de educação mais qualificada que ela pudesse receber. Este era o reflexo do “Culto da Verdadeira Feminilidade” (Cult of True Womanhood), enraizado no culto à domesticidade para reger a conduta prática das mulheres na Modernidade Ocidental, que justificava certo papel social para elas. Sua construção histórica envolveu principalmente as mulheres brancas abastadas em um apelo para que elas representassem o equilíbrio social em uma sociedade economicamente ainda instável.

As quatro virtudes da conduta de uma mulher eram a Piedade (ou religiosidade), a Pureza, a Submissão e a Domesticidade, formando uma complexa relação de condutas a serem seguidas sob pena de tornar-se “uma inimiga de Deus, da civilização e da República”<sup>29</sup> (WELTER, 1966, p.152). Estes quatro pilares formavam a base de julgamento pela qual a mulher julgaria a si mesma e pela qual também seria julgada por seu marido e pela sociedade. Sem estas virtudes a mulher estava fadada ao fracasso, independente de ter fortuna, mas com o respeito aos quatro pilares, uma vida feliz certamente seria construída.

<sup>29</sup> an enemy of God, of civilization and of the Republic (WELTER, 1966, p.152).

A Pureza era tão essencial quanto a Piedade para uma jovem, e sua ausência era antinatural e não feminina. Sem ela, a mulher não era, de fato, nenhuma mulher, mas membro de alguma ordem inferior. Uma "mulher caída" era um "anjo caído", indigno da companhia celestial de seu sexo. Contemplar a perda da pureza trazia tristeza; ser culpada de tal crime, pelo menos nas revistas femininas, trazia loucura ou morte<sup>30</sup> (WELTER, 1966, p.154).

A Pureza e a inocência precisavam ser protegidas do mal externo pela própria mulher e por sua família, mal representado pelos prazeres carnais antes do casamento e que faziam parte da provação das jovens. Elas precisavam manter-se firmes contra os avanços dos homens, que agiam de acordo com sua “natureza” e ao mesmo tempo julgavam as mulheres consideradas “virtuosas” que cediam aos seus avanços. A noite de núpcias tornava-se, assim, a noite mais importante para uma mulher, pois ela se entregava ao seu marido e tornava-se dependente legal e emocionalmente.

Seu vínculo de Submissão passava então dos pais para o marido e tornava-se a virtude mais importante. A religiosidade também era esperada dos homens, mas não como aspecto fundamental ou decisivo de sua conduta, como deveria ser para as mulheres ao longo de toda a vida. Eles eram os atores e suas esposas e mães eram as espectadoras. Esta ordem de diálogo designava o homem como o guia da mulher por determinação de Deus. Por este motivo, a mulher precisava ser protegida e ao mesmo tempo ser o apoio de seu marido, tendo um lugar inquestionável como “filha, irmã, mas principalmente como esposa e mãe” (WELTER, 1966, p.162), denominações sempre relacionadas ao outro, um homem, sem uma identidade independente.

As mulheres precisavam encontrar na domesticidade o sentido de sua existência, algo que conflitava com o debate sobre a educação das mulheres. Questionamentos eram constantes sobre o tempo que uma educação mais qualificada ocuparia e sobre as distrações que traria das responsabilidades domésticas. Por estes motivos, novos discursos surgiram alegando que “a verdadeira educação de uma mulher nunca está completa até ela ser instruída na arte da domesticidade”<sup>31</sup> (WELTER, 1966, p.166). Este foi o argumento de Helen Irving, por exemplo, quando escreveu para uma revista que as mulheres virtuosas deveriam desempenhar seus papéis com alegria dentro de casa justamente pelo fato de saberem que eram capazes de coisas grandiosas,

---

<sup>30</sup> Purity was as essential as piety to a young woman, its absence as unnatural and unfeminine. Without it she was, in fact, no woman at all, but a member of some lower order. A "fallen woman" was a "fallen angel," unworthy of the celestial company of her sex. To contemplate the loss of purity brought tears; to be guilty of such a crime, in the women's magazines at least, brought madness or death (WELTER, 1966, p.154).

<sup>31</sup> for a true woman's education was never "finished" until she was instructed in the gentle science of homemaking (*Ibid*, p.166).

direcionando suas certezas e ambições ao ambiente doméstico para buscar constantemente a perfeição que não podiam buscar fora (WELTER, 1966).

Dessa forma, o modelo da “Verdadeira Feminilidade” desenhado para as classes médias e altas viu na educação do final do século XVIII uma vertente promissora, desde que fosse controlada.

A educação feminina foi necessária para a formação da “mulher ideal”. Tal educação reforçou a ideia da posição natural de subordinação das mulheres e se concentrou no fato de as mulheres serem esposas amorosas e boas mães. A alfabetização era considerada importante para a leitura da Bíblia e de outros materiais religiosos. E bordado, pintura, música, arte e francês dominaram o currículo da educação "feminina"<sup>32</sup> (PERKINS, 1983, p.18).

Na realidade, porém, poucas eram as mulheres que conseguiam ser bem sucedidas no empreendimento de se tornarem mulheres “virtuosas”. Algumas culpavam a si mesmas, outras desafiavam os padrões sociais e ainda outras tentavam manter as virtudes, mas também ampliar o escopo da feminilidade. As inúmeras exigências e falta de consenso com relação à conduta feminina geravam uma mistura de confusão, culpa, aceitação e, por vezes, questionamentos, pois ao mesmo tempo que existia uma convergência/confusão entre o “Culto à Domesticidade”, a concepção da “Mãe Republicana” e o “Culto à Verdadeira Feminilidade”, as próprias mulheres começaram a idealizar modelos de comportamento e oportunidades de educação inovadoras. Discussões foram levadas a público sobre a essência da mulher e sobre os processos de construção social que as tornavam dependentes. Escolas para meninas transformaram seus currículos e publicações cada vez mais abrangentes começaram a circular no início do século XIX.

Em contrapartida, para reforçar estas concepções de “Mãe da República” e do “Culto da Verdadeira Feminilidade”, os homens americanos começaram a explorar nos jornais o cenário das responsabilidades femininas como complementares, sendo que as habilidades racionais das mulheres deveriam coexistir com suas habilidades “naturais” de cuidado da família e da aparência. O saber não era ameaçador se não se opusesse às qualidades consideradas femininas, como a beleza, conforme se podia depreender da ilustração acima. Em resposta a essa nova disposição de suas responsabilidades, as

---

<sup>32</sup> Female education was necessary for the molding of the “ideal woman”. Such education reinforced the idea of women’s natural position of subordination and focused upon women being loving wives and good mothers. Literacy was deemed important for the reading of the Bible and other religious materials. And needlepoint, painting, music, art, and French dominated the curriculum of “female” education. (PERKINS, 1983, p.18).

mulheres continuaram a publicar suas críticas, demonstrando mais uma vez estarem cientes das demandas em torno da idealização da mulher. Judith Murray manifestou-se a respeito disso na própria *Massachusetts Magazine* como pseudônimo masculino *Mr. Gleaner*, ao escrever críticas sobre os ideais de beleza e conhecimento esperados das mulheres, conscientes das mudanças que julgavam necessárias.

Ninguém nega que as mulheres antes, durante e depois da Revolução enfrentaram severos limites em sua capacidade de agir como seres políticos. Nem ninguém nega que mesmo as mulheres mais conscientes de espírito público definiam sua relação com o Estado de maneiras diferentes<sup>33</sup> (SKEMP, 2016, p.3).

Mesmo assim, foi a partir destas diferenças que as mulheres buscaram exercer o papel político, por mais que não houvesse sido dada a oportunidade para mudarem suas expectativas no âmbito social, familiar e político. Essa busca só se intensificou durante os anos pós-independência, pois mesmo antes das Guerras “homens e mulheres estavam igualmente engajados nos debates sobre a relação entre a América e a Inglaterra”<sup>34</sup>, e tinham opiniões sobre as guerras francesas e indígenas e sobre “as disputas políticas que eclodiram sobre questões locais em províncias individuais. Elas estavam interessadas como esposas, mães, filhas, até mesmo como seres humanos, no mundo fora de casa”<sup>35</sup> (SKEMP, 2016, p.4).

Com as mudanças políticase sociais vieram as demandas por mudanças nos status das mulheres na sociedade e na vida familiar, levando em consideração que era esperado delas o comprometimento doméstico em benefício de suas famílias. Muitas delas defenderam queatravés da educação e da escrita as mulheres estariam aptas a desenvolver seus inevitáveis e patrióticos papéis políticos.

## 1.2 A EDUCAÇÃO FORMAL NOS ESTADOS UNIDOS E AS ACADEMIAS FEMININAS.

---

<sup>33</sup>No one denies that women before, during, and after the Revolution faced severe limits to their ability to act as political beings. Nor does anyone deny that even the most self-consciously public-spirited women defined their relationship to the state in ways that differed from the experiences of men (SKEMP, 2016, p.3).

<sup>34</sup>Men and women alike were engaged in the debate over America’s relationship to England (*Ibid*, p.4).

<sup>35</sup>the political quarrels that erupted over local issues in individual provinces. They were interested, as wives, mothers, daughters, even as humans, in the world outside the home (*Ibid*).

Antes da Revolução Americana, a educação para a maioria dos jovens não era uma atividade regulada. O grau e o tipo de educação que um indivíduo recebia dependiam da classe, do gênero e da raça, mas também eram afetados pelo seu lugar de origem. Em 1642, Massachusetts se tornou a primeira colônia americana a aprovar uma lei exigindo que as crianças aprendessem a ler. Em 1710, a lei foi emendada para deixar claro que os meninos deviam ser ensinados a ler e escrever, mas as meninas apenas precisavam aprender a ler.

Os colonos americanos consideravam a escrita uma habilidade especializada, necessária para os homens de negócios e para tratar das questões jurídicas, mas não tão necessária para as mulheres. Para eles, escrever era uma habilidade relacionada ao trabalho. Como as meninas não eram educadas para exercer alguma atividade profissional, mas para cuidar da casa e da família, a escrita era de pouca relevância para elas. A habilidade que correspondia à escrita era a costura ou os trabalhos de agulha. Já no século XVIII este cenário começou a sofrer algumas mudanças.

As oportunidades para a educação feminina melhoraram durante o século XVIII, porque alguns professores nas cidades ensinavam suas alunas "fora do horário". Além disso, mais cidades da Nova Inglaterra começaram a contratar professoras, dando assim às mulheres mais possibilidades de serem educadas. A caligrafia também se tornou mais fácil no século XVIII [...]. A maior disponibilidade de material de leitura secular, a criação de novas escolas e a crença de que os cidadãos da nova república deveriam ser educados levaram a um aumento da alfabetização de meninos e meninas no período após a Revolução<sup>36</sup> (SMITH, 2011, p.149).

As mudanças sociais, econômicas e governamentais proporcionadas pela Revolução Americana exigiram novos modelos de organização nacional, pois cada vez mais atenção era chamada para a questão da educação. Era de muito valor para os interesses diversos da nação que as pessoas soubessem ler, escrever e fazer contas. Além disso, as novas profissões exigiam que as pessoas se adaptassem a elas, o que deveriam fazer através de uma educação mais qualificada do que somente saber assinar o nome próprio.

A criação da identidade nacional exigia que os americanos tivessem seus próprios sistemas educacionais, porque “o governo do povo, pelo povo e para o povo

---

<sup>36</sup>Opportunities for female education improved during the eighteenth century, because some town schoolmasters taught female students “out of hours.” Furthermore, more New England towns began hiring female schoolteachers, thus giving women more prospects to be educated. Penmanship also became easier in the eighteenth century [...]. The increased availability of secular reading material, the creation of new schools, and the belief that the citizens of the new republic should be educated led to increased literacy for both boys and girls in the period after the Revolution (SMITH, 2011, p.149).

também exigia uma cidadania informada e capaz de pensar com clareza”<sup>37</sup> (NASH, 2005, p.2). Dessa forma, a educação traria respostas para alguns dos novos problemas, considerando que o crescimento das novas instituições também levou educadores do período pós-revolucionário a retomar suas pautas, dessa vez assistidos pelo crescente clamor popular e pelos manifestos de jovens homens e mulheres em defesa do que acreditavam ser as formas ideais de educação.

Apesar disso, é importante ressaltar que a crença na capacidade intelectual das mulheres não se alinhava a um ideal de igualdade de gênero, talvez mais próximo de uma concepção naturalista de que a razão ou a mente não tinham sexo, pois poucas eram as distinções acadêmicas feitas entre homens e mulheres quando ambos os sexos tinham acesso aos estudos. Nesse sentido, o que mudava era o objetivo do ensino de meninos e meninas e o caráter prático do que era ensinado para um e para outro sexo.

O acesso à universidade, denominada “*college*” durante os primeiros anos após a independência, era restrito aos homens durante os séculos XVIII e XIX, mas as chamadas “academias” ou “seminários” se proliferaram pelo país e abriram oportunidades de estudos superiores para diversas classes sociais e para ambos os sexos. No caso das acadêmicas exclusivamente femininas, três se destacaram como as mais bem sucedidas: a *Troy Female Seminary*, em Nova York, fundada por Emma Willard em 1821; a *Hartford Female Seminary*, em Connecticut, fundada por Catharine Beecher em 1832; e a *Mary Lyon and Mount Holyoke Female Seminary*, em Massachusetts, fundada por Mary Lyon em 1837.

De 1780 a 1840, as oportunidades das mulheres na educação floresceram. Na década de 1780, as mulheres que buscavam educação além dos rudimentos a encontraram principalmente em escolas temporárias e de curta duração (também chamadas de academias, seminários ou institutos) que funcionavam por apenas algumas semanas ou meses. As matérias variavam de escola para escola, mas a maioria das academias ensinava língua inglesa, geografia e aritmética. Em 1840, o ensino superior formal para mulheres estava bem estabelecido<sup>38</sup> (NASH, 2005, p.5).

É interessante constatar que estas academias estavam comprometidas com o ensino de curta duração, o que tornava os seminários ambientes de aprendizado mais

---

<sup>37</sup>Government of the people, by the people, for the people also required a citizenry that was informed and could think clearly (NASH, 2005, p.2).

<sup>38</sup>From 1780 to 1840, women's opportunities for advanced education burgeoned. In the 1780s, women who sought education beyond the rudiments found it primarily in temporary, short-lived schools (variously called academies, seminaries, or institutes) that were open for only a few weeks or months at a time. The subject matter varied from school to school, but most academies taught the English branches, geography, and arithmetic. By 1840, formal higher education for women was well established (*Ibid*, p.5).



prático do que as universidades. Não havia um consenso, nem diretrizes específicas para o que devia ser ensinado, ou como devia ser ensinado, mas matérias comuns, como o inglês e a geografia, estavam presentes na maioria das instituições. Por fim, Nash (2005) discorre que em 1840 o ensino superior formal para mulheres estava bem estabelecido, mas é importante salientar que esse tipo de ensino superior também era considerado como aquele proporcionado pelas academias e pelos seminários, sendo que a presença das mulheres nas universidades só ocorreu de forma substancial muitas décadas mais tarde.

Nesse aspecto, em se tratando do ensino nas universidades, “*colleges*”, e nas academias, existia uma grande diferença na educação de homens e mulheres por conta da maior praticidade do ensino proporcionado pelas academias. Durante a primeira metade do século XIX a educação das universidades era fortemente associada ao treinamento para ocupações profissionais específicas para os homens, como a medicina, o direito e o ministério religioso. Com o tempo, porém, esse treinamento das elites para posições específicas deu espaço aos jovens homens e mulheres que deveriam se preparar para as responsabilidades exigidas por uma nação independente dos antigos modelos.

A maioria das pessoas ainda encarava as mulheres como intelectualmente subordinadas aos homens, mas isso se dava ao fato de que dos dois sexos eram esperadas atuações em esferas separadas da vida, sendo que para isso, a educação separada também se justificaria. Em contrapartida, foi após a Revolução Americana que as posições de homens e mulheres foram cada vez mais separadas e atribuições específicas criadas para um e para outro. Desta forma, havia uma necessidade de equilíbrio entre o intelecto das pessoas e a finalidade com que deveriam empregá-los no desenvolvimento da virtude republicana.

O nível de educação seria então pautado no princípio de que as mulheres precisavam ser educadas para se prepararem para o matrimônio e a maternidade. Entretanto, essa concepção foi contestada inúmeras vezes pelas próprias fundadoras das escolas femininas, que ofereciam currículos muito parecidos com os ofertados nas universidades e redirecionavam os objetivos de aprendizagem das mulheres para a independência que poderiam encontrar como profissionais autônomas, além do papel político que poderiam exercer.

Neste sentido, as academias fizeram parte das novas propostas educacionais do período, já que eram poucas que ofereciam “cursos diretamente relacionados à

maternidade, como técnicas de criação de filhos ou administração doméstica”. Em vez disso, “a maioria das educadoras acreditava que um currículo geral de artes liberais, semelhante ao dos homens, era uma boa preparação para qualquer papel na vida”<sup>39</sup> (NASH, 2055, p.10). Estudantes, professores e fundadores de diversas escolas ecoavam as crenças de Catharine Beecher (1800-1878) ao declarar que uma educação ampla seria tão valiosa para as mulheres quanto era para os homens.

Mesmo assim, essa não era uma posição predominante e as mulheres enfrentaram muitas adversidades, porque não tinham igualdade política, legal, social e econômica com os homens. Nem mesmo os homens tinham acesso aos mesmos direitos entre si, com fortes distinções sociais e raciais, tendo em vista a ausência da concepção de direitos universais. Por este motivo o recurso à ideologia das “esferas separadas” entre homens e mulheres pode não ser muito preciso, por não ser um conceito universal a respeito dos direitos. Ao invés disso, é mais interessante examinar o processo de produção de ideais que regulavam as relações de gênero, pois era o tipo de relação que tinham poder de ultrapassar as barreiras das classes sociais.

A historiadora americana Lucia McMahon contribui para essa discussão ao tratar da busca feminina por igualdade a partir do uso da palavra “*mere*”, pois

“*Mere*” era a noção persistente de que as mulheres eram diferentes dos homens e se tornarem meramente iguais aos homens representaria uma perda do poder e da influência das mulheres enquanto mulheres. O uso da palavra “*mere*” descrevia e sustentava noções de diferença sexual. Ao mesmo tempo, Igualdade era, é claro, um poderoso conceito na jovem nação, tão poderoso que não era inconcebível que as mulheres poderiam muito bem desejar um pouco dos benefícios econômicos, sociais e políticos que a igualdade prometia. A mera igualdade tentou reconciliar a crença persistente na diferença de gênero com as ideias mais liberais e ilustradas sobre igualdade<sup>40</sup> (MCMAHON, 2012, p.X).

A defesa da igualdade entre homens e mulheres encontrava contra-argumentos na existência de esferas separadas para os sexos, pois segundo a visão tradicional os

---

<sup>39</sup>taught courses directly related to wife- or motherhood, such as childrearing techniques or domestic management. Rather, most educators believed that a general liberal arts curriculum, similar to that for men, was good preparation for any life role (NASH, 2005, p.10).

<sup>40</sup>mere was the persistent notion that women were different from men and, further, that to become merely the equals of man would represent a loss of women’s influence and power as women. The mere was underwritten and sustained by notions of sexual difference. At the same time, equality was, of course, a powerful concept in the young nation, so powerful that it was not inconceivable that women (and other previously disenfranchised groups) might very well desire some of the social, economic, and political benefits that equality promised. Mere equality attempted to reconcile the persistent belief in gender difference of the era with its more liberating and enlightened ideas about equality (MCMAHON, 2012, p.X).

diferentes papéis seriam importantes e fundamentais para o bom funcionamento do novo sistema social e de governo. Sendo assim, a busca feminina pela “mera” igualdade seria contrária às pretensões delas mesmas pela educação e a cidadania. Ao mesmo tempo, o ideal de “igualdade” era favorável às mulheres por ter sido um poderoso conceito político durante a Revolução Americana.

McMahon (2012) discorre igualmente sobre a esfera pública literária e as demandas femininas pela educação, sendo que os editores possibilitaram maior circulação das críticas políticas “publicando ensaios sobre educação das mulheres, relatos de cerimônias iniciais realizadas em academias femininas e numerosos exemplos de mulheres educadas na realidade e na ficção”<sup>41</sup> (MCMAHON, 2012, p.IX). Essas publicações contribuíram ainda mais para o debate educacional, porque revelaram que “até os apoiadores mais fervorosos da educação das mulheres não podiam resolver as tensões entre igualdade intelectual e diferença sexual que informava o entendimento da época sobre sua educação”<sup>42</sup> (MCMAHON, 2012, p.IX), de maneira a constatar a falta de consenso em relação à cidadania dos diferentes atores sociais da nova organização nacional.

Foi neste sentido que Mary Robinson (1757-1800), escrevendo como Anne Randall, colocou as mulheres em um único grande grupo ao responder questionamentos quanto à aptidão feminina ao desenvolvimento do intelecto: “a mulher não é um ser humano?”<sup>43</sup> (RANDALL, 1799, p.8). Sua colocação se apoiava no pensamento das Luzes e buscava apoio para a educação feminina com base na crença de que as mulheres compartilhavam a qualidade humana do pensamento racional. Essa era a afirmação que estava de acordo com as concepções iluministas, sustentada na afirmação de que a razão e a capacidade de pensar separavam humanos de animais, não homens de mulheres. Como seres humanos, elas também se beneficiariam do desenvolvimento da razão e tivessem acesso às artes e às ciências.

Randall não foi a única a empregar os valores do Iluminismo para promover a expansão das oportunidades educacionais para as mulheres na nova república. Outros defensores da educação feminina usaram uma variedade de ideias ilustradas para reforçar sua posição. Alguns argumentaram que uma

---

<sup>41</sup>publishing prescriptive essays on women’s education, accounts of commencement ceremonies held at female academies, and numerous examples of educated women founded in both fact and fiction (MCMAHON, 2012, p.IX).

<sup>42</sup>even the most ardent supporters of women’s education could not resolve the tensions between intellectual equality and sexual difference that informed the era’s understanding of women’s education (*Ibid*, p.IX).

<sup>43</sup> Is not the woman a human being? (RANDALL, 1799, p.8).

população educada cientificamente era uma dádiva para a civilização, outros que as mulheres possuíam altas capacidades intelectuais e ainda outros que o conhecimento era uma fonte de satisfação pessoal que não deveria ser negada a elas<sup>44</sup> (NASH, 2005, p.15).

Outros argumentos eram ainda mais específicos e voltados para a relação da mulher com a família e com a sociedade. Isso porque as concepções de companheirismo estavam mudando em favor da ideia de que o casal deveria estar em harmonia na vida matrimonial. Esta visão tornava necessária a educação da mulher para alcançar este ideal de um casamento equilibrado. Ao mesmo tempo, porém, a visão conservadora mantinha a posição de que a esta mesma educação poderia ameaçar a boa condução dos serviços domésticos e da administração da casa. A visão se tornava relativa, configurando um verdadeiro paradoxo, já que colocava a mulher como responsável pela educação dos filhos sem que elas mesmas tivessem sido educadas para exercer esta tarefa.

À medida que os níveis de alfabetização das mulheres aumentaram após a Revolução, também aumentou seu consumo de literatura. Novos métodos de impressão e publicação significaram que havia mais livros e revistas disponíveis na última parte do século XVIII. Da mesma forma, as mulheres puderam obter acesso ao material de leitura por meio de bibliotecas circulantes - 376 foram fundadas entre 1730 e 1790<sup>45</sup> (SMITH, 2011, p.157-158).

Os Estados Unidos se construíam com base nas ideias das correntes iluministas que elevavam o indivíduo, então não devia ser uma surpresa que as mulheres buscassem acesso a uma educação formal tendo como base seus próprios interesses. Se por um lado existia o reconhecimento de que as mulheres, como um grupo, não eram tão bem sucedidas quanto os homens na esfera pública, por outro existia o questionamento quanto ao motivo disso acontecer: “por causa de inferioridade mental ou falta de oportunidade?”<sup>46</sup> (NASH, 2005, p.18).

---

<sup>44</sup> Randall was not alone in employing Enlightenment values to promote the expansion of educational opportunities for women in the new republic. Other advocates for female education used a variety of Enlightenment ideas to bolster their position. Some argued that a scientifically educated population was a boon to civilization, others that women possessed high intellectual capacities, and still others that knowledge was a source of personal satisfaction that should not be denied to women (NASH, 2005, p.15).

<sup>45</sup>As literacy levels for women increased after the Revolution, so did their consumption of literature. New methods of printing and publication meant there were more books and magazines available in the latter part of the eighteenth century. As well, women were able to gain access to reading material through circulating libraries—376 were founded between 1730 and 1790 (SMITH, 2011, p.157-158).

<sup>46</sup> Was this because of mental inferiority, or lack of opportunity? (NASH, 2005, p.18)

Uma das correntes que confrontava a tese da inferioridade das mulheres devido à falta de oportunidades foi resgatada por várias escritoras durante esta época. Essa corrente foi defendida pelos leitores e leitoras de François Poullain de la Barre (1647-1723), filósofo e um dos estudiosos que afirmou que a mente não tinha sexo. De acordo com ele, o estudo da anatomia humana provava que as únicas diferenças entre homens e mulheres estavam ligadas aos seus órgãos reprodutores, não ao cérebro. O primeiro livro sobre o assunto que Poullain de la Barre publicou foi “*The Woman as Good as the Man*” (1677) e foi esta publicação que chegou aos Estados Unidos ao ser reimpresso em 1751 como parte do livro “*Beauty's Triumph, or the Superiority of the Fair Sex Invincibly Proved*”.

Com o advento da república, as mulheres letradas retomaram as ideias de La Barre e de outros estudiosos a favor da valorização da mente em detrimento do sexo, contrapondo a posição corrente de médicos e filósofos modernos que insistiam em justificar a diferença no padrão educacional e na posição social de homens e mulheres com base nas diferenças biológicas. William Alexander era um dos defensores dessa prerrogativa tradicional, assim como algumas mulheres que seguiam sua linha de pensamento, como a escritora Hannah More.

William Alexander, autor de uma *história sobre as mulheres*, declarou em 1796 que a natureza simplesmente não pretendia que as mulheres realizassem intensos e severos estudos. Algumas mulheres concordaram que elas tinham uma capacidade intelectual comparativamente escassa. A escritora religiosa Hannah More exortou as mulheres a renunciarem à sua "pretensão de força de intelecto" e a admitir que a mente feminina não fosse tão capaz de fazer ciência quanto a masculina<sup>47</sup> (NASH, 2005, p.19).

Já as pessoas que se opunham a estas ideias sustentavam seus argumentos nas ideias de Poullain de la Barre ao afirmar que era a criação diferente de meninos e meninas, e não a natureza, ou a biologia, que impedia as mulheres de desenvolverem suas capacidades. Alguns anos antes da publicação de William Alexander, o autor de um artigo anônimo da revista *Lady's Magazine*, de 1792, declarou reconhecer que os homens talvez tivessem melhores condições de discernimento do que as mulheres por

---

<sup>47</sup> William Alexander, author of a history on women, pronounced in 1796 that nature simply did not intend women for intense and severe studies. Some women agreed that females had a comparatively meager intellectual capability. Religious writer Hannah More urged women to relinquish their "pretension to strength of intellect" and to admit that the female mind is not as capable of science as the male mind (NASH, 2005, p.19).

causa de suas vantagens, não apenas nos estudos, mas também porque eles podiam se movimentar livremente, viajar e reunir todo tipo de conhecimento.

Aos poucos outras declarações como esta começaram a aparecer com mais frequência nos jornais e revistas nos Estados Unidos e era ainda mais notável que a quantidade de mulheres advogando em causa própria cresceu de forma muito rápida. Uma destas mulheres foi Elizabeth Hamilton (1757-1854), que escreveu que "a natureza nos dotou de faculdades intelectuais, então as mulheres deveriam exercitá-las"<sup>48</sup>, como cita Margareth Nash (NASH, 2005, p.20). É importante ressaltar que ela não fez distinção entre homens e mulheres ao escrever que a natureza havia dotado todas as pessoas com razão. Essa diferença é apenas apontada por ela ao ressaltar que as mulheres também deveriam usar desta capacidade tanto quanto os homens.

Neste cenário de ideias conflitantes é possível dizer que a própria Revolução Americana despertou ainda mais a atenção das mulheres para este assunto, porque muitas delas se envolveram com o pensamento político e sustentaram a justiça seus interesses após as Guerras. Elas acompanharam o progresso das tropas e das negociações, além de terem se responsabilizado pela manutenção das propriedades e de fazer todo o possível para contribuir com mantimentos e munições para os esforços de guerra. Ao final dos conflitos as mulheres viram-se novamente direcionadas à suas posições tradicionais, mas muitas delas, como Elizabeth Steele (1733-1790), por exemplo, "dificilmente perderiam o interesse pelos assuntos políticos quando a guerra terminasse"<sup>49</sup> (NASH, 2005, p.21).

Steele não estava sozinha em sua reivindicação política e pela educação das mulheres nas universidades. A maioria das pessoas concordava que elas deveriam ter algum tipo de educação e muitos dos argumentos giravam em torno da questão da civilidade e da preservação da República, que só seria possível unindo os esforços de todos. Mesmo assim, muitos do que defendiam este aspecto patriótico da educação feminina divergiam entre si em relação ao nível adequado de educação para cada classe e sexo.

As mulheres foram convenientemente posicionadas também como símbolos de união durante a Guerra e foi logo no início dos conflitos, ainda em 1776, que Betsy Ross foi incumbida pelo Congresso Continental de costurar a primeira bandeira dos Estados Unidos. Oficialmente, não constam nos documentos escritos do Congresso o

---

<sup>48</sup>Nature has endowed us with intellectual faculties, so women should exercise them (NASH, 2005, p.20).

<sup>49</sup>were unlikely to lose their interest in political affairs once the war ended (*Ibid*, p.21).

pedido de George Washington para que Betsy Ross costurasse a bandeira, mas cartas de seus descendentes e várias pinturas atestam que ela foi a primeira pessoa a confeccioná-la na Filadélfia com a ajuda de outras mulheres. Este era um precedente que atestava seu valor e a necessidade dos homens de contar com suas habilidades.



FIGURA 3 - Betsy Ross sewing the first American Flag. Henry Mosler, 1777.

Além disso, discussões começaram a surgir quanto à necessidade da educação ser de responsabilidade do governo central ou estadual, refletindo as disputas nacionais a respeito do melhor modelo de governo e as disputas dos congressistas pela organização política, se mais centralizada ou se radicalmente federalista. A educação era considerada de suma importância para “criar uma cidadania moral, inteligente e unificada”<sup>50</sup> (NASH, 2005, p.23) e essa ideia ultrapassava as barreiras do público e do privado, por mais que fosse direcionada de forma mais consistente aos interesses masculinos.

Reproduzimos algumas perguntas feitas pela historiadora Lucia McMahon para entender esse cenário.

Como uma sociedade comprometida com a igualdade mantém o que é percebido como diferenças necessárias? Se mulheres apropriadamente educadas eram capazes de se tornar iguais intelectualmente aos homens, como os americanos continuariam a justificar a exclusão formal das mulheres da política e das outras profissões dominadas pelos homens? Se as mulheres alcançassem igualdade intelectual, quais outras formas de igualdade iriam buscar? As mulheres educadas abandonariam, como os críticos alertaram, suas responsabilidades domésticas e competiriam com os homens por poder econômico e político? A igualdade intelectual das mulheres desafiaria a

<sup>50</sup>to create a moral, intelligent, and unified citizenry (NASH, 2005, p.23).

própria noção de diferença sexual sustentada pela diferença de gênero e hierarquia?<sup>51</sup> (MCMAHON, 2012, p.IX).

Os interesses do Estado na educação buscavam regulá-la e transferí-la do âmbito privado, ou seja, educação doméstica e através de tutores, para a esfera pública por meio das academias, seminários e universidades. A restrição de acesso e o formato de internato de algumas das instituições acabavam redirecionando a educação para o aspecto mais privado, mas o assunto que antes dizia respeito somente aos interesses pessoais e familiares, com a República passou a ser de interesse público.

Por este motivo houve necessidade de se pensar também os próprios padrões familiares e matrimoniais que poderiam ser afetados pelas mudanças sociais, políticas, educacionais e econômicas. Uma dessas mudanças dizia respeito à relação entre marido e mulher e aos novos ideais de companheirismo, que apesar de manterem a mulher em posição inferior, começavam a transformar a maneira como ela era vista dentro da casa.

O ideal de reciprocidade no casamento, por sua vez, implicava certo apoio à educação feminina. Para ajudar a criar e manter a estabilidade da nova república, bem como para serem parceiros iguais e companheiros ideais, mulheres e homens precisavam de uma educação semelhante. Refletindo essa crença, vários educadores publicaram novos modelos de currículos. Na *Weekly Magazine*, da Filadélfia, John Hopkins apresentou um plano para a educação feminina que tinha uma semelhança notável com a educação acadêmica para os homens. Esse plano, de 1798, incluía escrita, aritmética, gramática, leitura, retórica, composição, geografia, o uso de globos, história antiga e moderna, história natural, filosofia natural, lógica (ou o que este autor chamou de "A Arte de Pensar"), e filosofia moral<sup>52</sup> (NASH, 2005, p.25-26).

A posição de John Hopkins deixa claro que as escolas femininas já pensavam a educação das mulheres como primordial e que o intelecto delas em nada se diferenciava do masculino, se não em oportunidade e direcionamento prático. As próprias mulheres,

---

<sup>51</sup> How does a society committed to equality maintain what are perceived as necessary differences? If properly educated women were capable of becoming the intellectual equals of men, how would Americans continue to justify women's formal exclusion from politics and other male dominated professions? If women achieved intellectual equality, what other forms of equality would they seek? Would educated women, as critics warned, abandon their domestic responsibilities and compete with men for economic and political power? Would women's intellectual equality challenge the very notion of sexual difference sustained by gender difference and hierarchy? (MCMAHON, 2012, p.IX)

<sup>52</sup> The ideal of mutuality in marriage, in turn, implied a certain support for female education. In order to help create and sustain the stability of the new republic, as well as to be equal partners and ideal companions, women and men needed similar education. Reflecting this belief, several educators published model curricula. In Philadelphia's *Weekly Magazine*, John Hopkins spelled out a plan for female education that bore remarkable similarity to academy education for men. His 1798 plan included writing, arithmetic, grammar, reading, rhetoric, composition, geography, the use of globes, ancient and modern history, natural history, natural philosophy, logic (or what this author referred to as "The Art of Thinking"), and moral philosophy (NASH, 2005, p.25-26).



desde antes da Revolução Americana, já buscavam o aprendizado com afinco, mas foram as mudanças que vieram com a Independência e a posição delas nessa nova organização social, que tornaram necessárias novas abordagens sobre o assunto.

Aos poucos, mas consistentemente, as mulheres organizaram Círculos Literários Femininos para poderem ler e discutir opiniões. Um destes círculos foi o *Boston's Gleaning Circle*, de 1805, à moda dos salões intelectuais europeus, no qual as participantes preparavam seus próprios ensaios sobre suas leituras. No início do século XIX era possível encontrar pelo menos um destes círculos em cada cidade, onde as mulheres se juntavam para ler e escrever.

A partir dessas mudanças surgiram cada vez mais escritoras defendendo a educação formal para as mulheres, porque apesar das academias estarem se multiplicando pela nação, elas ainda não eram vistas como obrigatórias para as moças. Algumas destas escritoras defendiam que a educação das mulheres, ao invés de afastá-las da administração doméstica, as ajudaria a realizá-la com mais dedicação, porque era “a falta de educação e não educação demais que iria interferir no desempenho do trabalho feminino”<sup>53</sup> (NASH, 2005, p.30).

Além disso, a educação tinha um propósito maior para as mulheres do que apenas aprimorar suas habilidades com os trabalhos domésticos. Através do estudo a mulher poderia adquirir algum nível de independência financeira, especialmente no caso das viúvas e das mulheres que permaneciam solteiras. Os diferentes discursos sobre a educação durante o início da República refletiam as tensões a respeito da igualdade intelectual nos quadros intelectuais e morais, ao mesmo tempo em que traziam à tona a instabilidade social dos indivíduos que lutavam por seus direitos em relação à sociedade e frente aos desafios de organizar um novo governo e um novo país.

Elizabeth Hamilton, autora das populares *Letters on Education* (1801), era uma forte defensora da educação avançada para mulheres. Quando alguém sugeriu que um "trunfo da razão sobre as paixões" poderia ser pouco atraente para uma mulher, ela respondeu: "Desculpe-me; pensei que estávamos falando sobre o melhor método de cultivar os poderes dos seres humanos... nisso eu não posso fazer distinção de sexo"<sup>54</sup> (NASH, 2005, p.35).

---

<sup>53</sup> Lack of education, they argued, not too much education, would interfere with the performance of women's work (NASH, 2005, p.30).

<sup>54</sup> Elizabeth Hamilton, author of the popular *Letters on Education* (1801), was a strong advocate of advanced education for females. When someone suggested that a "triumph of reason over the passions" might be unattractive in a woman, she retorted, "I beg your pardon; I thought we were speaking of the best method of cultivating the powers of *human beings*. ... In this I can make no distinction of sex" (*Ibid*, p.35).

Mesmo assim, era inegável a diferença entre a educação formal para homens e mulheres, não nos currículos escolares ou nas matérias ofertadas, mas na intenção com que eram apresentados e como seriam empregados os conhecimentos adquiridos pelas mulheres em conjunto com seus deveres já previamente estabelecidos. É de comum acordo entre os historiadores americanos que enquanto alguns meninos não chegavam aos estudos clássicos em suas escolas, outras meninas o faziam em suas academias. Em contrapartida, algumas das academias masculinas enfatizavam a educação voltada para o ingresso nas universidades, enquanto outras forneciam uma educação mais geral.

Independente do foco e das diferentes posições a favor ou contra, as mudanças educacionais concordavam em um aspecto: de que a vida comunitária na República exigia a formação de bons cidadãos. Inevitavelmente estes acabavam sendo os homens brancos das classes mais abastadas, que exerciam o poder político e por meio dele conduziam as decisões nacionais. Entretanto, para que pudessem ser bem sucedidos, todos deveriam contribuir ao máximo.

Dessa forma, “as academias, segundo seus proponentes, proporcionavam uma mescla de classes sociais favoráveis à república”. Algumas pessoas ainda achavam “as academias benéficas devido à possibilidade de formar amizades e conexões, tanto comerciais quanto conjugais, em ambientes escolares formais”<sup>55</sup> (NASH, 2005, p.38). O espírito de competição dentro destas instituições também era visto como algo positivo e que não poderia ocorrer no ambiente privado da educação doméstica.

As academias, desta forma, apesar de não terem o status ou prestígio das universidades, ofereciam currículos parecidos e uma educação mais voltada aos aspectos práticos. Neste sentido, disciplinas como oratória eram bem recebidas, porque, apesar de não ser esperado que as mulheres se tornassem oradoras, era necessário que elas desenvolvessem uma boa dicção e pronúncia, além de que isso ajudaria na distinção das pessoas das classes sociais mais elevadas. A leitura em voz alta era também uma atividade realizada pela maioria das famílias e geralmente era uma atividade realizada pelas mulheres da casa.

Cursos de aritmética e geografia também eram muito procurados, mas o grande diferencial em relação às escolas masculinas ou universidades era o nível de dificuldade das matérias. Aritmética era importante para as meninas que no futuro seriam

---

<sup>55</sup> Academies, according to their proponents, provided a mixing of social classes that would be favorable for the republic. Other observers found academies beneficial because of the possibility of forging friendships and connections, both business and marital, in formal school settings (NASH, 2005, p.38).

responsáveis pelas contas domésticas e algumas das academias femininas chegaram a ensinar contabilidade exclusivamente para elas.

Além do currículo acadêmico de inglês, geografia, aritmética, matemática e línguas, as academias também costumavam oferecer outras disciplinas não acadêmicas. Uma delas era o bordado. Este termo abrange vários tipos diferentes de trabalho. [...] O bordado simples era essencial para quase todas as mulheres. Como observa Mary Beth Norton, a maioria das mulheres "dedicava muitas horas por dia às suas agulhas", conduzindo as tarefas aparentemente intermináveis de remendar e alterar roupas e costurar camisas para seus parentes homens, aventais e vestidos para si mesmas e suas amizades femininas. [...] O bordado não era apenas uma habilidade prática que contribuía para a economia doméstica, mas também tinha implicações na remuneração, uma vez que algumas mulheres se sustentavam ou contribuíam para a renda familiar com a costura<sup>56</sup> (NASH, 2005, p.47).

De acordo com esta abordagem, é possível novamente identificar a diferença na educação escolar de meninos e meninas pautada no fato de que seus interesses seriam diferentes e que homens e mulheres deveriam contribuir para o desenvolvimento republicano de maneiras igualmente diferentes. Para isso era necessário que, além das matérias comuns e direcionadas ao nível de conhecimento adequado para cada sexo, as meninas tivessem matérias como costura e os meninos como navegação e pesquisa.

As mulheres que frequentavam as academias, os seminários, as escolas secundárias e os institutos universitários acabavam sendo um grupo pequeno da elite. A educação avançada no início da república americana incluía apenas um número muito pequeno de mulheres, a maioria das quais eram brancas e de classe média ou alta. Dentro desse pequeno grupo, no entanto, a maioria dos educadores defendia a igualdade intelectual. Educadores e alunos tinham na educação dos grandes prazeres da vida, "um prazer que era de igual valor para mulheres e homens"<sup>57</sup> (NASH, 2005, p.116).

### 1.3. OS CÍCULOS LITERÁRIOS FEMININOS AMERICANOS

---

<sup>56</sup> In addition to the academic curriculum of English, geography (broadly conceived), arithmetic and mathematics, and ancient and modern languages, academies customarily offered a number of nonacademic subjects, as well. One of these was needlework. [...] Plain needlework was essential for nearly all females. As Mary Beth Norton notes, most women "devoted many hours each day to their needles," conducting the seemingly endless tasks of mending and altering clothes, and sewing shirts for their male relatives and caps, aprons, and dresses for themselves and their female relations. [...] Not only was needlework a practical skill that contributed to the domestic economy, it also had wage-earning implications, given that some women supported themselves or contributed to the family's income by sewing (NASH, 2005, p.47).

<sup>57</sup> a pleasure that was of equal value to women and men alike (*Ibid*, p.116).

O século XVIII foi marcado pelas mudanças na circulação das ideias políticas e culturais. As novas redes de sociabilidade que se formaram facilitaram o desenvolvimento de uma nova visão quanto à educação, por exemplo. O volume de correspondências aumentou significativamente, assim como o alcance dos livros, dos periódicos e das gazetas. Dessa forma, aos poucos, o espaço de homens e mulheres letrados foi se transformando e novas redes foram se formando.

Esta foi uma época marcada especialmente pela racionalidade das ideias frente às crenças que até o século XVIII estavam presentes de forma enraizada nas sociedades europeias. Segundo Michel Vovelle, “o século XVIII [...] colocou o homem no centro da sua visão do mundo, do mecanismo em torno do qual organiza a sua reflexão” (VOVELLE, 1992, p.7). Ao mesmo tempo, podemos considerar “estreito o caminho da formação de um homem novo, que realça a importância de uma pedagogia educativa plena de maturidade” (VOVELLE, 1992, p.10). O motivo para isso reside no fato de que, apesar de novas oportunidades começarem a aparecer na vida de homens e mulheres, elas ainda continuavam vítimas das desigualdades na educação e na política, mesmo que o discurso fosse o de igualdade.

Esse também foi um período de inovações políticas que geraram importantes transformações nas estruturas sociais de várias sociedades na Europa e nas Américas.

Por um lado, o ideário das Luzes, devido ao seu caráter abstrato, abria expectativas sem precedentes a respeito da igualdade entre homens e mulheres e seu necessário correlato social e político em matéria de deveres e direitos. A tradicional exclusão da grande maioria das mulheres da vida pública se tornava muito mais evidente e questionável a partir do desenvolvimento de uma teoria política e de um pensamento filosófico que colocava no centro de sua reflexão o indivíduo, formalmente igual e livre das redes de hierarquia e de dependência do Antigo Regime (MIRANDA, 2017, p.2).

Por outro lado, estabeleceu-se com mais rigor a separação das esferas pública e privada, destinando a identidade social masculina ao espaço público e a identidade feminina ao espaço privado. Neste sentido, as atividades intelectuais foram importantes para questionar e desenvolver essas ideias, formando redes de relações sociais que tornaram possível a organização de um novo pensamento coletivo, de acordo com as demandas e necessidades populares, agora reorganizadas.

Se existe hierarquia [...] é em função da utilidade social, do seu lugar na criação das riquezas. [...] O Homem distingue-se dos outros animais como ser

dotado de razão: ele criou as artes, a ciência, as atividades produtoras de riquezas, numa palavra, a civilização (VOVELLE, 1992, p.11).

Foi por meio de novos espaços de sociabilidade dos homens e mulheres da elite, que a ambiguidade da posição social das mulheres ficou mais evidente, especialmente nos Estados Unidos durante este período de transição. As mulheres passaram a ter mais espaço nas discussões e a formar seus próprios círculos literários para debates intelectuais, onde novos modelos educacionais começaram a ser pensados. Além disso, a influência que elas passaram a exercer através das sociedades literárias deu a elas mais destaque, mesmo que na prática as mulheres ainda se encontrassem “numa situação de dependência [dos homens], faltando ainda muito tempo para dela se emancipar” (VOVELLE, 1992, p.19). Isso porque, apesar desta dependência, elas começaram a aprender novas formas de exercer a própria influência social e política.

Apesar da História Cultural não ter demonstrado muitos avanços no sentido de abarcar as múltiplas experiências da ilustração, não há como negar suas contribuições para a ampliação da concepção de Iluminismo, que continua a ser entendido como a fermentação de novas ideias, mas também de uma nova linguagem, de uma nova sensibilidade, estimuladas principalmente, por meio de um amplo intercâmbio de escritos e leituras, que englobavam panfletos, romances, correspondências, revistas, cartas e até pornografia. Uma República das Letras formada por uma ampla gama de protagonistas: homens e mulheres, de nacionalidades, status, ofícios e interesses variados, que se relacionavam por meio de múltiplos espaços de sociabilidade, como salões, tabernas, lojas maçônicas, cafês, clubes de amigos, entre outros ambientes de cultivo da amizade, do companheirismo e dos sentimentos elevados (MIRANDA, 2017, p.27).

As contradições também estavam presentes nas vidas dos homens, levados a decidir entre a defesa dos valores tradicionais ou de formação de novas elites com expressiva participação da burguesia. Na nova organização social que se desenhava nos Estados Unidos o dinheiro das elites passou a ser relacionado com uma alta capacidade intelectual. Ao mesmo tempo, a diversidade do discurso religioso protestante que existiu nos Estados Unidos mesmo antes da independência, fez com que sua autoridade se reduzisse em alguns círculos sociais e fosse ressignificada em outros. No caso da American Tract Society<sup>58</sup> e de algumas outras associações religiosas ligadas a igrejas mais poderosas e influentes, a religiosidade fortaleceu os laços com o poder político, enquanto as denominações mais modestas se tornaram mais independentes.

---

<sup>58</sup> Organização evangélica derivada da Religious Tract Society de Londres (1799), da New York Tract Society (1812) e da New England Tract Society (1814). Foi fundada em 1825 em Nova York para publicar literatura Cristã.

As transformações também foram sentidas nas academias e universidades, que aumentaram seu prestígio entre as mulheres, em conjunto com a conexão que os líderes nacionais tinham com o meio acadêmico. O conhecimento formal, junto com a maior disseminação da cultura letrada e do aumento das taxas de alfabetização, contribuiu para o desenvolvimento das Luzes e seu intercâmbio de ideias, muito discutidas e questionadas em prol da formação política, econômica e social dos Estados Unidos, levando em consideração que

Aquilo que é válido para o topo, para o grupo restrito dos intelectuais mais famosos, por maioria de razão será também válido para a opinião pública esclarecida, cuja extensão é provavelmente uma das características mais notórias do século (VOVELLE, 1992, p.24).

As mulheres conseguiram se beneficiar deste cenário não só através dos círculos literários, mas também por meio das publicações de manifestos pessoais e de discussões intelectuais presentes na imprensa, questionando os espaços criados para o desenvolvimento do “homem social”, mas não da mulher em igual patamar.

Se por um lado novos horizontes eram apresentados às mulheres e os espaços intelectuais permitiam certo nível de influência social, por outro a dependência econômica não as permitia usufruir dos mesmos direitos. Ao mesmo tempo em que as mulheres se fizeram presentes no cenário público e literário, elas também continuavam a ser vistas como sujeitos dependentes, como objetos nas investigações de filósofos e médicos que buscavam conhecer sua natureza e sua mente para assim melhor definir o lugar que deveriam ter na sociedade.

A mulher, objeto de estudo, viva, real ou imaginária está, sem dúvida, em toda parte. [...] Neste sentido, o Século das Luzes é efetivamente o século da mulher, a qual, todavia, se mantém subordinada, menor: sem personalidade civil e política, é excluída dos centros de poder e existe juridicamente apenas através dos homens. Os seus direitos profissionais, civis e políticos não são reconhecidos. Não nos iludamos com as figuras emblemáticas: se as mulheres reinam nos salões literários, filosóficos e políticos, se os maiores filósofos da época não se importam em trocar ideias com mulheres e são sensíveis às suas opiniões, não nos esqueçamos de que a *Encyclopédie* não teve qualquer colaboradora (GODINEAU, 1992, p.311).

Dominique Godineau se opõe ao próprio conceito de “mulher do iluminismo” pelo fato de não existir apenas uma, mas várias experiências de feminilidade, em contraste e comparação com o que significava ser um “homem do iluminismo”. Essa mulher poderia ser aquela retratada pelos médicos e filósofos, poderia ser a mulher

elaborada pelas Luzes masculinas. Ela também poderia ser a mulher da literatura do século XVIII, ou a participante ativa e criadora das sociedades e círculos literários. Ela poderia ser apenas uma mulher, ou a junção de diferentes tipos de mulheres idealizadas pelos homens. Sendo assim, ela poderia ser cortesã, aristocrata, burguesa, mulher do povo ou camponesa, mas sempre vista com curiosidade por aqueles que buscavam organizar a sociedade e atribuir papéis específicos a cada um de seus atores.

Tudo isso contribuiu para a contradição das Luzes ao tentar definir a mulher e suas responsabilidades sociais, algo questionado inclusive por elas mesmas. Por um lado, as mulheres americanas se encontravam cada vez mais no centro da sociedade, mas eram marginalizadas e vistas como inferiores aos homens, independente de suas posições sociais. Por isso, falar da mulher na época das Luzes é falar da relação existente com o homem, pois “este conflito, que deriva da relação entre os dois sexos, simultaneamente a reflete, e atravessa toda a época” (GODINEAU, 1992, p.312). É preciso analisar esta relação partindo do ponto de vista não só masculino, mas das próprias mulheres envolvidas para compreender e evidenciar as mudanças sociais e culturais da época.

É também no contexto das Luzes que se desenvolve a ideia de uma natureza feminina específica, presente nos estudos da filosofia natural e da medicina sobre o que faz da mulher uma mulher, ou seja, o que a diferencia do homem na Natureza e na sociedade. Como conciliar a diferença não só entre os sexos, mas também intelectual, em prol de uma formação cultural e social aceitável e que funcionasse sem maiores problemas?

Uma solução para esta questão foi buscada pelas mulheres adeptas às ideias de Poullain de la Barre, especialmente partindo de seu livro “Da igualdade dos dois sexos: discurso físico e moral onde vemos a importância de se desfazer dos preconceitos” (1673), no qual ele expunha de maneira mais direta a discussão sobre as diferenças entre homens e mulheres. Foi nesta obra que uma mudança começou a ser realizada por deslocar o foco da atenção das diferenças para a igualdade.

Declarando que a mente não tem sexo, Poullain sustenta que a razão, que distingue o pertencer à espécie humana, é apanágio quer dos homens quer das mulheres. Esta humanidade comum tem precedência sobre as diferenças provenientes da cultura, da educação e da natureza, por isso as mulheres deveriam usufruir dos mesmos direitos e da mesma educação que os homens e exercer as mesmas funções profissionais, intelectuais e políticas. Poullain relaciona a história da subordinação feminina com a história das instituições e analisa a separação das funções como resultado de um processo histórico.

Muito embora tenham tido pouca ressonância, seus tratados foram reeditados durante o século XVIII e lidos, entre outros, por Montesquieu e Choderlos de Laclos (GODINEAU, 1992, p.313).

Judith Sargent Murray também escreveu seu próprio manifesto “Sobre a igualdade entre os sexos”, em 1790, publicado na revista *Massachusetts Magazine*, que lhe rendeu fama e a incentivou a publicar seus ensaios em quatro revistas diferentes pelos próximos vinte e cinco anos de sua vida. Ela foi uma das mulheres intelectuais burguesas que se inseriu no cenário político através das redes de sociabilidade construídas para discussões de ideias na cidade de Boston, uma das mais influentes dos Estados Unidos pós-independência.

Por estas redes foi possível que ela desenvolvesse relações de amizade com homens e mulheres em reuniões literárias e com as discussões que mantinha com os/as leitores/as de suas colunas. Essas novas relações foram importantes para ela estabelecer cada vez mais vínculos com os homens acadêmicos e se desenvolver nos novos espaços femininos de sociabilidade intelectual.

[...] foi pela amizade que as mulheres começaram a se desamarrar de alguns estreitos limites impostos pela ideologia de gênero, ensaiando novos papéis e se afirmando enquanto indivíduos autônomos no agir e no pensar (MARTINS, 2007, p.52).

Isso foi possível porque durante o século XVIII formaram-se novos modelos femininos de mulher sensível e culta, mas também modesta. Estes eram modelos presentes nos romances e na imprensa e que direcionavam as mulheres para os papéis que elas deveriam exercer. Como o ambiente familiar era domínio feminino e os círculos literários estavam nas residências das mulheres que ansiavam pelo conhecimento e pelas discussões intelectuais, as discussões permitiram que elas também tivessem acesso às discussões sociais e políticas em uma rede de sociabilidade majoritariamente feminina nos Estados Unidos.

Neste sentido, é possível considerar o papel político das mulheres como fundamental para incentivar as relações sociais entre as pessoas e, conseqüentemente, fazer parte da formação e do desenvolvimento de novos costumes. Assim, a figura feminina tinha domínio nos círculos literários, porque além de promover estudos e debates, promoviam também novas interações sociais, mesmo que fora deles as mulheres ainda estivessem sujeitas à imagem tradicional. Nestas sociedades, os debates



podiam ser encarados como “experimentos sociais no qual se criaram novos e transgressores modos de representação de si e dos outros” (MARTINS, 2007, p.59).

Elas leram, escreveram, publicaram, formaram sociedades literárias, melhorando suas próprias vidas, bem como as vidas dos membros menos afortunados da sociedade. Mulheres de elite sediavam salões onde discutiam as questões da época, criando um ambiente sociável que suavizava as arestas dos políticos<sup>59</sup> (SKEMP, 2016, p.4).

É importante considerar também que os círculos literários femininos estavam restritos a algumas camadas da sociedade, especialmente às mulheres das classes privilegiadas. Apesar disso, nestas reuniões podemos identificar certa participação de mulheres das classes médias que buscavam o conhecimento por si mesmas.

Assim, apesar do acesso ao poder político ser impedido, as críticas puderam ser elaboradas nos debates entre elas, sendo que desta maneira elas contribuíram para a percepção diferenciada das mulheres sobre elas mesmas. Com relação às mulheres das elites, Ana Paula Martins explica que elas

Souberam articular seus interesses de autonomia com os interesses de outros indivíduos de extratos sociais inferiores ou próximos aos delas, dotados de inteligência e ambição, também insatisfeitos com as barreiras impostas por uma sociedade hierárquica, senhorial e pouco porosa (MARTINS, 2007, p.61).

Em meio a estas relações nos círculos literários, a busca pela valorização das mulheres revelou também cada vez mais evidências do abismo que separava os dois sexos. Muitos homens abriram espaço para que as mulheres fundassem suas próprias sociedades, mas foram as iniciativas delas que as levaram a ampliar os espaços e serem ouvidas, utilizando-se principalmente da imprensa.

O círculo literário feminino como espaço menos hierárquico de promoção da atividade intelectual permitiu maior proximidade entre as pessoas e permitiu que novas opiniões fossem formuladas a respeito das capacidades femininas, especialmente a partir do protagonismo delas mesmas no cenário social e cultural. Foi essa promoção e visibilidade que ampliou a consciência das mulheres com ambições literárias e mesmo sociais, sendo este o aspecto mais importante, porque apesar das possibilidades abertas

---

<sup>59</sup>They read, they wrote, they published, they formed literary societies, improving their own lives as well as the lives of less fortunate members of society. Elite women hosted salons where they discussed the political issues of the day, creating a sociable environment that softened the rough edges of cantankerous politicians (SKEMP, 2016, p.4).

pelas discussões, havia uma defasagem na formação das mulheres e no acesso ao conhecimento. O reconhecimento por parte dos homens abria oportunidades e promovia relações menos hierárquicas, como as relações de amizade. Entretanto, existia um limite na busca do conhecimento por conta própria, devido, entre vários motivos, à insegurança que mantinha ao mesmo tempo uma relação de abertura e limitação da posição da mulher em relação à cultura escrita e ao conhecimento.

O grande objetivo dos círculos literários americanos pode ser resumido em duas perguntas, feitas na abertura do círculo *Conversations*, em 1839, de Margaret Fuller (1810-1850): “O que nascemos para fazer? Como devemos fazê-lo?”<sup>60</sup>. A busca central era a de “construir uma vida intelectual sobre uma vida ativa”<sup>61</sup> (KELLEY, 2003, p.163), ou seja conectar o saber intelectual com a ação, permitindo às mulheres serem sujeitos com margens de autonomia e liberdade para atuar. Entre as principais propostas de Fuller também estava o questionamento sobre a forma como homens e mulheres adquiriam o conhecimento.

De acordo com a historiadora Mary Kelley (2003), os círculos literários começaram a se formar ainda na década de 1760 nos Estados Unidos, quando os níveis de alfabetização e educação das mulheres eram bem menores, se relacionados aos dos homens no mesmo período. Essa disparidade e o movimento cada vez maior em direção às Luzes incentivaram as mulheres a iniciar as primeiras reuniões literárias.

Em seus círculos de leitura, as mulheres reivindicavam a igualdade intelectual e as oportunidades de educação à medida que se disciplinavam com hábitos de leitura e pensamento crítico, escrita e produção cultural. Elas também ensaiavam formas de sociabilidade que os americanos do século XVIII desenvolviam nas mesas de chá e nos salões literários. Mais importante, entretanto, em tais encontros literários as mulheres se tornavam aprendizes para suas carreiras como formadoras da opinião pública<sup>62</sup> (KELLEY, 2003, p.165).

Entre as décadas de 1760 e 1770, ainda antes da Revolução Americana, as mulheres das elites das áreas urbanas e rurais do Vale do Delaware<sup>63</sup> se reuniram sob a

---

<sup>60</sup> What were we born to do? How shall we do it? (KELLEY, 2003, p.163).

<sup>61</sup> Building up the life of thought upon the life of action (*Ibid*).

<sup>62</sup> Within their Reading circles, women exerted claims on behalf of intellectual equality and educational opportunity as they schooled themselves in habits of Reading and critical thought, writing and cultural production. They also rehearsed forms of sociability that eighteenth-century Americans performed at tea tables and salons. Most important, however, at such literary gatherings, women apprenticed themselves for careers as makers of public opinion (*Ibid*, p.165).

<sup>63</sup> O Vale do Delaware se refere à região metropolitana da cidade da Filadélfia, no estado da Pensilvânia. Esta é uma extensa área do leste dos Estados Unidos, perto de Nova York, cortada pelo rio Delaware, de onde vem o nome do Vale.

supervisão de Milcah Martha Moore (1740-1829) para produzir poemas e romances. Martha Moore nasceu na Ilha da Madeira, mas se mudou aos 12 anos para os Estados Unidos, onde se casou com Charles Moore. Durante toda a sua vida adulta ela se dedicou a produzir poemas e ensaios sobre os mais variados temas, abriu uma academia feminina na década de 1780 e participou ativamente da sociedade letrada da região. Sua extensa rede de amizades tornou possível a formação de seu círculo literário, frequentado por dezenas de jovens.

Em cada reunião um livro era debatido e na reunião seguinte uma das mulheres apresentava um ensaio sobre as discussões do grupo. Esta sociedade foi mantida por muitos anos e durante a década de 1770, Moore fez uma compilação dos trabalhos produzidos pelo seu grupo e publicou um livro chamado “*Milcah Martha Moore's Book: A Commonplace Book of Early American Literature*”, um volume que documentava a cultura literária da região baseada nas práticas coletivas de escrita e de leitura. Além disso, assuntos como amizade, religião, sensibilidade e a política ligada à Revolução Americana também estavam presentes no formato de “cartas, ensaios, escrita de diários, epígrafes, elegias, dentre outros estilos”<sup>64</sup> (KLEPP, 1998, p.533), o que reflete a variedade de temas que interessavam estas mulheres e as diferentes formas de abordagem que elas usavam para falar deles.

Este livro continha uma compilação de 126 trabalhos “destinados a instruir, entreter e conectar os homens e mulheres que apareciam no livro como assunto ou autores”<sup>65</sup> (KLEPP, 1998, p.533). As três escritoras que mais contribuíram com ensaios para esta obra foram Susanna Wright (1697-1785), Hannah Griffitts (1727-1817), e Elizabeth Graeme Fergusson (1737-1801), todas mulheres com reputações literárias conhecidas na época, o que demonstra o comprometimento das mulheres envolvidas com as atividades de escrita e leitura nos círculos.

Com seus escritos as autoras demonstraram engajamento político e suas reações com relação aos caminhos tomados pela república americana. Estas mulheres conseguiram criar uma esfera de comunicação paralela ao mundo da publicação de jornais e revistas.

Esses manuscritos não apenas circularam entre amigos e parentes, mas se tornaram livros didáticos usados em escolas particulares dirigidas por

---

<sup>64</sup>letters, essays, diary entries, epigraphs, elegies, satires, and more (KLEPP, 1998, p.533).

<sup>65</sup>designed to instruct, to entertain, and to connect the women and men who appear in the book as subjects or as authors (*Ibid*).

mulheres. As moças copiaram essas produções literárias locais à medida que aprenderam a ler e escrever. O público desses escritos se estendeu por gerações e de amigos a estranhos<sup>66</sup> (KLEPP, 1998, p.534).

Outra mulher que também se envolveu com os círculos literários americanos foi Hannah Adams (1755-1831), na época autora de pelo menos quatro livros sobre religião. Sua paixão por literatura a levou a participar e apoiar alguns círculos que estavam nascendo, especialmente na década de 1770. Esse foi o caso de um círculo organizado por jovens em sua vila de Medfield, Massachusetts, que da mesma forma que Adams, haviam tinham desenvolvido um gosto especial pela leitura. De acordo com Hannah Adams, este grupo “serviu de ponto de partida para a poesia e a prosa da região”<sup>67</sup> (KELLEY, 2003, p.166).

Já na região de Boston, onde vivia Judith Murray, Hannah Mather Crocke (1752-1829) formou um dos primeiros círculos literários da região. Crocke foi uma importante ensaísta e criou seu círculo na década de 1780, tendo ficado famosa anos mais tarde, em 1818, ao publicar o livro “*Observations on the Real Rights of Women*” no qual defendia que homens e mulheres haviam sido agraciados com os mesmos poderes intelectuais. Vinte anos depois, outro círculo ainda mais famoso apareceu na mesma região de Boston. Em 1805, vinte jovens mulheres se reuniram para inaugurar o “*Boston Gleaning Circle*”, que passou a ser a primeira sociedade literária feminina fundada após a Revolução Americana.

Utilizando o mesmo pseudônimo que Murray usou na coluna *The Gleaner* (1792-1794), as jovens do *Boston Gleaning Circle* referiam a si mesmas como *Gleaners*, ou seja, coletoras. Seu principal objetivo era “reunir-se socialmente em busca da verdade”<sup>68</sup> (KELLEY, 2003, p.167) e elas utilizavam os modelos de encontros idealizados por Milcah Martha Moore, Hannah Adams e Hannah Mather Crocke no final do século XVIII. Elas se reuniam todos os sábados durante duas horas e discutiam suas leituras, escolhidas por elas para “favorecer o aperfeiçoamento da mente”<sup>69</sup> (KELLEY, 2003, p.168).

---

<sup>66</sup>These manuscripts not only circulated among friends and kin but became textbooks used in private schools run by women. Young women copied these local literary productions as they learned to read and write. The audience for these writings stretched across generations and from friends to strangers (KLEPP, 1998, p.534).

<sup>67</sup>had served as a point of departure for the poetry and prose (KELLEY, 2003, p.166).

<sup>68</sup>Meeting in this social way to search for truth (*Ibid*, p.167).

<sup>69</sup>favorable to the improvement of the mind (*Ibid*, p.168).

Os livros discutidos eram títulos de teologia, astronomia, história, poesia, geografia e relatos de viagens, sendo que eram apenas excluídas as obras consideradas “verdadeiramente proibidas”<sup>70</sup> (KELLEY, 2003, p.168), e sendo que os livros acadêmicos eram preferíveis aos literários. As integrantes do grupo liam os títulos selecionados e a cada semana uma das jovens tinha a responsabilidade de apresentar um ensaio sobre a leitura discutida na semana anterior. Estes ensaios refletiam o grau de desenvolvimento escrito e literário das participantes do grupo, além de revelar a visão delas quanto aos assuntos sociais e políticos da época.

Esses assuntos eram a tributação britânica das colônias, os movimentos anti-consumo, os méritos dos acordos negociados e do conflito armado, e o impacto da guerra sobre os *patriots* e os *loyalists*. Sucessoras das mulheres que Moore reunira em seu livro "*Martha Moore's Book*", as *Gleaners* abordaram questões como o republicanismo e seu princípio, a virtude<sup>71</sup> (KELLEY, 2003, p.167).

Estas foram algumas das sociedades criadas para a discussão do status das mulheres antes, durante e após a independência dos Estados Unidos. No século XIX, mulheres brancas e mulheres negras organizaram grupos literários em praticamente todas as cidades para ler e escrever juntas. Além disso, a prática destas reuniões chegou também até os seminários e às academias, como parte da formação das estudantes. Foi assim que a prática de colaboração entre elas cresceu e elas passaram a participar mais ativamente das decisões tomadas dentro das próprias instituições. A organização de bibliotecas também esteve entre as tarefas realizadas pelas sociedades literárias, sendo que cada membro deveria ajudar em sua constituição. A maioria das academias “abrigava um círculo, embora as estudantes da *Limestone Springs Female High School* pudessem escolher entre as sociedades *Hemans* ou *Sigourney*, ambas nomeadas em honra de escritoras que as estudantes consideravam modelos”<sup>72</sup> (KELLEY, 2003, p.172).

O que estes grupos literários tinham em comum era o fato de procurarem responder “que qualificações uma mulher deve possuir para se tornar útil e

---

<sup>70</sup>absolutely forbidden (KELLEY, 2003, p.168).

<sup>71</sup>Those issues had been the British taxation of the colonies, non-consumption movements, the relative merits of negotiated settlement and armed conflict, and the war's impact on patriots and loyalists alike. Successors to the women Moore had gathered together in her "Book," the Gleaners took up such issues as republicanism and its animating principle, virtue (*Ibid*, p.167).

<sup>72</sup>housed one circle, although students at Limestone Springs Female High School could choose between the Hemans and Sigourney Societies, each of which had been named in honor of writers whom the students had claimed as models (*Ibid*, p.172).

agradável?”<sup>73</sup> (KELLEY, 2003, p.169), sendo que esta era uma pergunta oriunda de suas dúvidas sobre a política, sobre o próprio significado de republicanismo, de virtude e como estas importantes questões políticas e éticas se relacionavam com as mulheres. As sociedades femininas se opunham firmemente que o espaço da mulher estivesse restrito ao ambiente doméstico, pois a mulher era intelectualmente capacitada, faltando apenas as oportunidades para que ela pudesse ser realmente útil e agradável.

As jovens buscavam problematizar aspectos sociais e representações que circulavam na imagem de 1815, por exemplo, “*America Guided by Wisdom*”, mostrando a nação americana como uma mulher vestida como uma romana antiga cercada por Minerva (deusa da sabedoria), Ceres (deusa das plantas e do amor maternal), e Mercúrio (deus da eloquência e do comércio). À direita existe um arco celebrando as vitórias militares e uma estátua de George Washington. Uma colmeia e uma cornucópia representam a prosperidade, enquanto ao fundo uma mulher trabalha em casa.



FIGURA 4 - America guided by wisdom: an allegorical representation of the United States depicting their independence and prosperity. John J. Bartlett, 1815.

Podemos ecoar algumas das diferentes interpretações de imagens como esta, pois os Estados Unidos estavam representados por uma mulher que precisava ser guiada, mas era ainda outra mulher que desempenhava este papel, representando a sabedoria. Apesar disso era Mercúrio quem apontava o caminho, havia uma mulher

<sup>73</sup>what qualifications a female ought to possess, to render her both useful and pleasing? (KELLEY, 2003, p.169).

realizando trabalhos domésticos e uma estátua em honra ao general Washington pouco acima da representação feminina dos Estados Unidos. O resgate da tradição antiga também pode ser problematizado ao pensarmos no esforço americano de se afirmar como república independente, e a República Romana foi uma das mais duradouras do mundo. O sol brilha sobre a sabedoria das mulheres na imagem, mas a bandeira dos Estados Unidos, que representa a República, está acima até mesmo deste saber, evidenciando a necessidade das mulheres utilizarem seu conhecimento em favor da sociedade. O que mudava, porém, era a concepção divergente que alguns homens e mulheres tinham sobre o que seria realmente benéfico à sociedade.

Desta forma, ao mesmo tempo em que elas buscavam educar a si mesmas, estas mulheres também almejavam assumir o papel de influenciadoras nas mesas de chá, pois não tinham dúvidas quanto ao papel que tinham na sociedade, devendo apenas definir a extensão desse papel. "Qual [sexo] é mais influente na sociedade, homens ou mulheres?"<sup>74</sup> (KELLEY, 2003, p.174), membros da sociedade *Sigourney* questionaram em uma reunião. Não se perguntava *se* as mulheres tinham influência, mas qual era a extensão dessa influência e como poderia ser usada a favor delas mesmas.

Além dos registros oficiais das associações, dezenas de memórias, diários e cartas documentam as muitas sociedades que floresceram na América logo após a Guerra. Entre elas estavam a *Ladies Reading Society* em St. Johnsbury, Vermont, o *Minerva Club* em New Harmony, Indiana, o *Ladies Social Circle* em Templeton, Massachusetts, o *Hearthstone* em uma cidade de Nova York, e a *Brontë Society* em Madison, Indiana<sup>75</sup> (KELLEY, 2003, p.183).

Em 1827, na cidade de Lynn, Massachusetts, mulheres negras organizaram a *Society of Young Ladies* para ler obras que as auxiliassem em sua busca por maior conhecimento literário. Quatro anos depois, mulheres negras da Filadélfia fundaram a *Female Literary Association*, e na mesma cidade a *Female Minerva Association* (1834) e a *Edgeworth Literary Association* (1836) também começaram suas atividades. Grupos semelhantes surgiram em Boston e em Providence em 1832, em Rochester em 1833, na cidade de Nova York em 1834 e 1836 e em Buffalo em 1837. Ser membro de uma sociedade literária “servia a uma variedade de propósitos para as mulheres negras

<sup>74</sup>"Which [sex] has the most influence on society men or women? (KELLEY, 2003, p.174).

<sup>75</sup>In addition to associations' official records, scores of memoirs, journals, diaries, and letters document the many societies that flourished in antebellum America. Among them were the Ladies Reading Society in St. Johnsbury, Vermont, the Minerva Club in New Harmony, Indiana, the Ladies Social Circle in Templeton, Massachusetts, the Hearthstone in New York City, and the Brontë Society in Madison, Indiana (*Ibid*, p.183).

individualmente, assim como para as brancas”<sup>76</sup> (KELLEY, 2003, p.187), principalmente para o aperfeiçoamento da escrita. Com o passar dos anos, as sociedades femininas afro-americanas desempenharam um papel muito importante na conscientização política.

As sociedades literárias de mulheres negras começaram a aparecer com mais força na década de 1830 e com maior participação de homens negros por causa do crescente número de escravos libertos na região norte dos Estados Unidos. Eles encontraram nos círculos literários uma forma de desenvolver o intelecto, o que poucas vezes conseguiam fazer da mesma forma que as pessoas brancas por causa de sua condição como ex-escravos. Muitas vezes as sociedades literárias surgiram dentro das igrejas e foram encabeçadas por reverendos, como explica Dorothy Porter (1936) ao falar sobre a segregação que ainda existia fortemente entre brancos e negros e que não permitia que as mulheres negras participassem dos círculos literários com as mulheres brancas.

Em seus próprios círculos, as mulheres negras escreviam seus textos e publicavam alguns manifestos importantes, como os da poeta Phillis Wheatley (1753-1784). Nascida na África, ela foi escravizada aos sete anos e trazida aos Estados Unidos, onde teve apoio da família de seus senhores para escrever. Com o passar do tempo ela escreveu diversos poemas que foram rejeitados por inúmeras revistas sob a suspeita de que ela não poderia ser uma mulher, pois a escrita dos textos era refinada demais. Ao protestar, ela foi submetida a um exame oral e a banca examinadora constatou que ela era mesmo a autora dos textos. Apesar disso, ela só conseguiu publicar seu livro em Londres, em 1773, apoiada pela condessa de Huntington.

Wheatley tornou-se, assim, a primeira mulher de descendência negra a publicar um livro de poemas e ganhar prestígio internacional, marcando, dessa forma, o início de uma tradição literária afro-americana. Embora desconhecida em Boston, a publicação em Londres lhe pôs em contato com importantes figuras do mundo literário, eclesiástico e político, fatos que contribuíram para sua liberdade após o retorno a Boston (SANTOS, 2018, p.85).

Seus poemas só foram compilados em formato de livro nos Estados Unidos em 1788, quatro anos após sua morte. Ela se destacou por causa do uso que fez de mitos e de elementos da tradição clássica grega, latina e da Bíblia, o que demonstra como

---

<sup>76</sup>served a variety of purposes for individual blacks, as it did for individual whites (KELLEY, 2003, p.187).



Wheatley conhecia a poesia clássica de Homero, Ovídio e Virgílio. Em contrapartida, ela nunca deixou de ser criticada por aqueles que julgavam que ela não tinha dado devida atenção à causa dos escravos e da situação dos negros nos Estados Unidos.



FIGURA 5 - Portrait of Phillis Wheatley for the cover of *Poems on Various Subjects, Religious and Moral*. Scipio Moorhead, 1773.

Recentemente, porém, um poema tem sido bastante estudado para refutar estas alegações. Em “*On Being Brought from Africa to America*” (1773), Wheatley critica o tráfico de escravos e retrata sua própria experiência quando foi feita cativa. No século XVIII, porém, outros textos nos quais ela se referia a grandes pensadores e escritores se tornaram mais famosos. Mesmo assim, as críticas a ela são compreensíveis, pois

na linha de abertura [de “*On Being Brought from Africa to America*”] ela escreve que ‘foi a clemência que me trouxe da minha terra pagã’. Wheatley expressa sua gratidão em vir para a América enquanto usa a descrição religiosa ‘pagã’ para comunicar um sentimento desdenhoso em relação ao seu país de nascimento<sup>77</sup> (WARWICK, 2020, p.17).

Contudo, o ato de escrever e publicar seus poemas pode ser considerado por si só uma forma de contestar a associação dos negros com a inferioridade intelectual, algo que também se estendia ao fato dela ser mulher e ter gerado dúvidas quanto à autoria dos seus textos. Além do gênero, Wheatley tinha a desvantagem de ser escravizada, algo que podemos perceber na imagem acima (Figura 5), pois apesar dela já ter textos

<sup>77</sup>‘It was mercy brought me from my *Pagan* land,’ Wheatley conveys her gratitude in coming to America while using the religious descriptor ‘pagan’ to communicate an ‘other’ and disdainful feeling towards her country of birth (WARWICK, 2020, p.17).

publicados e ser retratada como escritora, a frase que aparece na parte de cima de seu retrato a identifica como “empregada negra do sr. John Wheatley, de Boston”. Podemos concluir também com esta frase que seu sobrenome vem da ligação de servidão com a família. Apesar de ser retratada como alguém que pensa e escreve, suas roupas também revelam sua posição social. De acordo com Peter Burke, “as posturas e gestos dos modelos e os acessórios e objetos representados à sua volta seguem um padrão e estão frequentemente carregados de sentido simbólico” (BURKE, 2004, p.31), portanto é necessário ir contra o impulso de considerar os retratos pintados como extremamente fiéis à realidade e livres de intenções. No caso de Wheatley, seu retrato não foi pintado como os de Murray ou Macaulay (Figuras 6 e 8), mais respeitáveis, mas de forma mais simples, revelando inequivocamente sua posição social.

Embora o grupo de Margaret Fuller, *Conversations*, seja o mais conhecido dos círculos de leitura, é importante reconhecer que o que ela estava tentando realizar num pequeno círculo em Boston era um experimento que também acontecia em todo o país entre as mulheres. Em todos os lugares elas estavam se preparando para o papel de formadoras da opinião pública, participando ativamente da elaboração do pensamento crítico e na produção cultural, desenvolvendo o raciocínio e aprendendo a dominar os valores da sociedade civil e da cidadania republicana. Essas mulheres aprenderam sozinhas “a se levantar e falar [...] e ao fazê-lo, prepararam-se para exercer influência em suas comunidades, regiões e, em casos como Fuller, em sua nação”<sup>78</sup> (KELLEY, 2003, p.196).

Várias foram as formas encontradas por elas para conseguir por si mesmas e com ajuda umas das outras o que não conseguiam pelas vias institucionais, mas foi sempre a partir do desenvolvimento da racionalidade que novas propostas foram apresentadas. A palavra escrita foi amplamente disseminada por elas como uma maneira de comunicação social e política e os encontros das sociedades literárias femininas possibilitaram cada vez mais contato com o mundo letrado, pois após as discussões elas publicavam seus ensaios em revistas.

Outra das soluções encontradas pelas mulheres para ampliar suas redes de influência e aumentar o alcance de suas vozes foi a prática da publicação de livros e artigos em revistas ensaísticas, abordando temas socioculturais e políticos da época e

---

<sup>78</sup>These women taught themselves to stand and speak [...] and in doing so prepared to exercise influence in their communities, their regions, and, in cases such as Fuller's, their nation (KELLEY, 2003, p.196).

expressando suas ideias muitas vezes por meio das protagonistas de seus livros de ficção.

Da leitura e da conversa, é interessante passar à escrita. [...] Em todos os países o número de publicações femininas aumenta no século XVIII, sinal de uma instrução melhor, mas também do desejo de não serem apenas companheiras cujo talento é mostrado somente às pessoas próximas. Se algumas mulheres acham mais prudente ficar na sombra do anonimato, de um pseudônimo ou do autor que traduzem, outras não hesitam em enfrentar abertamente a opinião pública (GODINEAU, 1992, p.327-328).

Enquanto as publicações masculinas defendiam reformas baseadas no contrato social, na construção de nações e nas melhores formas de governo, as publicações femininas também passaram a tratar destes áridos temas, mas com a diferença de tratarem de tais assuntos de outra perspectiva, de um ponto de vista feminino, ou seja, recorrendo aos conceitos de Liberdade e Igualdade defendidos durante a Revolução Americana, para defesa de uma sociedade à qual se estendessem a todos que tomaram parte nos conflitos, e não apenas aos homens.

A ordem política tradicional passava, com isso, a ser questionada, assim como o lugar e a função das mulheres. Novas perspectivas foram exploradas em relação ao papel que elas deveriam ter, mas independente de qual fossem essas perspectivas, elas estariam submetidas ao poder masculino de atribuir às mulheres seus lugares e mantê-las dependentes de seus pais e maridos. Esta foi uma constatação amarga muito presente nos textos de autoria feminina nos séculos XVIII e XIX nos Estados Unidos.

As mulheres se encontravam no centro das divergências em relação à conduta ideal esperada delas: deviam ser cultas o suficiente para acompanhar seus maridos, representar a família e educar os filhos. No entanto, nada em excesso, para não serem consideradas fúteis ou *coquettes*, pois a atenção demasiada aos estudos, à leitura e ao desenvolvimento da mente poderia torná-las pedantes, masculinas e egoístas.

Numa república as mulheres já não são frívolas, fracas e passivas, mas dignas, enérgicas e ativas. Os homens devem olhar de modo diferente para suas companheiras, devem avaliá-las pelas suas qualidades morais e não pela sua beleza física (GODINEAU, 1992, p.331-332).

Neste sentido, as mulheres americanas refletiram as expectativas femininas também presentes nos países europeus da época, adicionando ainda o fator republicano à questão, porque da mesma forma que a independência havia sido conquistada pelo uso das armas, somente pela educação poderia ser mantida e assegurada à nova comunidade

nacional. Os debates a respeito da mulher tomavam novos direcionamentos, acompanhando as novas demandas sociais, culturais e políticas que também estavam em discussão. No entanto, as tensões se ampliavam, também por causa das crescentes disputas internas. Por este motivo o conhecimento a respeito das diferenças e em especial da diferença sexual feminina com a sua suposta inferioridade, tão presentes na filosofia natural e na medicina, se tornaram mais relevantes na segunda metade do século XVIII, por justificara exclusão das mulheres do cenário político e da educação formal.

### 1.3.1 As práticas americanas de escrita

Apesar de todas as contradições, o século das Luzes também foi uma época do crescimento da prática da escrita devido às evoluções literárias e ao maior acesso das pessoas à cultura escrita. Além da maior intimidade das mulheres com os livros, a quantidade deles em circulação aumentou, assim como também cresceu a quantidade de pessoas alfabetizadas. Na Europa e nas Américas a relação das pessoas com a palavra escrita se transformou durante o século XVIII, o que possibilitou cada vez mais a busca pelos meios de comunicação impressos, especialmente por parte das mulheres, para transmissão de ideias e discussões sobre diferentes assuntos, mas que se uniam na valorização intelectual.

Philippe Ariès considerava o ingresso das sociedades ocidentais na cultura da escrita uma das principais evoluções da era moderna. Os progressos da alfabetização — entendida como a aquisição do saber ler e escrever por parte do maior número de pessoas —, a circulação mais densa da palavra escrita — à mão ou impressa —, a difusão da leitura silenciosa, que estabelece uma relação solitária e íntima entre o leitor e o livro, constituíam para ele transformações decisivas que de maneira inédita traçavam a fronteira entre os gestos culturais do foro íntimo e os da vida coletiva (CHARTIER, 1986, p.113).

Roger Chartier também aponta que essa tendência de difusão do saber entre as camadas mais populares era verificada nas colônias americanas até a metade do século XVIII, chamando a atenção para os índices de alfabetização em algumas das principais regiões econômicas na América. Ele diz que, “na Nova Inglaterra, 61% dos homens assinam seu testamento em 1650-70, 69% em 1705-15, 84% em 1758-62, 88% em 1787-95” (CHARTIER, 1986, p.116). Estes são índices importantes, porque apesar da assinatura do nome não comprovar o conhecimento da escrita, é uma forma de provar o

contato mais próximo que as pessoas passaram a ter com ela e a necessidade que sentiam de dominar esta prática.

No caso das mulheres os índices eram diferentes, mais baixos, mas também crescentes nos Estados Unidos, considerando que “para as mulheres nas três primeiras datas as porcentagens são respectivamente de 31%, 41% e 46%” (CHARTIER, 1986, p.116), no caso da Nova Inglaterra. Os testamentos e certidões de casamento eram os documentos mais assinados pelas pessoas nas colônias americanas. Sendo assim, é possível concluir que o contato com a palavra escrita aumentava, mesmo que o conhecimento ainda fosse privilégio de uma minoria, pois o aumento da circulação dos periódicos, gazetas, manuais e livros, além da necessidade de saber o básico para manter os papéis em ordem, incentivaram cada vez mais as diferentes camadas da população a buscar maior domínio da leitura e da escrita.

Não é possível negar que os homens sempre tiveram maiores privilégios do que as mulheres, o que não foi diferente em relação a estas práticas. Disso é possível concluir que as mulheres participavam menos do mundo da escrita documental ou oficial, mas isso não quer dizer que suas capacidades de leitura estavam comprometidas, ou que elas não tinham habilidades literárias, da escrita de cartas ou suficientes para a manutenção das finanças da casa que requeriam a capacidade de manter registros escritos.

A intimidade crescente das mulheres com a leitura, principalmente, originou uma nova experiência da leitura solitária, tendo em vista que era comum a leitura coletiva na família e nas igrejas. Chartier chama a atenção para o fato de que

Essa "privatização" da prática da leitura é incontestavelmente uma das principais evoluções culturais da modernidade. Assim, precisamos identificar as condições que a possibilitaram. A primeira refere-se à difusão de uma nova habilidade: a que permite ao indivíduo ler sem ter de oralizar o texto, em voz alta ou baixa. Na verdade, só essa maneira de ler pode subtrair o leitor ao controle da comunidade quando lê num espaço coletivo — por exemplo, numa biblioteca ou num local onde há outros presentes (CHARTIER, 1986, p.128).

Ambas as modalidades de leitura, privada ou pública, foram facilitadas pelas práticas protestantes de criação de bibliotecas particulares, sendo que os protestantes tinham, na maioria dos casos, três vezes mais livros do que os católicos, e a grande maioria da população era formada por profissionais liberais. Os comerciantes, pequenos funcionários e burgueses católicos também chegavam a ter muito menos livros em suas

casas dos que seus contemporâneos protestantes, dentre os quais os seguidores da vertente calvinista eram os maiores detentores de livros durante essa época.

É possível identificar a ligação do protestantismo com as práticas literárias de escrita e de leitura, pois na América do século XVIII a cultura religiosa protestante era baseada na familiaridade com o texto bíblico, sendo que “este é ouvido antes de ser lido, pois frequentemente o pai o lê em voz alta para a família ou o criado o lê para os patrões” (CHARTIER, 1986, p.134). Dessa forma, a própria organização das pessoas e da comunidade girava em torno da palavra escrita, através da herança religiosa que os ingleses trouxeram aos Estados Unidos.

Portanto, o processo de privatização e individualização do livro foi facilitado pelas práticas religiosas, por inserir nas famílias a necessidade de se orientar com base em um livro amplamente difundido. A cultura letrada das elites permitia a leitura silenciosa, mas as camadas mais populares encontravam na leitura coletiva uma forma de difusão da palavra a ser seguida. Cada vez mais o livro se tornava presente na vidas das pessoas e mesmo nos ambientes domésticos. No Século das Luzes essa mudança cultural se deu concomitantemente à valorização do intelecto humano e da mente como guias das decisões e ações públicas. O estudo necessário às demandas dos negócios públicos ajudou na construção das bibliotecas particulares e na criação dos círculos literários femininos, pois “a leitura em voz alta num grupo de amigos diletos ou de companheiros casuais torna-se um dos elementos essenciais da sociabilidade — mesmo entre a elite” (CHARTIER, 1986, p.148).

Diferentes modos de leitura e de relações com o livro definem assim práticas ligadas, sociabilidades entrosadas: a leitura solitária alimenta o estudo pessoal e o comércio intelectual; a sociedade amistosa baseia-se na leitura em voz alta, na glosa, na discussão, porém estas também podem reunir um auditório mais amplo que se instrui ouvindo os textos lidos e os argumentos expostos (CHARTIER, 1986, p.150).

Entre os séculos XVI e XVIII a prática da escrita cresceu e alcançou à intimidade das pessoas, assim como as práticas de leitura, sendo elas individuais ou entre mais pessoas. Foram essas práticas que tornaram possível às mulheres escrever para os jornais, revistas e mesmo romances para difundir suas ideias em relação às ideias de cidadania que estavam sendo construídas na América.

Tida como figura majoritariamente doméstica, a mulher também se beneficiou da difusão da escrita e da leitura como práticas essenciais para a organização familiar. A

troca de cartas e a leitura de livros estiveram no início da transformação quando as publicações das mulheres se tornaram mais frequentes e originaram discussões cada vez mais difíceis de ignorarem relação às designações de seus papéis “naturais” na sociedade e na família.

Mesmo assim, a cultura literária da República Americana era segregada no que dizia respeito ao gênero, à classe e à raça. Os homens brancos e de elite liam majoritariamente os jornais e livros de história. As mulheres brancas e de elite deveriam ler romances, poesia e livros de religião. Este era mais um dos paradoxos com os quais elas tiveram que lidar, porque em certo ponto a própria leitura passou a ser mal vista, sustentando-se nas alegações de que “a nova geração de mulheres estava sendo desviada de suas tarefas domésticas normais”<sup>79</sup> (KERBER, 1980, p.235).

Apesar disso, estes ataques não eram necessariamente direcionados à busca de conhecimento por parte das mulheres, especialmente levando em consideração o cenário educacional que se desenrolava e que apresentava novas oportunidades para elas. A diferença era que nas academias esse conhecimento era direcionado para objetivos específicos, por mais que os currículos escolares de meninos e meninas não divergissem muito, enquanto a leitura livre dos romances poderia representar um ameaça ao suscitarem emoções e paixões.

Os livros de ficção eram vistos como perigosos quando abordavam histórias de amor e sedução, ou endossavam um estilo de vida apaixonado como algo a ser desejado pelas moças. Os romances poderiam sugerir que as mulheres se deixassem guiar por suas próprias emoções, libertando-se das amarras sociais e dos papéis guiados pela razão, porque “esses romances podiam ser entendidos como exemplos da nova sensibilidade que seria rotulada de romantismo”<sup>80</sup> (KERBER, 1980, p.245).

A mulher tinha que ter um discernimento claro e estar sempre no controle das próprias emoções para que pudesse guiar seu marido e os filhos para então garantir o comportamento virtuoso do qual a República dependia. Para esta finalidade tão elevada, a República não precisava de mulheres descontroladas em suas emoções que poderiam facilmente ser manipuladas pelos homens, ou que os atraíssem para longe da virtude e os romances pareciam aprovar esse tipo de comportamento perigoso.

---

<sup>79</sup> The new generation of women was being diverted from their proper household tasks (KERBER, 1980, p.245).

<sup>80</sup> These novels may be understood as examples of the new sensibility that would be labeled romanticism (*Ibid*).

Se as mulheres não deviam ler ficção, o que deveriam ler? As advertências contra a leitura de romances eram caracteristicamente acompanhadas pela recomendação de que as mulheres lessem história em vez disso. [...] A cultura literária concordou que o conhecimento da história ajudou a desenvolver um senso de perspectiva social<sup>81</sup> (KERBER, 1980, p.246).

Este pode ter sido um avanço significativo para as mulheres, ao mesmo tempo em que era limitante, pois acenava para o ingresso no âmbito masculino dos estudos históricos, mas mantinha as perspectivas diferentes do que fazer com estes estudos. A narrativa histórica poderia desenvolver a mente das mulheres sem despertar as paixões. Elas foram instigadas a ler os livros de história, mas não a estudá-los, muito menos a escrevê-los. Este, porém, continuava a ser um paradoxo, porque “o aumento da leitura de lazer pelas mulheres implica que as mulheres tinham cada vez mais tempo de lazer”<sup>82</sup> (KERBER, 1980, p.249), o que não estava de acordo com a figura virtuosa da mulher responsável.

As mulheres americanas [...] deviam trabalhar para o benefício de seus maridos e famílias. No explicitamente intitulado *The Female Guide* [...] John Ogden deplorou "o estilo cada vez mais luxuoso de viver na América" e reclamou que as mulheres estavam aprendendo que "não é gentil trabalhar". Ele alertou suas leitoras contra “as consequências perniciosas desse costume perigoso, de passar tardes inteiras em companhia, sem trabalho... As tardes ociosas são a prova de tempos corruptos, [...] tornam famílias pobres e um país miserável”<sup>83</sup> (KERBER, 1980, p.251).

Uma das obras que chamou a atenção a respeito destas preocupações de dispersão foi o romance de Hannah Foster Webster (1758-1840), *The Coquette* (1797), tratando das ameaças que se ocultavam na leitura dos romances pelas mulheres. O livro segue a história de Eliza Wharton, uma jovem que escapa de um casamento indesejado com a morte de seu noivo. Após o incidente ela decide que não quer mais se casar, mas ser independente. Ela acaba chamando a atenção de dois homens: um aristocrata libertino e um clérigo, amigo de sua mãe. Sua preferência pelo aristocrata faz o clérigo

---

<sup>81</sup>If women were not to read fiction, what ought them to read? Admonitions against novel reading were characteristically accompanied by the recommendation that women read history instead. [...] The entire literature culture agreed that knowledge of history helped develop a sense of social perspective (KERBER, 1980, p.246).

<sup>82</sup>the increase in leisure reading by women implies that women had increasing amounts of leisure time (*Ibid*, p.249).

<sup>83</sup>American women [...] were supposed to work to benefit of their husbands and families. In the explicitly titled *The Female Guide* [...] John Ogden deplored “the increasing luxurious style of living in America” and complained that women were learning that “it is not genteel to work”. He warned his female readers against “the pernicious consequences of that dangerous custom, of spending whole afternoons in company without any work... Idle afternoons are proof of corrupt times, [...] they make families poor and a country wretched” (*Ibid*, p.251).



desistir do noivado pretendido, comprometendo-se com outra. O libertino também acaba se casando com outra mulher, deixando Eliza deprimida e mal vista pelasociedade. Sua indecisão e vontade de ser independente fizeram com que ela adiasse o casamento e tivesse um fim trágico.

A publicação do romance, em 1816, gerou muita discussão, porque foi considerada uma obra pedagógica a respeito das decisões erradas de uma moça que decidiu não se casar e explorar sua independência. Em contrapartida, havia aqueles que lembravam que a própria família da personagem não a ajudou quando ela mais precisou ser aconselhada. A obra, “como outras de seu gênero - *Clarissa, Charlotte Temple* - oferece aventura sexual, mas culpa a heroína por isso. Eliza Wharton perde o controle da realidade porque interpreta mal seus romances”<sup>84</sup> (KERBER, 1980, p.249).

Foi neste cenário, em resposta às exigências sobre o que seria apropriado às mulheres em termos de literatura e estudos, que começaram a ser formados os primeiros círculos promovidos pelas mulheres, discutidos acima. Esses círculos, inspirados nos grandes salões intelectuais franceses, rapidamente se transformaram em grupos expressivos durante o início do século XIX, reunindo mulheres interessadas em discussões literárias, sociais e políticas do momento. A diferença era que nos Estados Unidos estes grupos foram majoritariamente femininos e colocavam seus manuscritos para discussão geral. Foi assim que elas buscaram maior proximidade com os acadêmicos, por meio de suas publicações que expunham uma nova forma de participação qualificada das mulheres no espaço público.

É importante ressaltar o senso de comunidade daquelas reuniões e a consciência que desenvolveram a respeito da importância de seu intelecto. Os grupos literários e as mulheres que publicaram sozinhas os seus manifestos tiveram importante protagonismo na transformação das vidas públicas das mulheres e da cultura civil dos nascentes Estados Unidos da América. Com o passar dos anos, grupos literários de mulheres e publicações como as de Murray deram origem a movimentos mais organizados e às primeiras convenções para discutir formalmente a situação feminina. A partir da metade do século XIX, especialmente após a Convenção pelos Direitos das Mulheres (Seneca Falls Convention), os movimentos mais organizados foram precursores do que hoje conhecemos como as três grandes Ondas Feministas.

---

<sup>84</sup>Like others of its genre – *Clarissa, Charlotte Temple* – it offers sexual adventure, but blames the heroine for it. Eliza Wharton loses her control of reality because she misreads her novels (KERBER, 1980, p.249).

O movimento feminista de primeira onda se caracterizou pelo ataque às diferenças discriminatórias e insustentáveis entre homens e mulheres; se aqueles podem trabalhar e participar da condução da vida política da comunidade, não há razão para que essas também não possam fazê-lo. A segunda onda, por sua vez, estaria centrada nas questões privadas e no corpo da mulher, com foco, portanto, nas diferenças relevantes entre os sexos. A terceira onda, recentíssima do ponto de vista histórico, reivindica não mais a diferença entre homens e mulheres, mas as diferenças entre as próprias mulheres (SIQUEIRA, 2015, p.330).

Podemos considerar o uso da imprensa por pensadoras americanas para disseminar novas ideias de participação social e política para as mulheres como manifestações embrionárias do que viria a ser o Feminismo Americano, que se desenvolveu através das subsequentes reivindicações aos direitos de sufrágio, trabalho, herança e propriedade. De acordo com Siqueira (2015) em certos momentos da história as mulheres haviam conseguido alguns destes direitos, mas o Renascimento europeu os fez retroceder em favor do controle dos homens, reforçando a ideia de que a questão dos direitos não podia se resumir a uma designação de superioridade natural, mas tinha que ser vista como consequência de situações históricas e interesses específicos (SIQUEIRA, 2015). A cultura impressa de massa esteve atrelada a este processo em um primeiro momento, mas também serviu como aliada das mulheres que buscavam questionar os padrões sociais e culturais.

## CAPÍTULO 2 – AS REVISTAS DURANTE OS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA

Os Círculos Literários Femininos tiveram papel importante na ampliação da prática de escrita das mulheres, pois além de incentivarem a leitura e a discussão de textos selecionados da época, estimulavam também a escrita de resenhas e de ensaios. A necessidade de apoio intelectual fez com que elas desenvolvessem cada vez mais atividades de publicação com a ajuda umas das outras, formando amizades literárias. Dos encontros dos Círculos Literários foram escritos diversos textos publicados em revistas e lidos por homens e mulheres, sendo que aos poucos, o espaço feminino nas revistas foi crescendo e mais mulheres passaram a publicar seus trabalhos. Judith Murray foi uma destas mulheres que teve diversos dos seus textos publicados e lidos. Ela passou vinte anos de sua vida escrevendo enquanto morou na região de Boston.

Suas colunas foram assinadas inicialmente como *Constantia* e depois com o pseudônimo *Mr. Gleaner*, tratando dos mais variados assuntos. Além da condição das mulheres e sua educação, Judith Murray discutia a situação nacional, o governo que se organizava e algumas questões religiosas, tendo em vista que transformações da visão protestante de cidadania também estavam em voga. Antes da Revolução Americana era raro que as meninas, mesmo das classes mais abastadas e de famílias de comerciantes europeus, recebessem uma educação clássica.

A educação feminina convencional da época geralmente se concentrava na leitura, escrita, costura, religião, tarefas domésticas e um conhecimento superficial de finanças. Apesar disso, no início do século XIX as relações entre homens e mulheres passaram por um período de desestabilização, pois a guerra ajudou a tornar possíveis debates sobre diversos questionamentos sociais. Em uma época de conflito e por necessidade, “as mulheres testaram e transgrediram antigas convenções sociais para proteger a si mesmas e suas famílias. As certezas anteriores perderam seus status, dados como garantidos, e novas questões surgiram”<sup>85</sup> (GALEWSKI, 2007, p.91).

Murray e outras escritoras de sua geração se aproveitaram das condições e dos debates proporcionados pelo período revolucionário para promover o questionamento de certas tradições enraizadas. Por este motivo faz-se necessário entender não apenas os questionamentos, mas também os meios de comunicação que os tornaram possíveis.

---

<sup>85</sup>women tested and transgressed long-standing social conventions in order to protect themselves and their families. Previous certainties lost their taken-for-granted status and new questions arose (GALEWSKI, 2007, p.91).

Através destes meios as palavras das mulheres alcançaram variadas classes sociais e conseguiram exercer influência sobre as pessoas que liam e também escreviam.

## 2.1 AS REVISTAS DE AMPLA CIRCULAÇÃO NA REGIÃO DE BOSTON

Judith Murray nasceu em Gloucester, Massachusetts, em 1751 e só se mudou para Boston com o segundo marido, onde passou a publicar ensaios, poemas, peças e um romance em capítulos que saíam semanalmente em uma revista ensaística. Sua primeira publicação foi feita na *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* (1784), com o título de “*Desultory thoughts upon the utility of encouraging a degree of self-complacency, especially in female bosoms*”<sup>86</sup>, em outubro de 1784.

Em 1790 ela iniciou uma longa parceria com a revista *Massachusetts Magazine, or Monthly Museum of Knowledge and Rational Entertainment* (1789–1796), na qual publicou seus textos durante os oito anos que a revista circulou. Foi nesta revista que Judith publicou seu mais famoso ensaio, *On the Equality of the Sexes*<sup>87</sup> (1790). Ela também publicou uma série de ensaios em uma coluna chamada *The Gleaner* (1792-1794). Para a revista *The Federal Orrery* (1794–1796), ela desenvolveu uma série de ensaios intitulados *The Repository*<sup>88</sup>, em 1794. Murray encerrou suas publicações na *Boston Weekly Magazine* (1802–1808), revista na qual publicou alguns de seus poemas.

As quatro revistas mencionadas acima são importantes meios de comunicação para analisar o cenário sociocultural da época, tanto pelo que publicaram da autora e de outros autores que discutiam os temas sociais e políticos da época, quanto pela sua materialidade e apresentação editorial, que revelam o cenário cultural e letrado da região de Boston naquele momento.

As estudiosas Kathleen Endres e Therese Lueck (1995) explicam que a revista *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* foi a primeira a se direcionar as mulheres como uma parte importante do seu público leitor e uma das únicas duas revistas em circulação na época que aceitavam contribuições do público geral em suas páginas.

---

<sup>86</sup> Pensamentos sobre a utilidade de encorajar certo grau de auto complacência, especialmente no meio feminino (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995). Tradução livre. Os textos de Murray não foram traduzidos para o português até o momento.

<sup>87</sup>Sobre a igualdade entre os sexos (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995).

<sup>88</sup>O repositório (MURRAY, 1794).

A média do tempo de vida de uma revista era de apenas 18 meses e 60% dos periódicos que começaram entre 1741 e 1794 não sobreviveram ao primeiro ano. A *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* publicou apenas oito edições, de maio de 1784 a dezembro de 1784. Portanto, não é surpreendente que Noah Webster, que tentou publicar várias revistas antes de recorrer ao seu dicionário, dissesse em 1788: “A expectativa do fracasso está conectado com o próprio nome de uma revista”<sup>89</sup> (ENDRES; LUECK, 1995, p.96).

Talvez o motivo do curto período de tempo de publicação da *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* estivesse relacionado com sua proposta de incluir as mulheres como leitoras e escritoras de suas colunas, tendo em vista que a *Boston Magazine*, de 1783, era sua concorrente e se voltava para um público masculino, bem como de autoria dos seus ensaios. O próprio título da *The Gentleman and Lady's* deixava claro o escopo das questões cotidianas da cidade e do campo, tanto para homens quanto para mulheres. Ao mesmo tempo havia uma demanda feminina crescente por publicações de autoria feminina, então mesmo que a revista tenha ficado em circulação por pouco tempo, a concorrência que proporcionou a *Boston Magazine* foi significativa.

A maior parte do público leitor das revistas ensaísticas era da região entre Boston e Baltimore, uma pequena área costeira do nordeste dos Estados Unidos. Mesmo assim, a pouca distância entre elas não era facilmente percorrida, pois o sistema de correio estava ainda começando a se organizar e as estradas eram precárias. Por isso, as postagens precisavam ser pagas pelos assinantes das revistas. O custo anual da *The Gentleman and Lady's* era de 12 shillings, o que equivalia a dois dólares por ano, considerando o câmbio de 1995. A revista publicava volumes com uma média de 48 páginas e os principais editores eram Job Weeden e William Barrett (ENDRES; LUECK, 1995).

O valor da assinatura da revista *The Gentleman and Lady's* era considerado alto, pois a média de pagamento de um trabalhador comum era de dois shillings. Dessa forma, “a publicação era claramente direcionada a um grupo social e econômico específico – os cavalheiros e as damas da região, que eram bastante distintos dos

---

<sup>89</sup> The average life of a magazine was only 18 months, and 60 percent of the periodicals that started between 1741 and 1794 did not survive the first year. The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine published only eight issues, from May 1784 through December 1784. So it is not surprising that Noah Webster, who tried to publish several magazines before turning to his dictionary, said in 1788: “The expectation of failure is connected with the very name of a magazine” (ENDRES; LUECK, 1995, p.96).

fazendeiros e donos de lojas”<sup>90</sup> (ENDRES; LUECK, 1995, p.97). A região de Boston era considerada a mais letrada dos Estados Unidos por causa de sua herança religiosa puritana, sendo que é estimado que 90% dos homens eram alfabetizados por volta de 1790. No caso das mulheres essa porcentagem era de 60% nas cidades e 45% nas áreas rurais, então é possível que a assinatura restrita da revista estivesse ligada ao seu custo e não ao fato das pessoas não saberem ler.

As páginas das revistas da época continham poucos anúncios, então a principal fonte dos editores era, de fato, as assinaturas, o que pode explicar seu alto custo. Alguns anúncios de livros, de câmbio monetário e de aulas particulares apareciam, mas nenhuma edição da *The Gentleman and Lady's* teve mais do que quatro anúncios em suas páginas, pois “todos eles eram colocados na capa ou contracapa”<sup>91</sup> (ENDRES; LUECK, 1995, p.97).

Na edição de outubro de 1784, Murray publicou seu primeiro ensaio sobre a condição das mulheres americanas.

Judith Sargent Murray escreveu sob o pseudônimo de *Constantia*. Murray, que foi identificada como "a principal teórica da feminilidade republicana", e escreveu seu primeiro ensaio para a revista *The Gentleman e Lady's Town and Country* quando tinha 33 anos. Ela foi uma das escritoras mais originais e atenciosas a aparecer durante os oito meses da revista. [...] Algumas mulheres usaram nomes como Lúcia, Frances e Emília, que podem ou não ser seus nomes próprios. Não existiam escritores profissionais na época, pois escrever por dinheiro era visto como impróprio para mulheres e antiesportivo para cavalheiros<sup>92</sup> (ENDRES; LUECK, 1995, p.101).

Foi apenas em seu último ensaio assinando como *The Gleaner*, para a revista *Massachusetts Magazine* alguns anos mais tarde, que Judith revelou que era ela quem assinava os textos com o pseudônimo de *Constantia* na *The Gentleman and Lady's*, quando as pessoas puderam conhecer um pouco mais sobre a autoria das suas colunas. Ela nunca revelou sua verdadeira identidade, mas neste último ensaio escreveu sobre a importância do anonimato para minimizar as expectativas dos leitores com relação à sua

---

<sup>90</sup> Clearly, the publication was aimed at a specific social and economic group with some discretionary income - the gentlemen and ladies of the area, who were quite distinct from farmers and shopkeepers (ENDRES; LUECK, 1995, p.97).

<sup>91</sup> All ads were run on the front or back covers (*Ibid*).

<sup>92</sup> Judith Sargent Murray wrote under the pen name of *Constantia*. Murray, who had been identified as “the chief theorist of republican womanhood”, wrote her first essay for *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* when she was 33 years old. She was one of the most original and thoughtful writers to appear during the eight-month run of the magazine. [...] Some women used names such as Lucia, Frances, and Emilia, which may or may not have been their given names. There were no professional writers at the time, as writing for money was frowned upon as unbecoming to ladies and unsporting for gentlemen (*Ibid*, p.101).

pessoa e mantê-los atentos ao conteúdo, o que ela fez desde sua primeira publicação. Ela também informou aos leitores que manteve sua identidade anônima em respeito ao seu marido e aos seus amigos, porque também queria deles “reações imparciais à sua autoria”<sup>93</sup> (DESIDERIO, 2008, p.14).

Ela escreveu por fim, neste último ensaio para a *Massachusetts Magazine*, que esta foi a maneira que encontrou de se dirigir a todos os leitores e não a um grupo em especial, tornando assim a sua escrita democrática e universal. Este aspecto pode ser relativizado, levando em consideração o alto preço das assinaturas que visavam um público alvo específico. Ao mesmo tempo, pelo menos no caso da *Massachusetts Magazine*, a lista de assinantes revelou muitos nomes das classes médias e baixas da população. Isso nos leva à conclusão de que a *Massachusetts Magazine* talvez não fosse tão cara quando a *The Gentleman and Lady's*.

Além de Judith, apenas duas outras pessoas foram identificadas por estudiosos da revista *The Gentleman and Lady's*. Maria Frankly foi a única leitora que teve sua carta para os editores da revista publicada com uma resposta. Ela pediu auxílio quanto ao que fazer com relação ao seu marido, com quem concordou em se casar após um acordo de que teriam quartos separados. Ela pediu ajuda por ter sido violentada por ele e porque nem os empregados da casa, nem seu pai, ou sua tia, a ajudaram quando ela relatou o acontecido. Os editores escreveram em resposta dizendo que apesar da situação ser lamentável, logo ela veria tudo de uma maneira mais favorável (FRANKLY, 1794, p.290).

A disparidade em relação às publicações de mulheres sobre a igualdade entre os sexos, inclusive em relação às publicações de Murray na revista, é notável considerando o posicionamento público dos editores em resposta à Maria. Da mesma maneira, é excepcional a autora da carta ter discutido o assunto em público, revelando a violência e buscando resolver seus problemas. Outros temas surpreendentes foram trazidos por pessoas que escreveram sobre suicídio, loucura e espiritualidade, revelando que todos esses temas faziam parte das discussões sociais da época. A sensibilidade feminina também era amplamente discutida nas páginas da revista pelos ensaístas e leitores que enviavam suas respostas e questionamentos ao que era publicado.

Era comum que os ensaístas usassem pseudônimos na assinatura de seus textos e o único outro escritor que foi identificado nas páginas desta revista foi “Herman

---

<sup>93</sup>impartial reactions to her authorship (DESIDERIO, 2008, p.14).

Harris, de Wrentham, Massachusetts, que teve seus poemas enviados por seus herdeiros”<sup>94</sup> (ENDRES; LUECK, 1995, p.102) após a sua morte. Seus versos eram sobre diferentes temáticas, mas o mais famoso dos cinco que foram publicados foi sobre uma tempestade como alusão a sua situação pessoal.

Ao final de cada edição da *The Gentleman and Lady's*, era apresentada uma coluna de notícias domésticas e internacionais, textos do Congresso e documentos legislativos, além de listas de casamento, nascimentos, batismos e mortes em Boston, um costume seguido pela maioria das revistas que vieram depois. Não havia design gráfico e as fontes utilizadas eram bastante limitadas, reflexo do desenvolvimento recente da imprensa. Os ensaios eram divididos apenas por um pequeno espaço entre os títulos e poucas imagens apareciam nas edições, considerando que as gravuras em placas de cobre que originavam as imagens eram caras e demandavam bastante tempo de produção. Endres e Lueck (1995) explicam que

Embora sediada em Boston, *The Gentleman e Lady's Town and Country Magazine* chegou ao norte, pelo menos até New Hampshire, até o sudoeste, em Connecticut, e ao sul, em Rhode Island. [...] Certamente, o que emerge de um estudo do palavreado da *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* é uma composição da vida social e dos interesses políticos da nação, particularmente no que diz respeito ao status das mulheres após a Revolução Americana. Impedida por restrições financeiras, limitações geográficas e, às vezes, costumes sociais estreitos, esta publicação, no entanto, oferece um conto intrigante e conteúdo para o estudante de revistas femininas nos Estados Unidos <sup>95</sup> (ENDRES; LUECK, 1995, p.104-105).

O mesmo pode ser dito sobre a revista *Massachusetts Magazine*, publicada mensalmente entre 1789 e 1796, também em Boston, em oito volumes, segunda revista na qual Murray publicou os seus textos. Na capa havia geralmente uma imagem seguida da apresentação padrão da proposta da revista e dos editores, como fazia a maioria das revistas da época. Logo depois, o conteúdo da revista era dividido em três partes: a primeira seção continha os ensaios e era chamada *Miscellany*; em seguida vinham os poemas em uma seção chamada *Cabinet of Apollo*; por último estava a *Monthly*

---

<sup>94</sup>Heman Harris of Wrentham, Massachusetts, whose poems were submitted by his heirs (ENDRES; LUECK, 1995, p.102).

<sup>95</sup> Although based in Boston, *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* reached at least as far north as New Hampshire, southwest into Connecticut, and south into Rhode Island. [...] Certainly, what emerges from a study of the verbiage of *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* is a composite of the nation's social life and political interests, particularly concerning the status of women following the American Revolution. Hampered by financial constraints, geographic limitations, and sometimes narrow social mores, this publication nonetheless offers an intriguing tale and content to the student of women's magazines in the United States (*Ibid*, p.104-105).



*Gazette*, parte final que continha listas de casamentos, nascimentos e mortes da região (Massachusetts Magazine, 1791).

A *Massachusetts Magazine*, ou *Monthly Museum of Knowledge and Rational Entertainment*, como também era chamada, circulava nos meios familiares e buscava abordar as mais diversas áreas do conhecimento. Ela foi fundada por Isaiah Thomas (1749-1831), a primeira pessoa a ler publicamente a Declaração de Independência, além de ter sido também um renomado editor e escritor, que fundou a *Massachusetts Spy* (1770-1776) e a *Royal American Magazine* (1774-1775) alguns anos antes. Junto com as assinaturas mensais, a *Massachusetts Magazine* chegava até os leitores através de um ponto de vendas na Livraria John West.

As edições da revista tinham em média 80 páginas e além de Murray, também contribuíam algumas pessoas famosas na época, como o jornalista Joseph Dennie (1768–1812), com pseudônimo *Socialis*, a poeta Sarah Wenworth Morton (1759–1846), com pseudônimo *Philenia*, o político e inventor Benjamin Franklin (1706-1790), o compositor Hans Gram (1754-1804) e o artista Christian Gullager (1759-1826). Jennifer Desiderio (2008) chama a atenção para Joseph Dennie e Sarah Wentworth Morton, considerando a relação deles com Murray, já que

Curiosamente, os três autores têm em comum a *Massachusetts Magazine* como um dos veículos de seus trabalhos. A *Massachusetts Magazine* publicou as respectivas séries de Dennie e Murray - *Socialis* e *The Gleaner* e *The Repository* - bem como os poemas de Morton, sob o pseudônimo de *Constantia*. Morton mais tarde mudou seu pseudônimo para *Philenia*, depois que Murray insistiu que ela foi a primeira a reivindicar esta assinatura. O antigo periódico americano, então, operou como o local de uma cultura literária florescente que resultou na amizade próxima de Dennie, Morton e Murray e suas concorrentes reivindicações à fama<sup>96</sup> (DESIDERIO, 2008, p.2).

Joseph Dennie foi um aclamado Republicano e acadêmico, que publicou em diversos jornais e revistas durante e após a Revolução Americana. Seus temas variavam entre política e sociedade. Sarah Wentworth Morton foi uma poeta notoriamente conhecida por seu poema antiescravidão, intitulado *The African Chief*, publicado em

---

<sup>96</sup> Interestingly, all three authors have in common the Massachusetts Magazine as one of the outlets of their work. The Massachusetts Magazine published Dennie's and Murray's respective series, the "Socialis" and "The Gleaner" and "The Repository," as well as Morton's poems, under the pseudonym "Constantia." Morton later changed her pseudonym to "Philenia" after Murray publicly insisted that she was the first to claim the coveted signature. The early American periodical, then, operated as the site of a burgeoning literary culture that resulted in the close acquaintance of Dennie, Morton and Murray and their competing claims to fame (DESIDERIO, 2008, p.2).

1792. Já Murray publicou a maioria de seus trabalhos na *Massachusetts Magazine*, durante todos os anos em que a revista esteve em circulação, tendo assinado inicialmente como *Constantia* e depois como *Mr. Gleaner*. Entre os anos de 1792 e 1794, ela publicou semanalmente trechos de seu único romance, *The Story of Margareta*, uma de suas obras mais notáveis pelo grande apelo e discurso direto com o público leitor sobre o próprio conceito de “ser autor”. Nestas publicações, Judith utilizou seu pseudônimo masculino *Mr. Gleaner* para contar a história de Margareta pelos olhos de seu pai adotivo, o senhor *Vigillius*.

Murray contava com uma grande e variada audiência e conforme ela publicava os seus capítulos na *Massachusetts Magazine*, aproveitava as reações de seus leitores manifestadas nas cartas que enviavam para a revista para adicionar questões sociais, políticas e de autoria à própria história de Margareta. Além disso, ela se dirigiu diversas vezes diretamente àqueles que lhe enviavam cartas.

Seu relacionamento com os leitores praticamente abrange a história da *Massachusetts Magazine*, que reivindica a honra da mais longa de todas as revistas americanas do século XVIII. [...] Após a publicação de vários poemas e do seu ensaio *On the Equality of the Sexes*, ela começou a série *The Gleaner*, que durou até dezembro de 1794. *The Gleaner* regularmente descrevia as conversas de Murray com seu público [...]. Em outras ocasiões, Murray dedicou colunas inteiras às cartas de seus leitores, onde respondeu meticulosamente cada preocupação e questão individual<sup>97</sup> (DESIDERIO, 2008, p.2).

Murray também ultrapassou os limites da ficção ao descrever sua personagem principal, Margareta, lendo as páginas da *Massachusetts Magazine* e mais especificamente sua coluna *The Gleaner*. Após esse capítulo a personagem conversa com seu pai sobre a leitura, sendo que a interação entre eles corresponde à interação de Murray com seus leitores, que discutiam com ela seus conteúdos publicados. Ela buscou essa aproximação constante com os leitores e “certamente conquistou um público de elite, já que sua lista de assinaturas contava com alguns dos membros mais poderosos da

---

<sup>97</sup>Her relationship with her readers practically spans the history of the Massachusetts Magazine, which claims the honor as the longest lived of all eighteenth-century American magazines. [...] after the publication of various poems and her seminal essay, "On the Equality of the Sexes," she began "The Gleaner" series, which lasted until December 1794. "The Gleaner" regularly described Murray's exchanges with her audience. [...]. At other times, Murray dedicates entire columns to her readers' letters where she meticulously answers each individual concern and question (DESIDERIO, 2008, p.2).

nova república. No entanto, eram os solteiros, marinheiros, matronas e mulheres que compunham a maioria de seu público”<sup>98</sup> (DESIDERIO, 2008, p.5).

A lista de assinantes da revista vinha impressa nas edições mensais e alguns dos nomes recorrentes eram os do presidente John Adams (1735-1826), do ex-presidente George Washington (1732-1799) e do governador de Hampshire, John Taylor Gilman (1753-1828). A maioria dos assinantes se identificava por suas profissões - juízes, ministros, médicos, advogados, xerifes, estudantes e professores. Outros identificavam seus locais de trabalho, ou permaneciam no anonimato, mas o mais notável é que “mais de 120 mulheres são listadas como assinantes, comprando mais de 140 cópias [mensais]. Pode-se considerar que as cópias adicionais eram dadas ou compradas por leitores anônimos”<sup>99</sup> (DESIDERIO, 2008, p.4).

Os periódicos do final do século XVIII e início do XIX contribuíram para a transferência de assuntos e conversas privadas para a esfera pública, sendo que a leitura que as mulheres faziam e os manifestos que publicavam contribuíram para o início de uma nova fase de questionamentos com relação ao papel delas na república americana. A leitura dos livros recomendados e apropriados a elas passou para a esfera pública do que estava sendo discutido nas revistas, fazendo da leitura dos periódicos um aspecto importante da cultura e da sociedade do período.

A grande variedade de temas abordados tanto por Murray quanto pelos outros colaboradores revela o vasto interesse intelectual das pessoas. As classes privilegiadas eram as que mais publicavam seus ensaios. Em contrapartida, a maioria das pessoas que lia algum tipo de revista ou jornal era das classes médias e baixas, incluindo o grande número de mulheres que solicitaram assinaturas da revista em seus próprios nomes. Esse direcionamento ao público leitor geral que a *Massachusetts Magazine* também promovia talvez fosse um dos motivadores para a escolha de Murray pelo pseudônimo *Mr. Gleaner* a partir de 1792, como aponta Jennifer Desiderio (2008)

Embora a assinatura sugira "a impressão de uma casualidade cavalheiresca e estudada", ela também tem conotações de classe claramente inferiores. No sentido mais tradicional, um *respigador*, impelido pela necessidade e desespero, limpa e saqueia os campos depois que os ceifeiros colheram e partiram. [...] Um respigador geralmente atravessa campos vazios porque é

---

<sup>98</sup>certainly, garnered an elite readership since her subscription list claimed some of the most powerful members of the new republic. Yet, it was the bachelors, sailors, matrons, and women that composed the majority of her audience (DESIDERIO, 2008, p.5).

<sup>99</sup> Over one hundred and twenty women are listed as subscribers, buying over one hundred and forty copies. It can be assumed that the additional copies were given or bought for unnamed readers (*Ibid*, p.4).

movido por circunstâncias pecuniárias infelizes<sup>100</sup> (DESIDERIO, 2008, p.8-9).

A *Massachusetts Magazine* (1789-1796) compartilha com a *New York Magazine* (1790-1797) o título de revista com maior tempo de circulação nos Estados Unidos durante o século XVIII. Seguindo o exemplo da *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* (1784), ela manteve a abordagem de temas diversos, inclusive femininos, buscando um público abrangente através de sua proposta de levar conhecimento e entretenimento às famílias da região de Boston.

No século XX, em 1908, uma nova edição da revista foi impressa em Salém, Massachusetts, organizada por Frank A. Gardner (1861-1938) e Charles A. Flagg (1870-1920). O editor era o reverendo Thomas Franklin Waters (1854-1919), também escritor e pesquisador. Essa nova edição da revista circulou por 10 anos, até 1918, mas com escopo mais reduzido e voltado para trabalhos de História, Genealogia e Biografias, com publicações trimestrais (BROWN, 1932).

Os editores da *Massachusetts Magazine* de 1789, Ezra Waldo Weld (1765-1818) e William Greenough (1772-1860), fundaram na mesma época mais uma revista, *The Federal Orrery* (1794-1796), sendo que as duas revistas lançaram sua última edição no mesmo ano. Ao contrário da *Massachusetts Magazine*, porém, *The Federal Orrery* era publicada quase todas as semanas, tendo seu último volume editado em outubro de 1796. Os editores Ezra Weld e William Greenough também contribuíram nesta revista como ensaístas, mas as pessoas mais famosas que publicaram em suas páginas foram o fabricante Benjamin Sweetser (1772-1837) e o político Thomas Paine (1737-1809), que também escreveu o panfleto *Common Sense* (1776), lançado às vésperas da Revolução Americana e considerado um dos manifestos-chave sobre a independência.

Judith Murray publicou na revista *The Federal Orrery* uma coluna chamada *The Reaper*, entre outubro e novembro 1794. Seus ensaios tratavam da compaixão, das descrições e recomendações quanto ao modelo ideal de homem e alguns cuidados a serem tomados a respeito do amor, da fama e de seus efeitos colaterais. O pseudônimo escolhido por Judith para esta breve coluna -*The Reaper* - significa Ceifador ou Ceifeiro, ou seja, aquele que faz a colheita ou o corte de algo se utilizando de uma foice. Essa imagem também é associada com a alegoria da morte. O pseudônimo está, de certa

---

<sup>100</sup>While the signature suggests "the impression of studied, gentlemanly casualness," it also has distinctly lower class connotations. In the most traditional sense, a gleaner, impelled by need and desperation, cleans and ransacks the fields after reapers have harvested and departed. [...] A gleaner usually traverses empty fields because he is driven by unfortunate pecuniary circumstances (DESIDERIO, 2008, p.8-9).

forma, relacionado com o seu anterior *-The Gleaner* - que também envolveu uma personagem ligada à colheita. Dessa vez, porém, a ação de um ceifeiro ou ceifador pode ser interpretada como sendo mais certa e direta, como também eram seus textos para esta coluna, mais sucintos e objetivos.

Após as publicações ensaísticas concluídas em 1796, Judith passou por um período de seis anos sem novas publicações em revistas, até que em 1802 voltou a escrever publicamente. Várias das cartas que ela escreveu durante este período longe das revistas foram organizadas e publicadas por Sharon M. Harris em seu livro *Selected Writings of Judith Sargent Murray*, de 1995, editado para o projeto *Women Writers in English 1350-1850* da Universidade de Brown.

Foi entre novembro 1802 e abril de 1803 que Judith publicou na *Boston Weekly Magazine* uma série de poemas. A revista circulou entre 1802 e 1805, tendo sido editada por Samuel Gilbert (1777-1867) e Thomas Dean (1779-1826), que também produziram as obras do coronel David Humphreys (1752-1818), da escritora Susanna Rowson (1762-1824), do padre John S. J. Gardiner (1765-1830) e do inventor Benjamin Dearborn (1754-1838). Susanna Rowson também editou alguns volumes, além de contribuir com textos para a revista. A principal proposta da revista estava relacionada ao cultivo dos bons costumes da população, então a *Boston Weekly Magazine* divergia um pouco das propostas das outras revistas nas quais Judith publicou seus trabalhos.

É interessante, porém, constatar que Judith tenha sido bem sucedida em uma revista que prezava pelos bons costumes. Isso pode significar uma influência social que já era percebida a favor da publicação de textos escritos por mulheres e sobre aspectos envolvendo o feminino, pois em seus poemas para a *Boston Weekly Magazine*, Judith assinava como *Honora Martesia*, pseudônimo feminino. Entre seus temas estavam a maternidade e os sentimentos como sensibilidade e amabilidade.

Esta era uma revista dividida em múltiplas seções, que podiam ou não aparecer nas edições semanais, de acordo com a demanda dos textos que recebiam dos ensaístas. O primeiro volume apresentou em suas primeiras páginas textos sobre Moralidade, Literatura, História e Artes. Em seguida vinham as seções propostas: Artigos e Ensaios, Diversão, Utilidades Gerais, Biografias Históricas, Moralidade, Romances e Poesias. Apesar da grande quantidade de divisões temáticas, as edições eram mais sucintas do que as das outras revistas por se tratar de uma publicação semanal. Ao final das edições eram acrescentadas as listas de casamentos, óbitos e nascimentos da região de Boston, conforme o costume (*Boston Weekly Magazine*, vols. 1 e 2).

Assim como as outras revistas, a *Boston Weekly Magazine* não contava com anúncios ou publicidade nas páginas internas. As impressões também eram limitadas no número de imagens, sendo recorrente apenas a figura de um anjo precedendo a lista dos casamentos, de uma lápide precedendo a lista dos óbitos e uma figura representando a esfera divina precedendo a seção dos poemas. Ao contrário das outras revistas citadas, a *Boston Weekly Magazine* tinha uma submissão maior de textos ficcionais, filosóficos e poéticos do que textos acadêmicos e ensaios sociais ou políticos.

Um romance intitulado *Sincerity* foi recorrente nas páginas da revista, assinado com o nome *Anne*. Outros romances e alguns textos na seção “Diversão” eram assinados por *Leonora*, *Sarah* e *Márcia*. A ausência de sobrenomes nestas publicações pode significar que esses nomes fossem pseudônimos, como *Constantia*, de Judith Murray, mas a autoria era feminina. Boa parte dos ensaios foi publicada de forma anônima ou apenas com as iniciais do autor, mas entre os ensaios assinados com nomes masculinos estavam os de *Alonzo*, *Matthew Mole* e *Alfred Theodore*. (Boston Weekly Magazine, vols. 1 e 2) A revista não trazia uma lista de assinantes, mas devido à sua grande variedade de temáticas e seções, é possível considerar que a circulação fosse grande, especialmente pelo fato da revista ser semanal e contar com uma coluna de conselhos práticos na área de medicina, agricultura e culinária.

Os textos de Murray publicados nas quatro revistas americanas *The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine* (1784); *The Massachusetts Magazine* (1789-1796); *The Federal Orrery* (1794-1796); *The Boston Weekly Magazine* (1802-1805) foram importantes manifestos que ajudaram não apenas a contribuir com a crescente demanda de escritoras mulheres em ter seus textos publicados, mas também a discutir temas ligados à percepção delas de uma sociedade recém-independente que buscava construir sua identidade. A difusão de seus textos por estas revistas permitiu-lhe manter um diálogo contínuo com o público leitor, acompanhando o desenvolvimento do espaço público nos jornais e revistas, que em contrapartida proporcionaram um espaço de discussão para escritoras/es e leitoras/es sobre os temas mais importantes da política e da sociedade.

Neste sentido, é importante atentar à materialidade das revistas em um estudo histórico, porque os aspectos gráficos, de circulação, autoria e edição também são fundamentais para a composição da imagem de determinado autor e do conteúdo transmitido pela palavra escrita (LUCA, 2015).

## 2.2 UMA REDE DE ESCRITORAS: DIÁLOGOS E RELAÇÕES

O cenário de rupturas e transformações com relação aos direitos das mulheres pode ser acessado a partir de suas publicações. Por um lado, elas atualizaram temas em discussão na sociedade, que estavam em constante mudança, mas ainda muito centrados na autoridade masculina. Por outro, as publicações podem ser encaradas como precedentes para a organização de movimentos de emancipação das mulheres por meio da imprensa. Entender de que forma suas demandas sociais e políticas dialogavam com o cenário da época faz-se necessário para compreender como certos padrões foram alvo dos questionamentos das escritoras. Murray foi uma importante ensaísta, mas é necessário comparar seus textos e os de outras mulheres que publicaram na mesma época para ter um quadro mais abrangente e entender as suas reivindicações por mudanças educacionais. A identificação de semelhanças e contrastes ajuda na análise da percepção pessoal e coletiva do que significava ser mulher para Murray e como ela queria transformar o cenário no qual elas viviam. Devemos sempre considerar a importante influência da autora, mas não podemos esquecer de que ela estava inserida em uma comunidade específica e que mantinha relações de amizade com outras escritoras.

Analisando os textos destas mulheres podemos identificar nuances em comum que permeavam seus desejos e a multiplicidade de expectativas que as motivavam a lutar por mudanças e criticar o sistema de gênero vigente. Por isso, buscamos fazer uma análise comparada dos textos de Murray com os de outra pensadora americana, Mercy Otis Warren, e de duas escritoras inglesas, Catharine Macaulay e Mary Wollstonecraft, considerando o cenário cultural anglo saxão e de influência britânica na cultura escrita americana da época. A influência da cultura escrita europeia fez com que Murray se interessasse pelo trabalho de Mary Wollstonecraft e que tenha buscado manter uma relação epistolar com Mercy Otis Warren, ambas importantes mulheres republicanas. A relação de Murray com os seus textos é um importante indício de uma rede de escritoras.

Esta rede também foi desenvolvida por Mercy Otis Warren, que manteve correspondências com diversas escritoras, entre elas Catharine Macaulay, historiadora inglesa que compartilhava visões críticas sobre a feminilidade, tanto com Murray, quanto com Mary Wollstonecraft. A relação de amizade epistolar e de discussão entre estas quatro mulheres revela importantes indícios de sua busca constante por cultivar as

amizades intelectuais e literárias. Elas mantinham relações de amizade entre si através da troca de cartas, no caso de Warren com Macaulay e Murray, e através da leitura e discussão de seus trabalhos nos círculos literários da região de Boston. Apesar de fazer uso de pseudônimos, Murray fez diversas referências diretas aos textos de Wollstonecraft em suas publicações como *Mr. Gleaner*, evidenciando uma rede de relacionamentos pessoais e de interesse intelectual fundamental para entendermos sua linha de pensamento.

Em 1790, Murray publicou “*On the Equality of the Sexes*”, o primeiro de muitos ensaios nos quais ela discutiria a igualdade da mente e alma entre homens e mulheres, e no qual afirmava a necessidade de uma educação de qualidade para que os dois sexos pudessem exercer papéis políticos (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995). Dois anos depois, em 1792, Mary Wollstonecraft publicava na Inglaterra o texto “Reivindicação dos Direitos da Mulher”, que nos anos seguintes tornou-se referência por defender, entre outras coisas, a educação feminina e se contrapor às ideias de alguns pensadores da época, como o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e o bispo Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838), ambos resistentes aos direitos das mulheres. Dessa forma, em países diferentes, Murray e Wollstonecraft se tornaram importantes referências para compreender a busca das mulheres pelo próprio espaço em sociedades majoritariamente patriarcais do final do século XVIII.

Ambas se manifestaram através da escrita. O diálogo entre suas ideias reflete aspectos importantes de nações que compartilharam relações estreitas e encontraram em mulheres como elas representantes notórias dos interesses femininos. De acordo com Anadir dos Reis Miranda

A escritora inglesa Mary Wollstonecraft integra o grupo de pensadores que questionou os paradoxos e os limites do pensamento liberal e democrático, particularmente no que diz respeito às mulheres. [...] Wollstonecraft contribuiu significativamente para o debate que estava em curso no século XVIII a respeito do estatuto social e político das mulheres. Era majoritária entre os pensadores do século XVIII a crença de que as mulheres pareciam ser incapazes de participar da nova ordem social. [...] Wollstonecraft concordava que as mulheres pareciam ser incapazes de ter uma participação ativa na nova ordem social, mas diferente da maioria dos pensadores atribuía sua incapacidade cívica ao tratamento desigual e opressivo imposto pela sociedade. [...] Wollstonecraft se contrapôs aos discursos hegemônicos que encaravam a inferioridade feminina como natural, tornando-se assim um tenaz defensora da igualdade entre os sexos (MIRANDA, 2010, p.11).

A nova ordem social defendida por Wollstonecraft também foi defendida por Murray, com a diferença de que esta última baseava seus argumentos na



complementariedade entre os sexos, ou seja, enquanto Mary Wollstonecraft se tornou conhecida por suas ideias mais ousadas em relação à agência feminina, Judith Murray defendeu a educação das mulheres para que elas pudessem se capacitar para exercer suas responsabilidades em casa, no caso de já serem mulheres casadas. Murray fazia parte de uma classe abastada da sociedade de Boston e buscava evidenciar a racionalidade e a capacidade mental das mulheres, ao mesmo tempo em que afirmava que a participação delas deveria equilibrar a responsabilidade política e a familiar, para que as mulheres pudessem se colocar no espaço público de maneira sutil, mas constante.

Murray acreditava que as mulheres seriam libertas de seu confinamento intelectual e da obscuridade por meio da educação e ela formulou uma teoria educacional baseada em uma ideia iluminista da igualdade intelectual dos sexos. A igualdade existia para Murray como um dado e fornecia a razão e a razoabilidade da projeção da educação feminina. Para as mulheres, igualdade significava a oportunidade de buscar, alcançar e expressar suas capacidades máximas<sup>101</sup> (CHEEK, 1985, p.253).

Apesar de não ser tão liberal quanto Wollstonecraft, Murray continuou, por mais de duas décadas após a publicação de “*On the Equality of the Sexes*”, escrevendo para diversas revistas sobre a situação das mulheres em ensaios, poemas, peças e romances. Ela foi bem recebida pelos leitores e leitoras, que passaram a interagir com ela por cartas enviadas aos jornais. Sua ideia de uma educação clássica para as mulheres estava baseada no princípio de que elas eram parte importante da sociedade e também responsáveis pela criação dos filhos. Apenas se fossem bem educadas elas poderiam exercer seus papéis políticos e domésticos.

---

<sup>101</sup> Murray believed women would be freed from their intellectual confinement and obscurity through education, and she formulated an educational theory based upon an enlightened idea of the intellectual equality of the sexes. Equality existed for Murray as a given and provided the reason for, and the reasonableness of, promoting female education. For women equality meant the opportunity to pursue, to achieve, and to express their fullest capabilities (CHEEK, 1985, p.253).



FIGURA 6 - Portrait of Mrs. John Stevens (Judith Sargent, later Mrs. John Murray)<sup>102</sup>. John Singleton Copley, 1772.

Além disso, Judith também encontrou meios originais de defender essa posição resignificando os estereótipos femininos e transformando-os em provas da capacidade racional das mulheres. Ela fez isso com o estereótipo das fofoqueiras e obcecadas por moda, por exemplo. Ela afirmava que as mulheres tinham muita capacidade criativa e que o problema era que esta capacidade estava sendo gasta com atividades fúteis que davam oportunidade para que elas se tornassem fofoqueiras. A grande capacidade racional das mulheres, por não ser ocupada com os estudos, era transformada em conversas fúteis e fofocas.

A riqueza da teoria educacional de Murray repousa sobre a relação entre esses dois objetivos. Ela não pretendia nenhum conflito entre seus objetivos educacionais para a mulher solteira independente e a Mãe Republicana. Na verdade, ela via esses papéis como um apoio mútuo, oferecendo às mulheres maiores oportunidades em um ambiente intelectual expandido. Embora, ao contrário de muitos homens, as mulheres tivessem que fazer uma escolha entre a família e o emprego externo, Murray acreditava que, independente do papel que assumiam, as mulheres educadas na república compartilhavam uma comunhão de caráter, conduta e propósito<sup>103</sup> (CHEEK, 1985, p.225).

<sup>102</sup> Esta imagem foi produzida em comemoração ao casamento de Judith com seu primeiro marido, John Stevens. Esta era uma prática comum do período e na imagem vemos Judith representada com um vestido de cetim com várias dobras para acentuar sua feminilidade. Nas mãos ela tem uma cesta de flores que simboliza a esperança de um casamento frutífero. Na parte de trás da imagem há uma cena bucólica com árvores e Judith tem uma expressão serena no rosto. Nenhuma alusão é feita quanto à sua intelectualidade. Apenas anos mais tarde ela ficaria conhecida por seus textos. Apesar disso, existe há uma certa imponência na imagem que revela sua classe social e status.

<sup>103</sup> The richness of Murray's educational theory rests upon the relationship of these two goals. She intended no conflict between her educational goals for the single, independent woman and the Republican Mother. In fact, she saw these roles as mutually supportive, offering women greater opportunities in an expanded intellectual environment. Though, unlike many men, women had to make a choice between

Os questionamentos de Wollestonecraft e Murray contribuíram para promover discussões intelectuais importantes. A maioria das mulheres que buscava o conhecimento teve que lidar inicialmente com a diferença de educação, pois as famílias mais abastadas ainda privilegiavam a educação dos meninos. Apesar disso, os círculos literários e de discussão social possibilitaram que elas desenvolvessem seus estudos, muitas vezes iniciados de forma autodidata com ajuda das bibliotecas de suas casas. Nos espaços públicos e através de suas leituras, Murray e Wollstonecraft puderam “entrar em contato com saberes tradicionalmente interditos ao feminino” (MIRANDA, 2010, p.12).

Aos poucos, mas constantemente, as mulheres foram questionando os espaços reservados a elas e propondo novos modelos educacionais para reduzir um pouco a diferença intelectual entre os sexos. Nos Estados Unidos, Judith conseguiu publicar seus textos em quatro revistas, falando sobre as possibilidades que as mulheres encontrariam se elas fossem devidamente educadas.

A Maternidade Republicana era, afinal, apenas um objetivo possível para a mulher educada. Ao discutir sobre mulheres, casamento e maternidade, Murray rejeitou ideias e ações que limitavam a escolha das mulheres e ofereciam o casamento como a única opção significativa na vida, sugerindo que o casamento deveria ser visto, na melhor das hipóteses, como uma contingência. [...] Por isso ela achava que a mulher deveria se preparar por meio da educação para a alternativa viável. Murray não confinaria a educação das mulheres dentro de fronteiras estreitamente restritas de domesticidade<sup>104</sup> (CHEEK, 1985, p.256).

As duas escritoras fizeram parte de uma época de transição que tentava desvendar os mistérios do corpo feminino e atribuir a ele uma natureza específica, que o diferenciava do corpo masculino. Neste sentido, não apenas os estudiosos passaram a repensar o lugar social das mulheres, mas elas próprias passaram a questionar sua participação ativa na sociedade.

---

family and outside employment, Murray believed that regardless of the role they assumed, educated women in the republic shared a commonality of character, conduct, and purpose (CHEEK, 1985, p.225).

<sup>104</sup>Republican Motherhood was, after all, only one possible goal for the educated woman. When discussing women marriage, and motherhood, Murray rejected ideas and actions that limited women's choice and offered marriage as the only meaningful option in life, suggesting instead that marriage should be seen as a contingency at best. [...] Therefore she thought women should be prepared through education for the other viable alternative. Murray would not confine women's education within narrowly restricted borders of domesticity (*Ibid*, p.256).

Durante o Século das Luzes a figura feminina se encontra no centro de uma série de textos em que filósofos, médicos e escritores se interrogam sobre sua fisiologia, sua mente, sua educação, seu papel na sociedade. É nesse período que se afirma a ideia de uma natureza feminina específica, obra dos filósofos e médicos que se perguntaram sobre o que é a mulher e o que a distinguia do homem. [...] Tudo teve que ser repensado, agora pela ótica da razão, e as mulheres não foram exceção. Há outro fator relevante para esse interesse pelo feminino: a necessidade de se definir seu posicionamento e sua função na nascente sociedade civil (MIRANDA, 2010, p.40).

Murray e Wollstonecraft afirmavam em seus textos “que a incapacidade cívica que as atingia era fruto do tratamento desigual imposto a elas, e que só a educação pautada na razão (a mesma destinada aos homens) lhes devolveria a autonomia” (MIRANDA, 2010, p.63). As mulheres se colocaram a respeito da exclusão social e política como figuras ativas, o que era justificado com as ideias de sua “irracionalidade” ou “incapacidade”. Essa diferenciação social era para elas o “fruto de sua situação social e não uma característica inerente a elas” (MIRANDA, 2010, p.67).

Suas experiências pessoais e coletivas possibilitaram à Murray e Wollstonecraft questionar o tratamento “natural” imposto às mulheres que regulava sua existência apenas em relação aos homens. A concepção delas e de outras escritoras que publicavam seus trabalhos era a de que o tratamento que elas recebiam era, na verdade, fruto do meio social que as tratava como frágeis desde a infância. Essa educação limitadora as tornava dependentes e incapazes de exercer a cidadania sem a supervisão de seus parentes homens. Na infância era o pai ou outro parente que se responsabilizava pela mulher e depois eles eram substituídos pelo marido. Esta realidade social e cultural levava as moças a ter uma educação necessária apenas para que pudessem assegurar bons casamentos enquanto a educação clássica dada aos meninos era substituída pelo desenvolvimento dos atributos que agradariam seus futuros maridos.

A justificativa para a diferença de educação entre os sexos foi interiorizada pelas próprias mulheres, que passavam de geração em geração a responsabilidade da boa reputação e do controle dos próprios desejos. Elas deviam ser belas e castas, com atenção para não se perderem em leituras desnecessárias e atividades fúteis, ao mesmo tempo em que a busca pela independência descaracterizava a mulher de seu espaço “apropriado”.

A notoriedade de Judith Murray e de Mary Wollstonecraft esteve no fato de que elas se manifestaram publicamente pela educação igualitária para ambos os sexos, contrariando a formação social e o meio do qual faziam parte. Havia vantagens no meio social mais abastado do qual pertenciam que talvez as permitiram maior contato com o

conhecimento, mas mesmo entre as classes mais altas a educação das mulheres era severamente controlada. A disposição por mudanças em defesa da racionalidade possibilitou a elas e a outras mulheres buscarem seus espaços, sendo que Murray é considerada hoje uma das primeiras mulheres feministas dos Estados Unidos e Mary Wollstonecraft talvez a mais famosa precursora de todas.

Com a devida educação as mulheres estariam livres para fazer escolhas mais sábias ao invés de ficar presas e dependentes, sem que isso colocasse alguma ameaça aos papéis hegemônicos exercidos pelos homens. A educação clássica salvaria as mulheres de suas vidas incertas e de interesse financeiro ligado ao casamento, além de contribuir para o bem estar dos próprios homens, que reclamavam das futilidades. A mulher não seria mais apenas apoio de seu marido, mas faria parte da vida social da família e contribuiria para a formação do intelecto. Elizabeth Galewski (2007) aponta para a sutileza nas ressignificações de Murray, que permitiram que seus textos fossem lidos por figuras importantes, como os presidentes George Washington e John Adams.

Estudiosos da atualidade frequentemente apontam para este ensaio como um dos primeiros exemplos em que uma mulher americana argumentou sobre a capacidade de raciocínio das mulheres. Significativamente, o ensaio foi anterior à “*Vindication of the Rights of Women*”, de Mary Wollstonecraft, em dois anos. Por esse motivo, muitos estudiosos contemporâneos definem Murray como uma das primeiras feministas nos Estados Unidos<sup>105</sup> (GALEWSKI, 2007, p.85).

Por fim, de forma bastante interessante, as duas escritoras exaltaram ainda mais a capacidade intelectual das mulheres com base no equilíbrio que deveria existir entre mente e corpo. Considerando a superioridade física dos homens, as mulheres deveriam ser “naturalmente” mais racionais. Mesmo assim, tanto Judith quanto Mary mantiveram posições em prol da educação igualitária, e não superior, para homens e mulheres.

Sei que há quem afirme que como os poderes físicos de um sexo são superiores, é claro que suas faculdades mentais também devem ser mais fortes [...]. Apesar disso, se admitíssemos que a força física prova alguma coisa, levando em consideração a costumeira imparcialidade da natureza, deveríamos ser levados a imaginar que ela havia investido a mente feminina de força superior como equivalente das faculdades corporais do homem. Mas,

---

<sup>105</sup> Present-day scholars frequently point to this essay as one of the first instances in which an American woman argued for women’s capacity to reason. Significantly, the piece predated Mary Wollstonecraft’s *Vindication of the Rights of Women* by two years. For this reason, many contemporary scholars praise Murray as one of the first feminists in the United States (GALEWSKI, 2007, p.85).

tendo essa vantagem, *apenas pela igualdade* desejamos lutar.<sup>106</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.8).

Os homens têm uma força física superior, mas, não fossem as noções equivocadas de beleza, as mulheres adquiririam suficiência para poder ganhar seu próprio sustento, que é a verdadeira definição da independência, e suportar essas inconveniências e tarefas corporais, que são requisitos para fortalecer a mente. Deixem-nos, então, atingir a perfeição física, permitindo que façamos os mesmos exercícios que os meninos não apenas durante a infância, mas também na juventude; assim, poderemos saber até onde vai a natural superioridade do homem (WOLLSTONECRAFT, 1792. In: ASSUNÇÃO, 2015, p.114).

Wollstonecraft definiu a educação como o caminho para as mulheres agirem por si próprias e perceberem que uma posição política podia ser obtida através do bom uso da razão. Sendo assim, até que oportunidades iguais de educação fossem uma realidade, não seria certo condenar as mulheres por agirem de forma questionável ou por suas habilidades limitadas, da mesma forma que elas não deveriam ser condenadas pelo interesse excessivo que tinham no sexo oposto, já que assegurar um bom casamento era o caminho incentivado pela família para a própria estabilidade financeira.

A imagem abaixo (Figura 7) retrata Wollstonecraft quando estava grávida de sua filha, a futura escritora Mary Shelley. Esta é uma imagem que a coloca em frente a um cenário neutro de fundo preto, sendo que ela está vestida de branco e sem adornos. Na imagem, Wollstonecraft é retratada de maneira bastante simples, mas serena e respeitável. Este retrato foi encomendado por ela e feito no final de sua vida, pouco antes dela dar à luz, então podemos considerar a maneira como ela mesma desejou ser retratada, não como escritora, mas apenas uma mulher que aguardava o momento de dar à luz. Em seus textos ela também manteve o estilo bastante direto.

---

<sup>106</sup> I know there are who assert, that as the animal powers of the one sex are superior, of course their mental faculties also must be stronger; [...] Besides, were we to grant that animal strength proved anything, taking into consideration the accustomed impartiality of nature, we should be induced to imagine, that she had invested the female mind with superior strength as an equivalent for the bodily powers of man. But waving this however palpable advantage, for *equality only* we wish to content (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.8).



FIGURA 7 - Portrait of Mary Wollstonecraft. John Opie, 1797.

Em seu manifesto, ela relatou que o melhor modelo de educação seria o que educasse meninos e meninas juntos durante o dia, independente de suas classes sociais. O uso de uniformes seria uma forma de prevenir as manifestações de vaidade e todos seriam submetidos ao mesmo sistema de disciplina. As salas de aula seriam rodeadas por um grande espaço onde as crianças pudessem se exercitar, porque elas não deviam ser obrigadas a desempenhar tarefas sedentárias por muito tempo, como acontecia com as meninas que tinham que costurar por horas seguidas. Os exercícios físicos complementaríamos a educação teórica para desenvolver os sentidos, porque “a leitura, a escrita, a aritmética, a história natural e alguns experimentos simples na filosofia natural poderiam preencher o dia, mas essas tarefas nunca deveriam invadir os jogos de ginástica ao ar livre” (WOLLSTONECRAFT, 1792. In: ASSUNÇÃO, 2015, p.214).

Disciplinas como religião, história e política seriam ministradas através de conversas, seguindo o modo socrático de educação. Após os nove anos, tanto os meninos quanto as meninas seriam enviados para escolas específicas para serem ensinados de acordo com a aptidão de cada um. Durante as tardes as meninas também teriam aulas de confecção para aprender a fazer peças de roupas simples. Ao atingir a juventude os jovens e as jovens seriam enviados às escolas de línguas, ciências, história e política mais avançadas, sempre juntos, meninos e meninas.

“Meninas e meninos ainda juntos?”, ouço alguns leitores perguntarem. Sim. E eu não temeria qualquer consequência, além do surgimento de algum afeto precoce, o qual, enquanto tivesse o melhor efeito sobre o caráter moral dos jovens, poderia não concordar perfeitamente com as perspectivas dos pais, pois temo que levará um longo tempo até que o mundo seja suficientemente

esclarecido para que os pais, desejando apenas que seus filhos sejam virtuosos, permitam-lhes eleger por si mesmos seus companheiros para toda a vida (WOLLSTONECRAFT, 1792. In: ASSUNÇÃO, 2015, p.214).

Mary Wollstonecraft idealizou um modelo de ensino não apenas pelo ensino igualitário, mas também pela presença de meninos e meninas nos mesmos espaços, pois para ela, as pessoas só seriam mais virtuosas se os dois sexos agissem de acordo com os mesmos princípios, o que não podia acontecer quando apenas os meninos podiam desenvolvê-los. Através da educação conjunta a emancipação da mulher também seria possível: “Que a mulher compartilhe dos direitos, e ela irá emular as virtudes do homem, pois se aperfeiçoará quando emancipada; caso contrário, que se justifique a autoridade que escraviza um ser tão frágil a seu dever” (WOLLSTONECRAFT, 1792. In: ASSUNÇÃO, 2015, p.243-244).

Murray não apresentou em seus textos um plano tão claro e objetivo do que seria a educação de homens e mulheres, mas explicou em diversos de seus textos a necessidade dos conhecimentos gerais, da história e da política, também serem estendidos às mulheres. Murray propôs este modelo de educação sem especificar se meninos e meninas deveriam frequentar as mesmas escolas juntos, mas fez distinções importantes sobre a necessidade de abertura dos espaços de estudos mais avançados para as moças, mesmo que ainda tivessem que aprender os deveres domésticos junto com os intelectuais. Ambas as escritoras pensaram diferentes modelos para diferentes situações sociais e ideais de educação, provando o interesse das mulheres em transformar a própria realidade e, conseqüentemente, suas expectativas de futuro.

Murray estava com vinte e cinco anos de idade quando a Declaração de Independência foi redigida, tendo vivenciado as contradições políticas e sociais do final do período colonial e da época revolucionária, além das mudanças envolvidas no processo de construção nacional. A educação de Judith se deu por meio de leituras, da escrita e principalmente do aprendizado das tarefas domésticas, como era esperado para as moças da sua classe social. Em contrapartida, seus pais contrataram um tutor para preparar seu irmão para estudar na Universidade de *Harvard*. A diferença na educação dos dois incentivou Murray a ampliar suas leituras utilizando a biblioteca da própria família, além de se engajar na escrita de poemas e artigos históricos até se casar, um pouco antes das Guerras de Independência (1776-1783).

A mesma diferença nas expectativas educacionais de jovens das elites pode ser encontrada nas trajetórias de Mercy Otis Warren (1728-1814) e Catharine Macaulay



(1731-1791). Mercy Otis Warren também nasceu em *Massachusetts* e foi uma escritora política na época da Revolução Americana, como Murray. Warren foi muito próxima de seu irmão e educada com ele em casa por seu tio, apesar de não ter sido preparada para *Harvard* como ele e como o irmão de Judith. Catharine Macaulay nasceu na Inglaterra e se tornou uma importante escritora e historiadora, mantendo uma amizade duradoura e uma correspondência regular com Warren.

Apesar dela [Mercy] não ter sido apresentada às linguagens clássicas que preparariam os homens da família para sua educação em *Harvard*, Warren leu muito, foi encorajada a escrever criativamente e desenvolveu aquele interesse na teoria e história política republicana que permaneceriam preocupações por toda sua vida.<sup>107</sup> (DAVIES, 2005, p.5).

Warren e Macaulay nasceram em famílias abastadas e escreveram entre os anos de 1760 e 1770. As duas participavam de reuniões e de debates políticos e sociais em seus países, além de trocarem cartas de cunho pessoal e político durante grande parte de suas vidas, até a morte da Macaulay em 1791.

A amizade epistolar das duas escritoras retrata a constância desta prática durante o século XVIII, configurando trocas de cartas não apenas pessoais, mas também de cunho político e social que viriam a caracterizar diversos escritos da época. A relação da escrita com a História das Mulheres revela como essas cartas representaram um primeiro passo para que os argumentos delas fossem de conhecimento público. Em contrapartida, a troca de cartas de cunho pessoal também revela a dificuldade inicial em ultrapassar a barreira do privado.

Ao internalizar a naturalidade da discriminação, impostas pelas representações e discursos, torna-se difícil para a mulher romper com essa imagem de desvalorização de si mesma. Ela acaba aceitando como natural sua condição de subordinada, vendo-se através dos olhos masculinos, incorporando e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina, indo ao que chamamos de *consentimento* (TEDESCHI, 2016, p.159).

Apesar disso, Catharine Macaulay e Mercy Otis Warren romperam essa barreira com uma ampla gama de publicações políticas. Catharine Macaulay publicou diversos panfletos, resultado das reuniões em sua casa para discussões intelectuais,

---

<sup>107</sup>Though she [Mercy] was not introduced to the classical languages that would qualify the male Otises for their Harvard educations, Warren read very widely, was encouraged to write creatively, and developed there that interest in republican political theory and history that would remain a lifelong preoccupation (DAVIES, 2005, p.5).

mesmo após a morte de seu marido. Entre os republicanos ela ficou conhecida como “*Female Patriot*”.

As duas escritoras tinham profundo conhecimento de história antiga e história política, mas ao contrário das recomendações de leitura histórica apenas para o desenvolvimento “apropriado” da razão feminina, Macaulay, em especial, utilizou seus estudos para *escrever* história e não só aprender sobre o passado. Entre 1763 e 1783, ela produziu os oito volumes da “*História da Inglaterra, da Ascensão de Jaime I até a Linhagem de Brunswick*”. Ela também publicou seus pensamentos sobre a educação em 1790, apenas alguns meses antes de Murray, com o título de “*Letters on Education*”, sobre o poder e a oportunidade que as mulheres teriam para contribuir na sociedade se fossem bem educadas.



FIGURA 8 - Portrait of Catharine Macaulay, Robert Edge Pine, 1775.

Segundo Kate Davies (2005), Macaulay e sua irmã recorreram à biblioteca da casa para os estudos de história clássica e política, porque “foram deixadas aos cuidados de uma governanta e foi dito mais tarde que nunca foram encorajadas em nenhuma atividade além das expectativas de sua posição e sexo”<sup>108</sup> (DAVIES, 2005, p.5). Podemos perceber a proximidade de Macaulay com a cultura clássica ao olhar para seu retrato (Figura 8), que a mostra como escritora segurando uma pena e se apoiando em livros. Ela posa de forma imponente com construções antigas e colunas romanas atrás.

<sup>108</sup>were left to the care of a governess, and it was later said that they were never encouraged in any activity beyond the narrow expectations of their rank and sex (DAVIES, 2005, p.5).

De acordo com Burke “os acessórios representados junto com os modelos geralmente reforçam sua auto-representação. [...] Colunas clássicas representam as glórias da Roma Antiga (BURKE, 2004, p.32). Além disso, ela está vestida como uma romana e olha à frente com um olhar determinado e solene. Este é considerado um retrato político que demonstra seu apoio ao governo republicano e foi realizado apenas um ano antes do início da Revolução Americana.

Macaulay questionava o espaço reservado às mulheres e o seu contato com os espaços letrados, possibilitou a Macaulay se manifestar, além de desenvolver a percepção de uma identidade feminina que até então havia sido pautada nas diferenças entre os sexos. Mercy Warren também fez isso nos Estados Unidos para questionar a sociedade que atribuía certos conceitos de igualdade e cidadania apenas a grupos seletos. Essa realidade de intensas contradições é bastante evidente, conforme Anadir Miranda explica

Como explicar essas discrepâncias? Por que negros e mulheres não foram incorporados na categoria de humanidade responsável, tendo que lutar por seus direitos? Não eram considerados indivíduos pensantes? E se não, como eram definidos? Ou ainda, como a sociedade democrática e liberal manteve sua legitimidade, apesar de tais incoerências? Para responder a tais questões, precisamos voltar nosso olhar para o século XVIII, contexto de surgimento da nascente sociedade civil. [...] Foi nessa época que se fortaleceu a ideia de que os seres humanos, por serem igualmente dotados de razão, deveriam ser portadores dos mesmos direitos, capazes de opinar e decidir sobre o que é mais adequado para eles mesmos (MIRANDA, 2010, p.9).

Após dedicar a vida aos estudos e a luta pelas oportunidades das mulheres, Mercy Warren ainda “insistiu no estudo de história e política para suas sobrinhas e netas, considerando como preconceito as concepções culturais e de gênero que poderiam tê-las desencorajado”<sup>109</sup> (DAVIES, 2005, p.16). Ao final do século XVIII os importantes escritos de Macaulay e Warren revelaram uma linguagem política até então muito pouco conhecida e explorada pelas mulheres, especialmente porque ambas consideravam que elas podiam exercer com talento e capacidade o papel de escritoras políticas, como Macaulay havia feito em “*Letters on Education*” (1790).

Essa posição deu início ao debate sobre os direitos civis das mulheres inglesas e foi precursora das ideias de Mary Wollstonecraft sobre o mesmo tema pouco tempo depois. As publicações de Macaulay levantaram novamente a questão da identidade e da

---

<sup>109</sup>urged the study of history and politics to her nieces and granddaughters, dismissing as prejudice the gendered and cultural preconceptions that might have discouraged them (DAVIES, 2005, p.16).

auto percepção, pois ao contrário de ver uma descontinuidade entre gênero e política, foi através da síntese destas duas ideias que Macaulay e Warren propuseram uma leitura original das mulheres republicanas (DAVIES, 2005).

Isso significava que elas se enxergavam como parte de um coletivo com outras mulheres e desenvolveram um senso de identidade como sujeitos intelectuais, ao invés de mulheres definidas apenas por sua natureza. Ao questionar a exclusão da reflexão política e das instituições democráticas, e explicando a posição feminina como fruto da experiência histórica e social, as três escritoras - Judith Murray, Catharine Macaulay e Mercy Otis Warren - se posicionaram criticamente em relação aos discursos masculinos que afirmavam como “natural” a inferioridade das mulheres. Esse processo de crítica em relação ao modelo dominante sobre as mulheres foi crucial, especialmente para refutar a imagem do ideal da mulher republicana que circulava na nos meios de comunicação da época.

Em uma de suas cartas para uma de suas amigas, Catharine Macaulay escreveu que “a grande diferença que se observa nas personalidades dos sexos, conforme se colocam nas cenas da vida social, deu origem a muitas especulações falsas sobre as qualidades naturais da mente feminina”<sup>110</sup> (MACAULAY, 1790. *In*: BROOKS; MOORE; WIGGINTON, 2012, p.232), sendo que o momento era propício para discussões assim, já que

Demora muito até que a multidão desista de opiniões que foi ensinada a olhar com respeito... É por essas razões que a noção de uma diferença sexual no caráter humano, com poucas exceções, universalmente prevaleceu dos primeiros tempos e o orgulho de um sexo e a ignorância e vaidade do outro ajudaram a sustentar uma opinião que uma observação atenta da Natureza e um modo de raciocínio mais preciso, contestariam<sup>111</sup> (MACAULAY, 1790 *In*: BROOKS; MOORE; WIGGINTON, 2012, p.232).

Catharine Macaulay continua dizendo que ela mesma deve reconhecer que as virtudes dos homens, apesar de misturadas com muitos erros e vícios, são mais ousadas e consistentes do que as virtudes das mulheres, mas apenas por causa da imagem construída pelo meio em que elas estão e que foram ensinadas desde cedo a não

---

<sup>110</sup>The great difference that is observable in the characters of the sexes, as they display themselves in the scenes of social life, has given rise to much false speculation on the natural qualities of the female mind (MACAULAY, 1790. *In*: BROOKS; MOORE; WIGGINTON, 2012, p.232).

<sup>111</sup>It is a long time before the crowd give up opinions they have been taught to look upon with respect... It is from such causes that the notion of a sexual difference in the human character has, with a very few exceptions, universally prevailed from the earliest times, and the pride of one sex, and the ignorance and vanity of the other, have helped to support an opinion which a close observation of Nature, and a more accurate way of reasoning, would disprove (*Ibid*).

questionar. Para ela, esse era o motivo que levava as pessoas a considerar uma mulher inteligente como “masculina”, porque não era considerado “natural” das mulheres exercerem o saber desenvolvido e ela acabava sendo uma exceção à regra caso o fizesse, mas apenas por culpa da sociedade que havia imposto um modelo muito restrito a ser seguido. Era essa também a razão pela qual o poeta Alexander Pope (1688-1744) havia feito sua declaração de que uma mulher perfeita não seria mais do que um homem mais delicado.

Para Macaulay, apenas levando em consideração a análise social e da cultura seria possível a existência de um ser - homem ou mulher - com excelência moral, pois os dois sexos eram feitos dos mesmos materiais e, portanto, estavam sujeitos às mesmas leis da Natureza. Desta forma, Macaulay escreve também que “devemos [...] inverter a proposição e dizer que um homem perfeito é uma mulher formada segundo um molde mais grosseiro”<sup>112</sup> (MACAULAY, 1790 *In*: BROOKS; MOORE; WIGGINTON, 2012, p.232).

Macaulay estende suas críticas a Rousseau e suas ideias sobre as mulheres. Ela escreve que o filósofo está entre os defensores de uma diferença sexual de caráter que não poderia ser remediada através das oportunidades e da educação. Neste sentido, ela o critica ainda mais, pois defende que seu próprio julgamento é falho quando não sabe usar corretamente o próprio conceito de diferença.

Ele tem a suposição de que a Natureza pretendia a sujeição de um sexo ao outro; que conseqüentemente deve haver uma inferioridade de intelecto na parte assujeitada; mas como o homem é um ser muito imperfeito, e apto a bancar o tirano caprichoso, a Natureza, para trazer as coisas mais perto de uma igualdade, concedeu à mulher graças atraentes que inverteram a balança. Assim, a Natureza, em um estado de espírito vertiginoso, recua de seus propósitos e sujeita a prerrogativa a uma influência que deve produzir confusão e desordem no sistema de assuntos humanos<sup>113</sup> (MACAULAY, 1790. *In*: BROOKS; MOORE; WIGGINTON, 2012, p.233).

Dessa forma, as reais diferenças não estariam no caráter estabelecido pela natureza de homens e de mulheres, mas na contradição com a qual os homens se

---

<sup>112</sup>We [...] reverse the proposition, and say, that a perfect man is a woman formed after a coarser mold (MACAULAY, 1790. *In*: BROOKS; MOORE; WIGGINTON, 2012, p.232).

<sup>113</sup>He sets out with a supposition, that Nature intended the subjection of the one sex to the other; that consequently there must be an inferiority of intellect in the subjected party; but as man is a very imperfect being, and apt to play the capricious tyrant, Nature, to bring things nearer to an equality, bestowed on the woman such attractive graces, and such an insinuating address, as to turn the balance on the other scale. Thus Nature, in a giddy mood, recedes from her purposes, and subjects prerogative to an influence which must produce confusion and disorder in the system of human affairs (*Ibid*).

deparavam ao tratar da mulher e de seu espaço social. Além disso, não seria a razão ou a inteligência, mas o orgulho de Rousseau que o impedia de enxergar isso.

Assim como faz Murray, Macaulay reconhece em seus textos que existe, de fato, uma superioridade na força física dos homens, mas prossegue para explicar que essa força corporal foi desde sempre usada para abusar dos direitos dos homens e destruir os direitos das mulheres. Ela também acredita que os vícios de homens e mulheres se originam apenas da situação em que se encontram e de seu nível de educação, não da parcialidade da Natureza, considerando que ela julga o caráter da Providência como justo. Desta forma, se as vantagens fossem devidamente administradas, poderiam levar todos até a felicidade.

Ainda em 1790 ela escreveu para uma amiga sobre a situação da educação das mulheres. Para ela era a falsa noção de valor dos atributos físicos ensinados para as meninas que depravava a mente antes mesmo delas chegarem à idade adulta. Esse problema gerava consequências que eram sentidas em todos os aspectos das vidas delas. A educação apropriada era direcionada apenas aos homens e a virtude não era um conceito bem explicado para as meninas, ao mesmo tempo em que não era mistério para os meninos. Desta forma, eles eram mais bem informados sobre os vícios e os perigos da vida para não se tornarem pessoas indignas, algo que não acontecia com as meninas.

Esta é uma verdade óbvia, que os defeitos da educação feminina sempre foram um tópico fecundo de declamação para o moralista; mas nenhum desta classe de escritores estabeleceu quaisquer regras judiciosas para emendas. Embora ainda mantenham a noção absurda de uma excelência sexual, ela militará contra o aperfeiçoamento de um plano de educação para ambos os sexos<sup>114</sup> (MACAULAY, 1790. *In*: BROOKS; MOORE; WIGGINTON, 2012, p.234).

Catharine Macaulay também levantava a questão de que as mulheres não instruídas eram condenadas socialmente, mas que muita instrução era algo perigoso e que as tirava do caminho do matrimônio. Sua relação com Mercy Otis Warren é reveladora neste sentido, porque ela foi uma das mulheres que assim como Macaulay e Murray, se casaram e ainda continuaram a estudar e escrever, dando provas de que mulheres instruídas não rompiam o vínculo familiar ou do matrimônio.

---

<sup>114</sup>This is so obvious a truth, that the defects of female education have ever been a fruitful topic of declamation for the moralist; but not one of this class of writers have laid down any judicious rules for amendment. Whilst we still retain the absurd notion of a sexual excellence, it will militate against the perfecting a plan of education for either sex (MACAULAY, 1790. *In*: BROOKS; MOORE; WIGGINTON, 2012, p.234).

Uma das cartas de Mercy para Catharine revela um pouco do seu nível de envolvimento com as questões políticas logo após o término das Guerras de Independência. Olhando para seu retrato (Figura 9) e fazendo uma comparação com o de Catharine Macaulay (Figura 8), podemos pensar em sua imagem como mais conservadora e “maternal” por conta de sua vestimenta e de sua movimentação sutil, mais “feminina”. Este retrato não faz alusão às habilidades de escrita de Warren, mas destaca as flores que aludem à fertilidade, assim como acontece no retrato de Murray.

Warren escreveu para Macaulay em 1787, apenas três dias após a assinatura da nova Constituição, sobre suas impressões dos encontros e reuniões que ocorriam na região de Nova York e Boston. Sobre a formação de um novo governo ela escreveu que “a nossa situação é verdadeiramente delicada e crítica. Precisamos de um Governo Federal forte, baseado em princípios que apoiem a prosperidade e a união das colônias”<sup>115</sup> (WARREN, 1787).



FIGURA 9 – Portrait of Mercy Otis Warren. John Singleton Copley, 1763.

Por outro lado, ela reconhecia que os americanos tinham lutado pela liberdade e feito grandes sacrifícios, então muitos ainda viam a liberdade pessoal como mais importante do que a formação de um governo unitário. Ela pede a opinião de Macaulay sobre o assunto, considerando que ela havia escrito sobre a política e os governos, o que

---

<sup>115</sup>Our situation is truly delicate and critical. [...] we stand in need of a strong Federal Government founded on principles that will support the prosperity and union of the colonies (WARREN, 1787).

demonstra o envolvimento de ambas nas questões públicas de seus respectivos países, além de sua disposição em discutir tais assuntos com naturalidade.

O lado político de Warren se revela ainda mais quando ela escreveu que “feliz de fato será este país se um governo energético e tranquilo puder ser adotado antes que a espada seja desembainhada para dar a ele um mestre despótico”<sup>116</sup> (WARREN, 1787). Entre as suas preocupações estava uma possível nova guerra caso os assuntos políticos não fossem rapidamente controlados, o que teria consequências drásticas para toda a nação. Além disso, ela temia que uma figura autoritária surgisse de novos conflitos, algo que ameaçaria a liberdade recém-conquistada, demonstrando ampla compreensão da política.

É possível perceber também, através das cartas de Warren para Macaulay, a relação de intimidade entre elas e a maneira como o público e o privado, o pessoal e o político se misturavam, porque junto com as declarações mencionadas acima, Warren perguntava constantemente sobre as filhas de Macaulay e sobre a educação que estava sendo dada a elas, colocando-se a disposição para ajudar e expressando o desejo de estar na companhia de todas para discutirem mais sobre assuntos pessoais e sociais. Este é um dos indicativos de que as mulheres estavam se movimentando em direção a um novo entendimento do que significava estarem envolvidas com a vida política de suas nações, ao mesmo tempo em que desenvolviam uma rede de relações intelectuais baseada na amizade.

As duas escritoras são importantes referências de mulheres intelectuais que discutiram questões educacionais, políticas e sociais em um tempo de mudanças e ao mesmo tempo continuidades que eram necessárias para manter o equilíbrio social, mesmo que fosse benéfico apenas para alguns setores da população.

### 2.3 A QUESTÃO RELIGIOSA

Entre a maioria dos pensadores do século XVIII persistia a convicção de que as mulheres não eram adequadas para participar ativamente da sociedade política e civil por não possuírem entendimento e razão suficientes, ao mesmo tempo em que a educação formal – ou “clássica” - era proibida a elas ou muito limitada. Isso se dava também pela crença muito disseminada na cultura e na ciência de que a razão feminina

---

<sup>116</sup>Happy indeed will this country be if a tranquil energetic government can be adopted before the sword is drawn to give it a despotic master (*Ibid*).



era inferior à dos homens e que seu estado de dependência era natural devido à futilidade que as impedia de ter autonomia e serem sujeitos politicamente ativos, além de ser necessário que elas se comprometessem com as responsabilidades domésticas.

Apesar deste cenário, foi também no decorrer do século XVIII que ocorreu uma mudança significativa na relação das pessoas com a leitura. A leitura da Bíblia por parte das mulheres foi substituída aos poucos por leituras variadas. O impacto das Luzes entre certos grupos sociais letrados, especialmente nas sociedades europeias, teve reflexos na sociedade americana, e as influências da leitura foram muito abrangentes nas classes burguesas e de elite por conta do tempo livre e dedicação que as mulheres tinham com o conhecimento (WITTMANN, 1999).

A expansão da leitura também foi significativa para as mulheres das classes mais altas, porque as transformou em leitoras mais ativas e despertou o desejo de maior participação nos encontros e nas discussões de seus círculos sociais, configurando uma transformação cultural através da palavra escrita e lida. Os círculos letrados e o contato das mulheres com os estudos permitiu, inclusive, que questionassem ensinamentos religiosos baseados na leitura do Gênesis e da imagem específica da mulher como Eva.

De acordo com as leituras tradicionalmente hegemônicas e seletivas do Gênesis, a mãe da humanidade não foi apenas criada da costela de Adão, mas por uma fraqueza de mente ela arruinou o paraíso e gerou a mortalidade. Reforçado pela autoridade patriarcal, monárquica e social, o ministério colonial do nordeste do país incentivou essa leitura do Gênesis [...] como principal guia para o segundo sexo<sup>117</sup> (SCHEICK, 1998, p.7).

Esta tradição hegemônica de leitura e interpretação do Gênesis em desfavor das mulheres trouxe argumentos nas discussões sobre igualdade intelectual devido às novas interpretações femininas que desafiavam as leituras canônicas e deram novo significado a elas fazendo uso da própria escrita e do exercício da razão. Os discursos religiosos, teológicos e políticos motivaram as mulheres a questionar as interpretações das Escrituras a partir de seus estudos nas academias, das discussões com homens e outras mulheres letradas e das leituras que realizavam no tempo livre que tinham entre as tarefas de administração doméstica.

---

<sup>117</sup>According to the traditionally hegemonic and selective readings of Genesis, the mother of mankind was not only created from Adam's rib on second thought (as it were), but through a weakness of mind she ruined paradise and engendered mortality. Reinforced by patristic, monarchic, and social authority, the northeastern colonial ministry customarily enhanced this reading of Genesis [...] as the chief guide to the second sex (SCHEICK, 1998, p.7).

A relação dos americanos com a religião era bastante estreita, porque o protestantismo estava presente desde a chegada dos primeiros colonizadores. O desenvolvimento de diferentes denominações do cristianismo foi fundamental para que congregações e igrejas se espalhassem por todo o território. Com a chegada da Revolução Americana a religião protestante se viu ainda mais conectada com os textos escritos e a disseminação de novas ideias que contribuíssem para a construção nacional, pois

Ainda no século XVIII, no período pós-independência, a narrativa de um passado comum embasado no protestantismo configurou um instrumento para superar as diversidades étnicas e até mesmo religiosas que apartavam as colônias da América do Norte. O espaço público americano se viu repleto de textos, sermões e artigos de jornais que afirmavam que os norte-americanos descendiam diretamente dos pais peregrinos. A história dos ancestrais puritanos que desembarcaram do navio *Mayflower* para fundar a nação americana funcionou não somente no passado distante como seguiu estruturando, até os dias de hoje, a memória compartilhada, as crenças e representações de realidade, os padrões éticos e modelos de conduta dos americanos (MATEO, 2011, p.51).

As transformações e divergências religiosas foram também reflexo do chamado Primeiro Grande Despertar (*The Great Awakening*), ocorrido entre os anos de 1730 e 1740 quando uma maior diversidade religiosa se disseminou no Protestantismo e os fiéis redescobriram o entusiasmo religioso e espiritual, criando novas igrejas locais nas então treze colônias. Este não foi um movimento unificado, começou em Nova Jersey e tinha o objetivo comum de fortalecer a igreja (a comunidade de fiéis) em oposição ao governo que se tornava cada vez mais secular nas colônias. O pensamento racionalista cresceu rapidamente, ao mesmo tempo em que o sentimento religioso também foi mais disseminado, originando lideranças não apenas clericais, mas também civis dentro das igrejas. Havia muitas diferenças de interpretação e de experiências entre as vertentes religiosas que se originaram do Primeiro Grande Despertar, não havendo um único entendimento do que significava uma vida virtuosa de acordo com a religião, mas todos concordavam que era a religião que deveria ser a base da vida familiar, de um novo estilo de vida e de uma comunidade.

Jonathan Edwards (1703-1758) e George Whitefield (1714-1770), por exemplo, encabeçaram duas das vertentes que surgiram após o Grande Despertar: uma mais racionalista e outra mais emocional. Entretanto, independente das inúmeras novas vertentes que surgiram e se espalharam com rapidez, todas comungavam com a ideia de que a redenção das pessoas viria para que um dia elas pudessem “renascer”. Para isso,

porém, não seria necessário rituais como os dos católicos, apenas dedicação à igreja e à palavra do Senhor, de acordo com as vertentes seguidas. Dessa forma, cada vez mais pessoas se envolveram nas atividades das igrejas e tomaram a frente de congregações para regular e guiar as ações dos membros<sup>118</sup>.

O poder passou das mãos dos clérigos para os leigos. As lideranças não decorriam de treinamento teológico, mas de indivíduos que recebiam “chamados” para uma vida de transformação e salvação. Eram homens e mulheres convictos de sua relação direta com Deus. A religião na América pré-revolucionária enfatizou dois aspectos que influíram fortemente no espírito revolucionário: a salvação através da conduta terrena reta e a ideia do laço especial de Deus com uma comunidade escolhida (MATEO, 2011, p.57).

Com o desenrolar dos acontecimentos que desencadearam a Revolução Americana, a ideia de Liberdade passou também a ser entendida como liberdade ordenada, tendo em vista que o povo se via cada vez mais como seu próprio senhor político em contraposição aos britânicos, mas ao mesmo tempo como submetido a Deus. Por este motivo, mesmo sem falar diretamente sobre a liberdade, a religião acabava disseminando seu ideal.

Após as Guerras de Independência essa visão social, política e religiosa ganhou forma no republicanismo, pois gradualmente o elitismo da geração dos “Pais Fundadores” deu espaço às forças sociais emergentes “e a própria linguagem que havia fornecido um lastro ideológico para o comportamento revolucionário”<sup>119</sup> (ALBANESE, 2007, p.130). Os conceitos de Liberdade e Igualdade começaram a ser cada vez mais internalizados, especialmente pelas mulheres, devido aos discursos idealistas sobre a fundação da República Americana e ao ambíguo papel que cabia a elas dentro deste cenário. Aos poucos, os direitos dos homens foram transformados e adaptados aos valores familiares dos cidadãos da República, enquanto as mulheres “virtuosas” fizeram da religião o centro de suas atividades.

A relação das mulheres americanas com o estilo de vida protestante foi amplamente transformada após o Grande Despertar e depois, com a República, pois a nova organização política não podia deixar de considerar os aspectos religiosos e de conduta moral. O republicanismo americano não podia ignorar que “muitas mulheres na

---

<sup>118</sup> Mais informações sobre o metodismo americano estão presentes na obra de George Whitefield, pastor anglicano britânico que ajudou na disseminação do Grande Despertar na Inglaterra e nas Treze Colônias.

<sup>119</sup>the very language that had provided an ideological ballast for revolutionary behavior (ALBANESE, 2007, p.130).

América do século XVIII frequentavam a igreja regularmente ou praticavam rituais religiosos diários. Além disso, a religião era um elemento importante de sua sociedade e impregnava a cultura e a política da Anglo-América”<sup>120</sup> (SMITH, 2011, p.131).

Desde o estabelecimento dos primeiros puritanos na Nova Inglaterra havia um forte senso de missão que conduzia toda a comunidade. A construção de uma nova sociedade cristã em territórios hostis e de povos chamados “selvagens” requeria um novo estilo de vida em relação ao sagrado e ao poder secular. Apesar disso, essa força para a ação não estava presente em todos os indivíduos, “visto que as mulheres eram consideradas fracas e podiam ser facilmente tentadas, havia uma necessidade constante de mantê-las controladas por meio da supervisão de devotos homens protestantes - pais, maridos e clérigos”<sup>121</sup> (SMITH, 2011, p.132). Elas não podiam ser ministras ou votar em assuntos da igreja. Entretanto, era bem aceito que elas estivessem entre os membros ativos das congregações. Cada uma destas congregações era formada por homens e mulheres que demonstravam sua devoção publicamente. Neste sentido, uma mulher poderia se tornar membro da igreja mesmo se fosse de classes sociais mais baixas e ela também podia se associar a uma congregação mesmo que seu marido não o fizesse.

O estilo de vida protestante, porém, não era exclusivo das classes mais altas de sociedade ou apenas das mulheres. Em todas as camadas sociais a religião foi um caminho reconfortante e alternativo às disputas políticas e à falta de unidade que se seguiram ao final das Guerras de Independência. O protestantismo, apesar de não institucionalizado, regia o entendimento das pessoas de uma vida devocional e se estendia para homens e mulheres, sendo que a maior presença das mulheres nas igrejas era balanceada pelos esforços para “desfeminilizar” a religião, algo interessante também para as próprias mulheres.

As mulheres tinham muito a ganhar com a participação dos homens na cultura evangélica. Legalmente e economicamente dependentes de maridos e pais, as mulheres estavam vulneráveis a homens beberrões, preguiçosos ou infiéis. Os homens que renasceram como cristãos absorveram os valores do evangelicalismo: temperança, economia e produtividade. Os apoiadores deste resgate retratavam homens que antes passavam seu tempo de lazer bebendo com outros homens, agora orando com suas famílias. A moralidade

---

<sup>120</sup>Many women in eighteenth-century America attended church regularly or practiced daily religious rituals. Moreover, religion was a major element of their society and imbued the culture and politics of Anglo-America (SMITH, 2011, p.131).

<sup>121</sup>Because women were thought to be weak and easily tempted, there was a constant need to keep them in check through the supervision of devout Protestant men—fathers, husbands, and clergymen (*Ibid*, p.132).

evangélica fornecia aos homens um conjunto de valores que muitos acreditavam beneficiar as mulheres<sup>122</sup> (BRAUDE, 2000, p.46).

O Grande Despertar também deu a algumas mulheres a convicção de que deveriam falar e ser ouvidas, embora a maioria das mulheres provavelmente não desejasse ser uma líder religiosa. Assim como Mary Reed, elas se consideravam instrumentos de Deus. Algumas delas chegavam a falar em público, mas só o fizeram poucas vezes. Outras, embora geralmente não procurassem ser líderes, foram reconhecidas como pregadoras por outras mulheres<sup>123</sup> (SMITH, 2011).

Com o passar dos anos, porém, as congregações buscaram novamente restringir as funções das mulheres dentro das igrejas, considerando que a crescente ocupação delas do espaço público era inadequada para os novos papéis privados que elas tinham a cumprir com suas famílias. As igrejas também buscavam maior ordem e respeitabilidade, o que poderia ser feito controlando a influências das mulheres e se comprometendo com o tradicionalismo de suas funções domésticas.

Uma exceção a essa situação foram as mulheres das congregações Quakers, que aumentaram ainda mais sua autoridade e influência dentro das igrejas. Apesar disso, elas não podiam separar seu papel na Sociedade de suas responsabilidades como esposas, mães e irmãs, nem poderiam traçar uma linha clara entre seus deveres como líderes religiosas e os seus deveres para com seus maridos e irmãos. As líderes Quakers na América colonial geralmente não exerciam papéis de liderança nas reuniões até atingirem os trinta anos. Nessa época, elas já haviam criado os filhos e geralmente tinham os mais velhos em casa que poderiam ajudar a cuidar dos irmãos mais novos. As líderes geralmente eram casadas e seus maridos frequentemente eram membros de boa reputação nas congregações. Eles geralmente oficiavam as reuniões masculinas.

A Revolução Americana afetou e mudou as práticas religiosas durante o século XVIII. Em algumas igrejas, por exemplo, ministros e outros membros deixaram suas funções para se tornar soldados. Além disso,

---

<sup>122</sup> Women had a lot to gain from men's participation in evangelical culture. Legally subject to and economically dependent on husbands and fathers, women were vulnerable to hard-drinking, lazy, or unfaithful men. Men reborn as Christians absorbed the values of Evangelicalism: temperance, thrift, and productivity. Revival supporters pictured men who formerly spent their leisure time drinking with other men now praying with their families instead. Evangelical morality supplied men with a set of values that many believed benefited women (BRAUDE, 2000, p.46).

<sup>123</sup> O Protestantismo Americano contava com pregadores e pregadoras itinerantes, que não pertenciam a uma congregação específica, mas falavam conforme o Espírito Santo os guiasse, através de visões.

As congregações também foram divididas porque alguns membros apoiaram o lado britânico e outros o lado americano. Grupos pacifistas também foram afetados. Ann Lee e alguns de seus seguidores foram presos sob suspeita de ajudar os britânicos, porque se recusaram a assinar juramentos de lealdade. Quakers, como o marido de Elizabeth Drinker, Henry, também foram presos por não assinarem juramentos de lealdade. Era difícil permanecer neutro ou manter princípios pacifistas em meio à Revolução<sup>124</sup> (SMITH, 2011, p.144).

Entre as inúmeras mudanças estava também a posição das mulheres, que ao invés de serem vistas como facilmente dominadas pela tentação, começaram a ser reconhecidas como virtuosas e capazes de influenciar os outros através do próprio exemplo. À medida que as atenções começaram a mudar para fora do ambiente doméstico, as mulheres se tornaram as referências morais para as congregações e “assumiram o papel de mães republicanas, as educadoras dos futuros cidadãos”<sup>125</sup> (SMITH, 2011, p.144).

As dificuldades que muitos grupos religiosos enfrentaram durante as Guerras de Independência não impediram o ressurgimento marcante da atividade religiosa que ocorreu a partir de 1783. Todas as denominações, inclusive a antiga Igreja da Inglaterra, renovaram-se e os grupos religiosos americanos viram a sua missão como ainda mais importante na República do que sob o domínio do Império Britânico. A liberdade prometida pela independência exigia ainda mais orientação moral e espiritual. A república dependia, por definição, de um povo virtuoso, algo muito presente na discussão política na década de 1780. Neste sentido, “quem melhor para criar esse ‘povo virtuoso’ do que as denominações religiosas da América?”<sup>126</sup> (BUTLER, 2008, p.141).

Foi neste contexto que Judith Murray publicou o texto “*On the Equality of the Sexes*” (1790), utilizando passagens bíblicas para embasar seus argumentos em prol de uma educação igual para homens e mulheres. Ela foi criada na Primeira Paróquia de Gloucester<sup>127</sup>, antes de se mudar para Boston com o segundo marido, o reverendo John Murray, então sempre esteve próxima da educação religiosa e conhecia bem as alegorias e metáforas da superioridade masculina. Seu marido foi a pessoa que mais a incentivou

---

<sup>124</sup>Congregations were split, too, because some members supported the British side and some the American side. Pacifist groups were also affected. Ann Lee and some of her followers were imprisoned on suspicion of aiding the British, because they refused to sign loyalty oaths. Quakers, such as Elizabeth Drinker’s husband Henry, were also imprisoned for not signing loyalty oaths. It was difficult to remain neutral or to maintain pacifist principles in the midst of the Revolution (SMITH, 2011, p.144).

<sup>125</sup>took on the role of Republican mothers, the educators of future citizens (*Ibid*).

<sup>126</sup>Who better to create that “virtuous people” than America’s religious denominations? (BUTLER, 2008, p.141).

<sup>127</sup> First Parish Church.

a publicar seus ensaios, poemas e peças nas revistas de Boston questionando estes aspectos.

John Murray nasceu na Inglaterra e chegou em 1770 nos Estados Unidos para espalhar a noção de salvação universal, tornando-se conhecido como um dos “pais” do Universalismo Americano. Entre sua chegada e o ano de 1805 se organiza a formação religiosa universalista, sendo que John Murray e Elhanan Winchester são consideradas as duas figuras mais proeminentes da época deste movimento. Murray se tornou ministro da primeira congregação universalista dos Estados Unidos, com fortes influências dos pregadores James Rely e George Whitefield. Sua linha de pensamento teológico argumentava que as almas das pessoas podiam encontrar redenção, mas nem todos haviam se dado conta desta salvação. O grande objetivo das pregações era trazer este conhecimento a todos. Começando em Nova Jersey, Murray iniciou sua pregação e em 1779 chegou a Gloucester, Massachusetts, onde fundou a Igreja Independente de Cristo<sup>128</sup>, apesar das críticas do ministro de Newport, Ezra Stiles, que o acusou de tentar dividir os Protestantes (BRESSLER, 2001).

John Murray tinha uma visão religiosa centrada em Jesus Cristo e argumentava que sua salvação era ilimitada e universal. Esta linha de pensamento fez com que alguns anos mais tarde, em 1785, Murray se tornasse ministro da Primeira Congregação e Igreja Universalista de Boston<sup>129</sup>, dando início a um movimento mais estável na cidade. Na Filadélfia e em Nova York a presença do Universalismo também foi marcante no mesmo período, pregando a igualdade espiritual e a inclusão, “como Judith Sargent Murray (1751-1820), uma de suas primeiras defensoras, tão bem ilustra” (BRESSLER, 2001, p.88). Antes de se casar com John Murray, a família de Judith adotou a visão universalista de James Rely, que também havia influenciado John Murray. Ela foi uma das mulheres que ajudou Murray a estabelecer a Igreja Independente de Cristo. De acordo com Sheila Skemp, a nova fé de Judith “permitiu a ela estruturar e legitimar sua posição quanto às relações de gênero”<sup>130</sup> (SKEMP, 1998, p.19), já que “sua própria essência vinha de uma crença na igualdade humana”<sup>131</sup> (SKEMP, 1998, p.31). Para ela, o Universalismo era uma força libertadora.

Entretanto, o movimento Universalista americano durante suas primeiras décadas foi mais dominado pelos homens, como aponta E. R. Hanson (1881), ao

<sup>128</sup> The Independent Church of Christ.

<sup>129</sup> First Universalist Church and Congregation in Boston.

<sup>130</sup> enabled her to structure and legitimize her stance on gender relations (SKEMP, 1998, p.19).

<sup>131</sup> its very essence derived from a belief in human equality (*Ibid*, p.31).

explicar que poucas eram as mulheres envolvidas em suas atividades e encontros religiosos. A natureza geralmente itinerante do ministério e a desaprovação pública inicial podem ter contribuído para isso, mesmo que figuras como Maria Cook pregassem durante o ano de 1810. Ela nunca foi reconhecida como pregadora, mesmo que tivesse autorização para falar na Filadélfia e em Nova York, sendo que a peculiaridade de suas ações chamava mais a atenção do que seu conteúdo por onde ela passava (HANSON, 1881).

As mulheres passaram a se reunir de forma mais significativa entre os anos de 1820 e 1830, conforme o Universalismo do reverendo Murray se espalhava e era mais aceito. Apesar disso, a visão popular de que o Universalismo era uma vertente perigosa do Protestantismo continuou a limitar a presença das mulheres nas igrejas, contrastando com o maior número de mulheres que frequentavam as igrejas puritanas mais antigas e tradicionais. Em contrapartida, é interessante constatar que os universalistas estavam cada vez mais inclinados a estender a lógica religiosa da igualdade às mulheres e apoiar suas causas. Este é um aspecto fundamental para justificar o apoio do reverendo Murray à escrita de sua esposa e à publicação de seus textos nas revistas criticando a visão tradicionalista de interpretação bíblica.

Estou ciente de que há muitas passagens nos oráculos sagrados que parecem dar vantagem ao outro sexo, mas considero tudo isso totalmente metafórico. Assim, Davi era um homem segundo o coração de Deus, mas veja-o enervado por suas paixões licenciosas! Contemple-o seguindo Urias até a morte e mostre-me em que poderia consistir a complacência do Ser imaculado. Ouça as maldições que Jó concedeu no dia de seu nascimento e me diga onde está sua perfeição, onde está sua paciência – literalmente ela não existia<sup>132</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.9).

Judith foi criada em uma família bastante religiosa, mas desde cedo fez uma transição para uma vertente mais específica para depois de casar e ter uma participação mais ativa na comunidade. Seu interesse intelectual também permitiu que ela desenvolvesse a perspectiva de uma mulher desmotivada pelas constantes desvantagens sociais. Na passagem descrita acima, ela expôs as falhas de figuras bíblicas bem conhecidas, que eram usadas como exemplos de conduta e consideradas perfeitas, demonstrando sua percepção de que muitas metáforas que eram usadas nos

---

<sup>132</sup> I am aware that there are many passages in the sacred oracles which seem to give the advantage to the other sex; but I consider all these as wholly metaphorical. Thus David was a man after God's own heart, yet see him enervated by his licentious passions! Behold him following Uriah to the death, and show me wherein could consist the immaculate Being's complacency. Listen to the curses which Job bestowed upon the day of his nativity, and tell me where is his perfection, where his patience—literally it existed not (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.9).



ensinamentos religiosos da comunidade eram também utilizadas em favor dos homens para espelhar uma certa organização social.

Mary Wollstonecraft também se referiu ao sagrado para defender a posição das mulheres, revelando sua consciência com relação aos paradoxos da sociedade que recorria à religião para nortear questões sociais. Murray foi uma leitora ávida dos trabalhos de Wollstonecraft, tendo-a citado em algumas das publicações que fez utilizando o pseudônimo *Mr. Gleaner*.

Ao se admitir que a mulher não foi criada meramente para satisfazer o apetite masculino ou para ser a serva mais importante [...] é necessário reconhecer que o primeiro cuidado dessas mães e desses pais realmente preocupados com a educação das meninas seria [...] pelo menos não destruir sua constituição com noções equivocadas de beleza e de excelência feminina; [...] O *direito divino* dos maridos, tal qual o direito divino dos reis, pode, como é de se esperar nesta época iluminista, ser questionado sem perigo; e, ainda que a convicção não consiga silenciar muitos contestadores ruidosos, é verdade que, quando se ataca algum preconceito corrente, os sábios considerarão e deixarão que aqueles de mente estreita protestem com veemência irracional contra a inovação (WOLLSTONECRAFT, 1792. In: ASSUNÇÃO, 2015, p.63).

Em “*On the Equality of the Sexes*” (1790), escrevendo como *Constantia*, Murray recorreu à passagem do Gênesis sobre a tentação de Eva. Ela explicou, porém, que o pecado de Eva havia acontecido apenas porque ela tinha aceitado a oferta de conhecimento da serpente, representada pela maçã. Ao contrário de Eva, Adão teria recusado essa oferta por falta de coragem. De maneira ousada, Murray escreveu defendendo a posição das mulheres na busca pelo conhecimento em condições de igualdade, senão superior à dos homens.

É verdade que alguns ignorantes nos informaram absurdamente que a bela do paraíso foi seduzida de sua obediência, por um demônio maligno, disfarçado de serpente desagradável; mas nós, que estamos mais bem informados, sabemos que o espírito caído se apresentou à sua visão, era um anjo ainda brilhante; pois assim, dizem os críticos na língua hebraica, a palavra deve ser traduzida. Vamos examinar o motivo dela - Ah! O serafim declara que ela deverá alcançar a perfeição do conhecimento; pois há algo que não é compreendido sob um ou outro dos termos *bem e mal*. Não parece que ela era governada por qualquer apetite sensual; mas meramente pelo desejo de adornar sua mente; uma ambição louvável despertou sua alma e uma sede de conhecimento impeliu a predileção tão fatal em suas consequências. Adão não podia invocar o mesmo engano; certamente ele não foi enganado<sup>133</sup>(MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.225).

<sup>133</sup>It is true some ignoramuses have absurdly enough informed us, that the beauteous fair of paradise, was seduced from her obedience, by a malignant demon, *in the guise of a baleful serpent*; but we, who are better informed, know that the fallen spirit presented himself to her view, *a shining angel still*; for thus, saith the criticks in the Hebrew tongue, ought the word to be rendered. Let us examine her motive—Hark!

Murray demonstrou ter consciência de que o lugar das mulheres estava fortemente determinado ao sexo e ao complemento da figura masculina. Ela também demonstrou estar consciente de seu posicionamento crítico a esse lugar comum e de fazer parte de uma estrutura social que ela buscava transformar para desmistificar o papel feminino. Esse processo pode ser encarado como “*transculturização*, que foi descrito como um processo no qual um grupo social subordinado apropria e revisa questões culturais transmitidas por uma comunidade social dominante”<sup>134</sup> (SCHEICK, 1998, p.13). É um processo que envolve o uso estratégico da cultura por grupos desfavorecidos e um movimento de diálogo com a cultura dominante que forma a identidade coletiva. Igualmente importante para esta discussão é o espaço público que Murray encontrou nas revistas, pois os periódicos se tornaram muito relevantes durante o século XVIII como formadores deste “espaço público”, fomentadores dos debates coletivos e da opinião pública.

[...] Foi no século XVIII que o conceito se firmou na versão da era moderna. Se, de início, o espaço público era o local das discussões políticas, da formação de opinião e da legitimação do poder, com a imprensa ocorreu o deslocamento desse espaço para os jornais. A imprensa foi a primeira instância mediadora do espaço público, antes concretizado pelos debates em clubes, ruas e praças. No entanto, como os meios de comunicação não atendem a todos os segmentos sociais que desejam ou tentam participar do debate estabelecido na mídia, os grupos excluídos da esfera midiática são, por consequência, excluídos do espaço público. Ou seja, a imprensa favoreceu a "privatização do espaço público" (MELO, 2005, p.27).

Através deste espaço público ela conseguiu ressignificar aspectos enraizados na sociedade americana, como as interpretações religiosas unilaterais, recorrendo a uma nova abordagem das Escrituras que a permitiu buscar na religião uma forma de legitimar seus próprios argumentos seculares. Por isso, podemos encarar essas críticas religiosas não como críticas à religião em si ou à devoção das pessoas, mas à interpretação masculina tradicional da Bíblia, que se apropriava da religião segundo seus próprios interesses. Murray reinterpretava a Bíblia para buscar apoio na própria

---

the seraph declares that she shall attain a perfection of knowledge; for is there aught which is not comprehended under one or other of the terms *good* and *evil*. It doth not appear that she was governed by any one sensual appetite; but merely by a desire of adorning her mind; a laudable ambition fired her soul, and a thirst for knowledge impelled the predilection so fatal in its consequences. Adam could not plead the same deception; assuredly he was not deceived (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.225).

<sup>134</sup>“Transculturation, which has been described as a process whereby a subordinate social group appropriates and revises cultural matter transmitted by a dominant social community (SCHEICK, 1998, p.13).

religião, evidenciando a relação próxima que tinha com o protestantismo e sua importância na vida das mulheres das classes médias, tornando o Sagrado e a relação com Deus, ao invés de instrumentos de punição, um importante aliado espiritual e moral das mulheres.

### CAPÍTULO 3 - JUDITH MURRAY E A EDUCAÇÃO FEMININA NOS ESTADOS UNIDOS

Durante os mais de vinte anos que passou escrevendo e publicando em diversas revistas da região de Boston, Judith Murray se destacou com dois ensaios em especial e com uma coletânea de seus textos publicada por ela mesma. O primeiro de seus ensaios a falar sobre as mulheres e sobre a disparidade de educação entre elas e os homens foi “*Desultory Thoughts upon the Utility of Encouraging a Degree of Self-Complacency, Especially in Female Bosoms*” (1784). Murray explica sobre a importância não apenas da mulher cultivar seu intelecto, mas também reconhecer suas limitações derivadas das limitações e dos costumes, para poder se aperfeiçoar. Seis anos depois, Murray escreveu “*On the Equality of the Sexes*” (1790), texto mais argumentativo sobre a necessidade de as mulheres ocuparem suas mentes com assuntos importantes, considerando a grande capacidade racional delas. Estes dois ensaios foram publicados com o pseudônimo *Constantia*.

Com estas duas publicações, Judith ganhou notoriedade e passou a escrever mensalmente para a *Massachusetts Magazine*. Suas colunas começaram a ser assinadas com o pseudônimo *Mr. Gleaner* e a tratar dos mais variados assuntos. Além das mulheres e da educação, Judith passou a discutir política. Ela também abordou com mais ênfase algumas questões religiosas. Em 1798, Judith publicou por sua conta “*The Gleaner: a miscellaneous production*”, uma obra em três volumes juntando seus ensaios publicados pela *Massachusetts Magazine* com outros ainda inéditos. Entre eles estava “*Observations on Female Abilities*” (1798), outro texto que ficou bastante conhecido na época. Murray aproveitou a publicação dessa coletânea para revelar sua identidade autoral por trás de *Mr. Gleaner* e de *Constantia*.

A principal estudiosa da obra de Murray é a historiadora americana Sheila Skemp, que publicou dois livros sobre a vida e os textos de Judith: “*Judith Sargent Murray: A Brief Biography with Documents*” (1998) e “*First Lady of Letters: Judith Sargent Murray and the Struggle for Female Independence*” (2013). Estas duas obras examinam a relação de Murray com o debate sobre as mulheres nos séculos XVIII e XIX, utilizando principalmente “*On the Equality of the Sexes*” (1790) para apresentar uma abordagem histórico-social da posição de Murray sobre a educação e os direitos das mulheres.

Neste capítulo buscamos analisar três dos textos de Murray para compreender a relação existente entre sua escrita e sua compreensão do cenário feminino após a independência dos Estados Unidos. Neste capítulo também faremos uma análise de suas ideias políticas presentes nos escritos sobre educação divulgados nas revistas. Por fim, buscaremos compreender como Murray questionou os padrões de gênero através da escrita, levando em consideração as respostas dos leitores e das leitoras da *Massachusetts Magazine* a respeito de seus textos. Busco entender principalmente como Murray participou do processo de transformação social daquele período e como, por outro lado, ela também esteve sujeita a elas, especialmente quando se tratava da representação feminina, tendo em vista que

a classe comercial europeu-americana tornou-se cada vez mais aberta à ideia de que uma educação clássica nos níveis fundamental e médio era um meio eficaz pelo qual uma filha respeitável e apta ao casamento poderia ser criada. [...] Desse modo, Murray se juntou a outros reformadores na articulação bem-sucedida da justificativa para a expansão da educação feminina em um momento chave de transformação social<sup>135</sup> (GALEWSKI, 2007, p.85).

Em uma época de embates e também por necessidade, “as mulheres testaram e transgrediram antigas convenções sociais para proteger a si mesmas e suas famílias. As certezas anteriores perderam seus status, dados como garantidos, e novas questões surgiram”<sup>136</sup> (GALEWSKI, 2007, p.91). Murray e outras escritoras de sua geração aproveitaram-se do momento revolucionário das Guerras de Independência para promover o questionamento de certas tradições, especialmente aquelas solidamente enraizadas nas tradições religiosas que regiam a organização familiar e os valores morais.

Por meio da análise das fontes e estudos referenciais sobre a escrita de Murray, é possível entender como ela problematizou aspectos da conduta feminina em sua classe social, a fim de provar a capacidade intelectual feminina e justificar uma educação igualitária para homens e mulheres. Apesar de ter escrito para revistas a respeito primordialmente da educação das mulheres, suas oportunidades profissionais e sobre os círculos literários, ela nunca assinou seus textos com o próprio nome e não conseguiu

---

<sup>135</sup>The European American commercial class became increasingly open to the idea that a classical education at the elementary and secondary levels was an effective means by which a respectable and marriageable daughter could be made. [...] In this way, Murray joined other reformers in successfully articulating the rationale for expanding female education at a key time of social transformation. (GALEWSKI, 2007, p.85)

<sup>136</sup>women tested and transgressed long-standing social conventions in order to protect themselves and their families. Previous certainties lost their taken-for-granted status and new questions arose. (*Ibid*, p.91)

transgredir publicamente os papéis “tradicionais” de gênero. Faz-se necessário entender como ela recorreu a este subterfúgio autoral para poder publicar suas opiniões partindo de sua própria experiência.

O primeiro tópico analisa o texto no qual ela discorre sobre a necessidade das mulheres se perdoarem por suas falhas, tendo o entendimento de que reconhecer as próprias limitações seria o primeiro passo para as mulheres alcançarem mudanças sociais e em suas próprias vidas, tendo em vista as condições sociais que organizaram a dependência feminina dos homens. O segundo tópico analisa as reflexões de Murray sobre a igualdade entre os sexos por se tratar de um texto que contra argumenta interpretações tradicionais da Bíblia em desfavor das mulheres. Ela buscou reinterpretar algumas de suas passagens para oferecer outra visão mais positiva e afirmativa das mulheres. Além disso, este foi o texto que lhe rendeu maior notoriedade e no qual se dirige mais diretamente aos homens em posição de poder. Em seguida, tratamos do texto no qual a autora trata das diversas habilidades ainda não reconhecidas das mulheres e que serviu de complemento ao texto anterior, pois defende que a capacidade intelectual feminina e as inúmeras possibilidades de mudança política e econômica para as mulheres seriam alcançadas com uma educação mais cuidadosa e voltada aos seus próprios interesses. Por fim, o último tópico deste capítulo faz uma revisão de algumas cartas-resposta publicadas pelas revistas que forneceram importantes materiais de discussão sobre os textos de Murray. O diálogo entre ela e os leitores e leitoras apresenta importantes indícios de sua recepção, de como ela influenciou a percepção do público leitor e sobre como as discussões sobre as mulheres circularam socialmente.

### **3.1 SOBRE A NECESSIDADE DAS MULHERES SE PERDOAREM**

Murray foi uma das mulheres que iniciaram suas carreiras como escritoras imediatamente após o término das Guerras de Independência. Ela “estava produzindo o corpo principal de sua obra entre 1790 e 1816, quando a lacuna de alfabetização entre homens e mulheres começou a se estreitar e as instalações educacionais para meninas se expandiram nos Estados Unidos.”<sup>137</sup> (GALEWSKI, 2007, p.85). Murray escreveu seu primeiro ensaio utilizando o pseudônimo *Constantia* para a revista *The Gentleman and Lady's Town and Country*, em 1784, afirmando que “ensinar jovens a aspirar deve ser a

---

<sup>137</sup>the literacy gap between European American men and women began to close and educational facilities for girls expanded in the United States (GALEWSKI, 2007, p.85).

base da educação: muitas realizações plausíveis são perdidas por causa do convencimento de que nossos esforços são diferentes da árdua conquista”<sup>138</sup> (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.45). Esta é a primeira parte que trata da necessidade das mulheres perdoarem a própria falta de conhecimento, pois esta falta era, na verdade, devido à sociedade que não fornecia oportunidades de crescimento intelectual para elas. Em contrapartida, era de extrema importância que elas buscassem se aprimorar cada vez mais intelectualmente, para começar as transformações socioculturais que tanto esperavam.

Este questionamento provavelmente parte do pressuposto de que a ambição seria um princípio nobre, que quando bem direcionado, geraria frutos preciosos e consequências benéficas para as mulheres se posicionarem socialmente, contrariando a noção de que a ambição fosse exclusivamente masculina. Neste sentido, Murray explicou também que a mente podia alcançar níveis muito elevados quando incentivada, além de rogas às pessoas da época que acreditassem nas possibilidades para as mulheres que viriam com “a avidez de aplicação e a intensidade de estudo”<sup>139</sup> (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.45).

Não podemos desconsiderar, porém, que para isso ser possível, o apoio da família era muito importante independente do sexo das crianças, para ajudá-las a progredir sempre. Na maioria das vezes esta não era a realidade, sendo que esta posição levanta a questão da sociedade patriarcal da época que incentivava os pais a destacar as falhas dos filhos para corrigi-los, ao invés de destacar suas qualidades para incentivá-los, o que podia fazer com que as crianças duvidassem de si mesmas e, como Murray explicava, se considerassem menos importantes do que realmente eram (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995). No caso das moças isso era ainda pior, porque ao cuidar das meninas, os adultos zelavam mais por sua beleza e faziam todo o possível para organizar seus estudos a fim de fortalecer comportamentos que no futuro trariam admiração das outras pessoas por sua aparência e modéstia, já que o cultivo intelectual era restrito aos homens. De acordo com escritores do final do século XVIII, “as mulheres deveriam receber uma educação não apenas para beneficiar seus filhos, mas

---

<sup>138</sup>to teach young minds to aspire, ought to be the ground work of education: many an audible achievement is lost, from a persuasion that our efforts are unequal to the arduous attainment (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.45).

<sup>139</sup>the avidity of application and the intenseness of study (*Ibid*).

também suas conexões masculinas”<sup>140</sup> (GALEWSKI, 2007, p.92), então desde cedo sua educação se voltava para as vantagens sociais que conseguiriam trazer para suas famílias através dos casamentos.

Portanto, a consequência deste tipo de educação era uma formação intelectual e moral limitada que não as preparavam para saber emitir juízos sobre as pessoas e ficassem sempre à mercê de seus parentes, especialmente dos homens, porque seus limites eram reduzidos ao casamento e aos cuidados familiares, o que Murray reconhecia e criticava.

Ela cresce e, claro, se mistura com os menos interessados: os estranhos são sinceros; ela encontra a língua do adulator, ele exagerará, ela se descobrirá possuída por talentos que foram cuidadosamente ocultados dela, ela atira as rédeas ao pescoço da fantasia e dá a cada um todo o crédito por seu elogio mais extravagante<sup>141</sup>(MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.45-46).

Podemos considerar, a partir disso, que os objetivos educacionais das mulheres eram paradoxais, porque elas eram educadas apenas o necessário para atrair bons maridos, mas sua falta de conhecimento também fazia com que elas não fossem levadas a sério e que sua falta de maturidade gerasse o desprezo das outras pessoas. Quando a mulher alcançava algum mérito ou se destacava das demais, isso era visto como fora do comum, porque era muito mais provável que ela fosse seduzida pelos interesses de pessoas mal intencionadas, de quem ela só poderia escapar com a ajuda de sua família. Por este motivo, ela deveria também estar sempre acompanhada de uma mulher casada, uma preceptora ou um homem da família, para direcionar seu comportamento. Sobre este ponto Murray relata a relação dela com sua filha, Júlia Maria, de quem ela desejava o afeto sincero, “bem como aquele respeito que dá origem ao dever a fim de promover este desejo de minha alma”<sup>142</sup>(MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.46).

É possível pensarmos que Murray esperava o respeito de sua filha não só por ser sua mãe e querer guiá-la na busca pelo matrimônio, mas como resultado de um afeto sincero, o que por sua vez só poderia acontecer pela sinceridade da autora ao não esconder a realidade de sua filha e prepara-la para os desafios de ser mulher. Desta

---

<sup>140</sup>women should receive a classical education not only to benefit their children, but also to benefit their male connections (GALEWSKI, 2007, p.92).

<sup>141</sup>She grows up, and of course mixes with those who are less interested: strangers will be sincere; she encounters the tongue of the flatterer, he will exaggerate, she finds herself possessed of accomplishments which have been studiously concealed from her, she throws the reins upon the neck of fancy, and gives everyone full credit for his most extravagant eulogy (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.45-46).

<sup>142</sup>as well as that respect which gives birth to duty; in order to promote this wish of my soul (*Ibid*, p.46).



forma, podemos pensar que uma revisão das relações pessoais fosse uma atitude chave na mudança de cenário idealizada por Murray, para estreitar os laços entre as mulheres na família, antes mesmo de pensar em algum tipo de educação mais formal ou qualificada. Isto seria produtivo considerando que a primeira forma de aprendizagem se dava dentro de casa e que as primeiras tutoras das meninas eram suas mães ou preceptoras. Foi apenas após seu segundo casamento que Murray teve a oportunidade de se instruir mais e começar a escrever. Dessa forma, concordamos com a historiadora Mary Hughes ao afirmar que Murray passou a ver a educação “como um meio de melhorar a vida das mulheres, não apenas por causa do autoaperfeiçoamento, mas porque se abriria um mundo de possibilidades econômicas para as solteiras”<sup>143</sup> (HUGHES, 2011, p.113), ou seja, a educação seria um complemento do aprendizado doméstico da primeira infância, favorecido pela proximidade das mulheres. A educação posterior ajudaria em sua vida adulta, de casada e também ajudaria as viúvas que ficavam sem recursos financeiros, como aconteceu com Murray após a morte de seu primeiro marido. O apoio de Murray às mulheres que não se casavam é notável, pois eram escassas as oportunidades para elas, que acabavam se tornando governantas e preceptoras, com baixos salários e condições muito difíceis de trabalho.

Ainda neste mesmo ensaio, Murray escreveu sobre a responsabilidade das pessoas pela própria educação, buscando imprimir, especialmente nas mulheres, a consciência de que este era o caminho certo para promover mudanças sociais. Ela escreve sobre a importância de tratar a todos como seres racionais ainda na infância. Dirigindo-se especialmente à educação da filha, ela destaca sua beleza e natureza perspicaz presentes desde os seus primeiros anos, mas também alerta para o fato de que na idade adulta “o adulator irá dar um acabamento mais do que mortal a cada recurso; mas, deve ser sua parte, minha doce menina, tornar-se digna de respeito por motivos mais elevados”<sup>144</sup> (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.46). Desta forma, sua filha deveria aprender a se valorizar, unindo os esforços de sua mãe para apresentá-la bem na sociedade com seus esforços intelectuais de discernimento que a fariam uma pessoa de valor.

É possível identificar que entre as principais preocupações de Murray com relação à sua filha estava o fato de que se as pessoas descobrissem que ela não tinha

---

<sup>143</sup>as a means of improving women’s lives, not merely for the sake of self-improvement, but because it opened up a world of economic possibilities to unmarried women (HUGHES, 2011, p.113).

<sup>144</sup>the flatterer will give a more than mortal finishing to every feature; but, it must be your part, my sweet girl, to render yourself worthy respect from higher motives (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.46).

nenhuma habilidade intelectual, seria duramente julgada pelo paradoxo da “mulher fútil”, mas que não devia saber demais, pois o equilíbrio deveria prevalecer, e sua aparência geraria apenas a admiração superficial das pessoas. Apenas o adulator e o bajulador se interessariam por ela, arruinando sua reputação. Por isso, era importante que as meninas reconhecessem o valor do conhecimento como algo que poderia salvá-las da mera condição de ornamentos. Com a reflexão, porém, qualquer moça poderia aspirar mais do que era oferecido. Isso, porque, de acordo com Hughes, os direitos das mulheres seriam “cruciais para estabelecer uma sociedade americana digna de um povo racional”<sup>145</sup> (HUGHES, 2011, p.111), já que o desenvolvimento de opiniões verdadeiramente racionais incorpora também o ideário da Ilustração.

Com o desenvolvimento da razão, as mulheres poderiam avaliar sozinhas cada situação de acordo com os seus valores, além de reconhecer o verdadeiro significado das situações desafiadoras que surgissem. As mulheres poderiam se acostumar desde cedo à linguagem dos homens e a atenção delas não seria tão facilmente cativada pelos mal intencionados. As mentes das jovens não seriam mais influenciadas por novidades passageiras e desimportantes, ou surpresas momentâneas, pois elas seriam responsáveis por suas próprias condutas e poderiam se colocar acima de qualquer esquema desonesto que valorizasse apenas sua beleza ou atributos físicos.

Neste sentido, Murray parte para o principal conselho de seu ensaio, ao pedir às moças para não se sentirem culpadas por suas falhas ou condições atuais quando pensassem neste modelo ideal de educação que as permitisse maior conhecimento das coisas no futuro, pois elas eram parte de uma estrutura construída por centenas de anos. Ela considera que todas as mulheres têm algum encanto em especial, independente do nível de instrução. Murray reconhece também que havia necessidade em manter as moças bem apresentáveis na sociedade e não condenava os esforços para torná-las bonitas aos olhos das outras pessoas. O que ela condenava, entretanto, era a falta de autoestima gerada pelas cobranças e que a única atração das mulheres era pela beleza, sendo que a educação, por outro lado, “destruiria as armas da lisonja, ou as tornaria inúteis, não deixando o menor espaço para sua operação”<sup>146</sup> (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.47).

---

<sup>145</sup> crucial to establishing an American society worthy of a reasoned people, and, having developed this opinion rationally through her own study and experiences, embodies the spirit of the Enlightenment in this regard (HUGHES, 2011, p.111)

<sup>146</sup>would destroy the weapons of flattery, or render them useless, by leaving not the least room for their operation (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.47).

Desta forma, podemos pensar que os atributos físicos eram, de fato, importantes na concepção de Judith, porque uma jovem que não os tivesse poderia ser associada com capacidades intelectuais igualmente deficientes, absorvendo a ideia de que a mulher necessitava de constante supervisão. Esta acabava sendo a mesma mulher que esperava que qualquer homem se aproximasse dela com intenções de casamento, mesmo que sua felicidade estivesse em risco, porque em sua mente suas chances eram já muito pequenas. Desta forma, a mulher sem atributos, por um lado, conseguia evitar o título de “Velha Solteirona”, mas por outro, se achava infeliz em sua própria casa com uma vida tão limitada. A partir do momento em que não se culpasse mais por sua conduta e passasse a buscar o conhecimento para se desenvolver, suas perspectivas mudariam e ela poderia ter mais controle sobre seu futuro.

Além disso, ela poderia perceber que o amor, a amizade e a estima verdadeira no casamento eram mais importantes do que o interesse. Apenas se a mulher fosse instruída ela poderia pensar em todos estes aspectos, do contrário, “se ela puder apenas assegurar as honras que, em ideia, associa com uma conexão matrimonial para evitar esse grande mal”<sup>147</sup> (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.48) da solteirice, ela o faria. Murray defende, por fim, a necessidade das mulheres cultivarem as virtudes e a sua dignidade, que estavam sempre associadas à auto aprovação das próprias moças. Ao final de seu ensaio ela afirma ainda que muitas jovens sofriam durante a vida uma depressão da alma por terem sido ensinadas a valorizar muito mais o orgulho da família do que sua própria felicidade.

Fica clara a sua posição de compaixão em relação às mulheres que lutavam pelas oportunidades certas. É interessante constatar de que forma se dava esta percepção com relação às outras mulheres, pois pode ser encarado como um sentimento de coletividade que partia, por sua vez, da identificação dela com as outras mulheres. A ideia de coletividade é importante nos ensaios de Murray, porque ela não faz distinção direta entre as classes sociais, etnias ou religião, sendo parte de uma classe média abastada da região de Boston. É notável sua defesa da educação para as mulheres desde muito cedo, mas talvez as mulheres trabalhadoras não tivessem tempo e condições para cultivar a mente. Sua escrita não pode ser dissociada de sua posição como esposa de um líder protestante e do acesso à cultura e à educação que ela tinha, mesmo que em níveis diferentes dos homens de sua família.

---

<sup>147</sup>if she can but ensure the honors, which she, in idea, associates with a matrimonial connection to prevent which great evil (MURRAY, 1784. In: HARRIS, 1995, p.48).

Apesar disso, seus argumentos em defesa da mulher e das transformações que a educação proporcionaria são cruciais para entender a política americana do período, já que Murray também partia do pressuposto de que a Revolução Americana havia revelado o potencial das mulheres e trazido ainda mais à superfície a disparidade de direitos e de acesso ao conhecimento entre homens e mulheres. Essa discussão política foi aprofundada em seu ensaio de 1790, “Sobre a Igualdade entre os Sexos”.

### 3.2 SOBRE A IGUALDADE ENTRE OS SEXOS

No ensaio *On the Equality of the Sexes* (1790), Murray continua abordando as diferenças entre homens e mulheres que, segundo ela, justificavam de forma equivocada a maior atenção que era dada à educação dos meninos, por sobrevalorizar apenas as características “maternais” das mulheres. Além disso, ela trata mais diretamente da igualdade de alma e mente entre todos os seres humanos para defender que a educação de todos precisava, conseqüentemente, da mesma atenção.

Logo no início do ensaio, ela se dirige aos leitores e invoca uma reflexão que resgata as contradições políticas e sociais e reforça a necessidade de repensar a posição feminina na sociedade americana.

É através de uma consideração madura que adotamos a ideia de que a natureza é parcial em suas distribuições? É realmente um fato que ela entregou à metade da espécie humana uma superioridade mental tão inquestionável? Sei que, para ambos os sexos, entendimentos elevados, e vice-versa, são comuns. Mas, deixe-me perguntar, em que as mentes das mulheres são tão notoriamente deficientes ou desiguais? Os poderes intelectuais não são divididos sob essas quatro categorias – imaginação, razão, memória e julgamento? A província da imaginação há muito nos foi entregue e fomos coroadas soberanas indubitáveis das matérias da fantasia. A invenção é talvez o esforço mais árduo da mente; este ramo da imaginação foi particularmente cedido a nós, e há muito tempo investimos com essa faculdade criativa<sup>148</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.4).

Podemos identificar o questionamento do fato de que muitos estudiosos da época buscavam atribuir uma posição específica para as mulheres para justificar sua

---

<sup>148</sup>Is it upon mature consideration we adopt the idea, that nature is thus partial in her distributions? Is it indeed a fact, that she hath yielded to one half of the human species so unquestionable a mental superiority? I know that to both sexes elevated understandings, and the reverse, are common. But, suffer me to ask, in what the minds of females are so notoriously deficient, or unequal. May not the intellectual powers be ranged under these four heads—imagination, reason, memory and judgment. The province of imagination hath long since been surrendered up to us, and we have been crowned undoubted sovereigns of the regions of fancy. Invention is perhaps the most arduous effort of the mind; this branch of imagination hath been particularly ceded to us, and we have been time out of mind invested with that creative faculty (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.4).

esfera restrita de atuação doméstica. De acordo com Elizabeth Galewski, “além disso, o fato de que Murray foi capaz de articular estas questões sobre a superioridade masculina já sugeria que ela não era inquestionável”. Dessa forma, é possível pensar que “Murray imediatamente levantou a possibilidade de que as noções enraizadas da inferioridade das mulheres poderiam ser postas em dúvida”<sup>149</sup> (GALEWSKI, 2007, p.93).

É possível considerarmos também que a esfera de atuação feminina determinava a extensão da educação que as mulheres recebiam em relação aos homens, algo que Murray também questionava por se tratarem até então de esferas ditas “complementares”, interdependentes, mas que mantinham as mulheres em posições subordinadas aos homens. Ela discordava daqueles que presumiam existir uma diferença “natural” de caráter entre homens e mulheres, porque para ela isto era, na verdade, fruto da organização social prévia que havia determinado funções específicas para cada um dos sexos baseadas no histórico protestante tradicional.

A suposição de que a natureza havia reservado apenas aos homens a superioridade da mente era o argumento da tutela que deveriam exercer sobre as mulheres no caminho da virtude e o que originava a pergunta de Murray quanto ao real motivo que fazia a capacidade racional das mulheres parecer ser menos desenvolvida do que a dos homens. Ela acreditava existirem quatro categorias que podiam ser desenvolvidas por qualquer ser humano: imaginação, razão, memória e julgamento, todas passíveis de serem desenvolvidas em grande potencial pelas mulheres.

Murray não confinaria a educação das mulheres dentro de fronteiras estreitamente restritas da domesticidade. Ela derrubou as fronteiras tradicionais em torno do papel de esposa e mãe e abriu novas possibilidades intelectuais ao propor educação e autossuficiência econômica para a mulher solteira e independente<sup>150</sup> (CHEEK, 1985, p.256).

Assim, ela começou a ressignificar alguns estereótipos atribuídos às mulheres para provar que na verdade eles apenas asseguravam que elas tinham uma capacidade intelectual inerte, latente, não incentivada. Este foi o caso da moda feminina, por exemplo, e a forma como a dedicação das mulheres ao vestuário era vista com desprezo

---

<sup>149</sup>the fact that Murray was capable of articulating these questions about male superiority already suggested that it was not unquestionable. [...] Murray immediately raised the possibility that taken-for-granted notions of women’s inferiority could be cast into doubt (GALEWSKI, 2007, p.93).

<sup>150</sup>Murray would not confine women's education within narrowly restricted borders of domesticity. She tore down traditional boundaries surrounding the role of wife and mother, and she opened new intellectual possibilities by proposing education and economic self-sufficiency for the single, independent woman (CHEEK, 1985, p.256)

pelos homens, como atividade fútil para ocupar o tempo. Murray explica em seu ensaio que a variedade e as mudanças constantes na moda era o que fazia com que as mulheres tivessem que dedicar muito de seu tempo a isso para agradar os mesmos homens que as condenavam por sua futilidade e atenção demasiada à moda. Em contrapartida, a grande dedicação delas também era a prova da imaginação inventiva das mulheres e não algo a ser condenado, apresentando uma abordagem interessante sobre este assunto ao associar a moda à criatividade.

É neste mesmo sentido que ela pergunta em seguida que “outro exemplo de nossos poderes criativos é nosso talento para caluniar; quão engenhosas somos no escândalo inventivo? Que história formidável podemos em um momento fabricar apenas com a força de uma imaginação prolífica?”<sup>151</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.5), sendo que a capacidade delas de inventar situações que não existiam tinha sido crucial para arruinar reputações tanto de homens quanto de mulheres. De acordo com a autora, a convicção por trás destes “esquemas femininos” demonstra o talento e a eloquência das mulheres, como eram criativas e tinham bastante tempo livre, não por serem más e “naturalmente” aptas à fofoca e à futilidade.

Podemos considerar esta uma forma de Murray questionar o caráter de “maldade inconsciente” geralmente atribuído às mulheres, que também eram consideradas traiçoeiras e muitas vezes fúteis por causa de suas conversas e condutas “levianas”. Este aspecto da conduta das mulheres estava principalmente associado ao pecado feminino e à sua predisposição “natural” que devia ser corrigida pela vida doméstica e pela sociedade. É possível encarar o questionamento de Murray desta predisposição feminina à maldade através do apontamento das falhas dos homens, que muitas vezes eram desculpadas, enquanto as falhas das mulheres eram duramente julgadas.

Em vez disso, ela [Murray] apresentou a moda feminina e a fofoca como possíveis evidências da mente das mulheres. Por meio dessa virada irônica, a moda e a calúnia revelaram-se potencialmente positivas; elas foram apresentadas diferentes do que normalmente eram consideradas. [...] Tendo estabelecido que as mulheres possuem a faculdade mental da imaginação em particular e capacidade intelectual em geral, Murray agora transformou a

---

<sup>151</sup>Another instance of our creative powers is our talent for slander; how ingenious are we at inventive scandal? What a formidable story can we in a moment fabricate merely from the force of a prolific imagination? (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.5).

educação feminina convencional em um meio falho de desenvolver esse potencial<sup>152</sup> (GALEWSKI, 2007, p.94-95).

Apesar disso, podemos constatar que em nenhum momento ela escreve que as mulheres estão acima dos homens nas capacidades intelectuais, mas apenas busca provar a existência de uma imaginação ativa nas mulheres, que poderia ser direcionada a propósitos mais úteis. Isso nos leva a pensar que seu objetivo não era organizar uma hierarquia social ou atribuir funções específicas, mas pensar na situação das mulheres e em mudanças que seriam benéficas a todos. Por isso, ela atribui às mulheres uma grande aptidão para guardar fatos e acontecimentos, ou seja, de *memória*, e que também fazia parte das habilidades de julgamento e imaginação delas. Estas habilidades eram muito criticadas pelos homens, que defendiam que elas deviam confiar no julgamento de suas parentes casadas ou dos homens da família para tomar boas decisões, mas também podemos pensar o argumento de Murray sobre as capacidades intelectuais das mulheres como algo bom para a vida doméstica, pois os homens não teriam que lidar com mulheres fúteis dentro de casa.

É assim que Murray passa a questionar o fato de que a real diferença entre as habilidades de homens e mulheres quando adultos não estava nos atributos distribuídos pela natureza, mas na diferença de educação que privilegiava continuamente os meninos, mesmo que não existissem provas de que ao iniciar esta educação, os meninos já eram mais sábios do que as meninas para justificar a maior atenção que era dada a eles. Não era segredo para ela que desde muito cedo as meninas eram confinadas enquanto os meninos eram ensinados a explorar o mundo.

Moda, escândalo e, às vezes, o que é ainda mais repreensível, são então chamados em seu socorro; e quem pode dizer até que ponto as liberdades que ela toma podem prosseguir. Enquanto isso, ela própria está muito infeliz; ela sente a falta de uma mente cultivada. Se ela é solteira, em vão procura preencher o tempo com atividades sexuais ou diversões. Ela está unida a uma pessoa cuja natureza de alma foi feita igual à dela, mas a educação o colocou tão acima dela, que nos entretenimentos que são produtores de tal felicidade racional, ela não está qualificada para acompanhá-lo. Ela experimenta uma

---

<sup>152</sup>Instead, she presented women's fashion and gossip as possible evidence of women's lively minds. Through this ironic turn, fashion and slander were revealed to be potentially positive; they were presented as potentially other than what they had commonly been taken to be. [...] Having established that women possess the mental faculty of imagination in particular and intellectual capacity in general, Murray now turned conventional female education into a failed means of realizing that potential (GALEWSKI, 2007, p.94-95).

consciência mortificante de inferioridade, que amarga qualquer prazer<sup>153</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.6).

A infelicidade da mulher que não podia decidir seu próprio destino foi recorrentemente usada por Murray como mais um argumento em favor da educação que podia prevenir a sua falta de discernimento e a dependência de seus parentes. É possível identificar seu ressentimento também quando ela ressalta o fato de que mesmo após o casamento, a mulher se encontrava em união com um homem, mas ele mantinha sua superioridade intelectual por causa das inúmeras vantagens.

Neste sentido, um amplo campo de possibilidades poderia ser aberto para as mulheres se elas pudessem receber as mesmas atenções, sem que com isso seus “departamentos particulares”, ou seja, o matrimônio e a maternidade, fossem afetados. É possível identificar novamente que estas funções sociais eram importantes para Murray e não deviam ser descartadas na vida da mulher, mas mantidas por escolha própria e após considerar as outras opções. Se um maior desenvolvimento intelectual fosse alcançado, a mente das mulheres não seria mais ocupada com as fofocas e elas poderiam atuar no espaço público para colaborar com o desenvolvimento da República. Para Murray, isso seria algo bom, reduzindo as especulações e a imaginação sem propósito, tornando as jovens melhores representantes de suas famílias sem a necessidade de se envolver com um homem de fora.

Isso pode ser questionado, porém, pelo fato de que apenas uma pequena parcela das mulheres, as mulheres brancas de classes mais altas e que mantinham relações mais próximas com as igrejas, tinha uma real possibilidade de se dedicar aos estudos. Em contrapartida, muitas iniciativas dentro das próprias igrejas apareciam para apoiar mulheres que eram mães solteiras ou muito pobres, o que poderia proporcionar maior contato com a alfabetização, a escrita e a leitura. Não podemos esquecer, porém, que Murray não defendia necessariamente uma total independência da mulher de seu núcleo familiar ou de seu marido, mas uma existência mais digna que lhe permitisse fazer seus próprios julgamentos e ter direitos políticos reconhecidos.

---

<sup>153</sup>Fashion, scandal, and sometimes what is still more reprehensible, are then called in to her relief; and who can say to what lengths the liberties she takes may proceed. Meantime she herself is most unhappy; she feels the want of a cultivated mind. Is she single, she in vain seeks to fill up time from sexual employments or amusements? Is she united to a person whose soul nature made equal to her own, education hath set him so far above her, that in those entertainments which are productive of such rational felicity, she is not qualified to accompany him? She experiences a mortifying consciousness of inferiority, which embitters every enjoyment (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.6).



As mulheres deveriam ser educadas a fim de melhor servir suas famílias e, por sua vez, seu país. Murray acreditava que essa meta educacional elevaria a esfera feminina e ampliaria a importância do papel das mulheres na sociedade. Simultaneamente, Murray apoiou e ficou ao lado de Mary Wollstonecraft e à frente das normas geralmente aceitas ao propor que as mulheres deveriam ser educadas para seu próprio bem-estar - a fim de melhorar suas próprias vidas, para ganhar seu próprio sustento e para conquistar independência<sup>154</sup> (CHEEK, 1985, p.251).

Para Murray, a educação também ajudaria as mulheres a serem mais discretas e julgarem melhor o mundo ao seu redor. Além disso, elas teriam capacidade suficiente para escolher bons maridos quando quisessem se casar. Não podemos, porém, concluir que ela defendia uma educação que olvidasse os deveres domésticos, porque “todos os requisitos da economia feminina são facilmente alcançados e, com verdade, posso acrescentar que, uma vez alcançados, não requerem mais atenção mental”<sup>155</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.7). Isso significava que para Murray, enquanto as mulheres estavam em casa elas tinham liberdade para refletir, porque as tarefas eram mecânicas e não exigiam muita habilidade intelectual.

Em contrapartida ela apoiava as mulheres que escolhiam não se casar, defendendo que elas também mereciam uma educação de qualidade e apoio em suas decisões. Isso nos leva a refletir sobre qual era a sua concepção acerca do dever da mulher, pois Murray argumenta em favor do comprometimento feminino com suas escolhas, independente de quais sejam, contanto que fossem virtuosas. Isso significa que podiam escolher se casar ou ficar solteiras, mas cada opção demandava responsabilidades que não poderiam ser ignoradas. Ao mesmo tempo, porém, nem a mulher casada e nem a solteira precisavam manter-se à margem da sociedade, pois se soubessem pensar com clareza saberia honrar seus deveres pessoais e sociais. No caso das mulheres casadas, este dever seria o de apoiar o marido e organizar a vida doméstica sem que sua educação ou vida pública fossem afetadas. Se solteira, seria dedicar-se aos estudos para trabalhar e contribuir com o crescimento socioeconômico.

Estes deveres, porém, só poderiam ser cumpridos com o desenvolvimento constante dos estudos, pois além de desenvolver o intelecto, elas não teriam muito tempo disponível para “criar” situações fúteis em suas cabeças e fazer fofocas. Já em

---

<sup>154</sup>Women were to be educated in order to better serve their families, and in turn, their country. Murray believed this educational goal would elevate the feminine sphere and enlarge the significance of women's role in society. Simultaneously, Murray supported and stood Mary Wollstonecraft, and ahead of generally accepted norms in proposing that women should be educated for their own well-being - in order to enhance their own lives, to earn their own livings, and to gain independence (CHEEK, 1985, p.251).

<sup>155</sup>every requisite in female economy is easily attained; and, with truth I can add, that when once attained, they require no further mental attention (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.7).

resposta aos que diziam que as tarefas da casa já eram suficientes para elas, Murray recorre ao preceito religioso de que homens e mulheres eram julgados perante Deus por suas ações de acordo com os mesmos princípios, igualdade esta que também deveria existir no plano terreno, considerando que suas almas haviam sido criadas de forma igual. Apesar de ter um importante papel em sua comunidade religiosa, Murray não compactuava com a visão limitada da mulher e foi apoiada pelo próprio reverendo John Murray, seu marido, que incentivou a publicação de seus textos. Podemos pensar a colocação de Judith de que todos seriam julgados igualmente por Deus como um reflexo de uma nova proposta da igreja Universalista idealizada por John Murray sobre a disposição das almas, ao invés das hierarquias sociais.

Pena que todos esses censuradores do progresso feminino não deem um passo adiante e neguem sua existência futura; para serem consistentes, eles certamente deveriam. Sim, senhor, sexo altivo, nossas almas são por natureza iguais às suas; [...] ouso acreditar com segurança que desde o início dos tempos até os dias atuais houve tantas mulheres quanto homens que pela mera força dos poderes naturais, mereceram aplausos<sup>156</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.7-8).

Durante o final do século XVIII e início do XIX várias escolas femininas revisaram seus currículos e abriram cada vez mais espaço para a educação pública das jovens. Esse movimento encontrou tanto apoiadores quanto pessoas que condenavam o tempo que as moças passavam longe de suas famílias, até que uma imagem da mulher ideal foi tomando cada vez mais forma. Essa imagem era a do equilíbrio das faculdades mentais que garantiam o bom discernimento e a boa apresentação da mulher na sociedade e seu cuidado com a aparência física que garantia um bom casamento. É possível identificarmos o questionamento de Murray quanto a esta complementariedade de papéis, não no sentido de que eles não deveriam existir, mas no sentido de que as oportunidades educacionais das mulheres eram negligenciadas frente às expectativas de matrimônio.

Esta posição poderia ser contestada pelo fato de que, por mais que as academias femininas estivessem em crescimento nesta época, e que algumas chegavam a apresentar currículos escolares parecidos com os dos meninos, o objetivo de seus

---

<sup>156</sup>Pity that all such censurers of female improvement do not go one step further, and deny their future existence; to be consistent they surely ought. Yes, ye lordly, ye haughty sex, our souls are by nature equal to yours; [...] I dare confidently believe, that from the commencement of time to the present day, there hath been as many females, as males, who, by the mere force of natural powers, have merited the crown of applause (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.7-8).

estudos continuava diferindo, porque às meninas ainda era ensinado a pensar inicialmente em como podiam se aprimorar para exercer melhor o domínio no ambiente doméstico privado. Ao mesmo tempo, porém, com o passar dos anos este cenário foi mudando e as possibilidades das meninas terem acesso a uma educação mais desenvolvida do que a recebida em casa cresciam, mesmo que apenas uma parte pequena e apenas as famílias mais abastadas enviassem suas filhas para as academias. Neste sentido, Murray defendia uma educação que fosse ministrada com atenção desde os primeiros anos e mais direcionada para os desejos das próprias meninas.

A questão da diferença só se tornava mais complexa quando pensada em relação aos atributos físicos de homens e mulheres. Murray reconhecia a superioridade física masculina, mas negava que devesse ser o parâmetro para julgar também as habilidades mentais dos dois sexos.

Sei que há quem afirme que como os poderes físicos de um sexo são superiores, é claro que suas faculdades mentais também devem ser mais fortes [...]. Apesar disso, se admitíssemos que a força física prova alguma coisa, levando em consideração a costumeira imparcialidade da natureza, deveríamos ser levados a imaginar que ela havia investido a mente feminina de força superior como equivalente das faculdades corporais do homem. Mas, tendo essa vantagem, apenas pela igualdade desejamos lutar<sup>157</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.8).

Sua crítica também estava relacionada ao que era esperado das meninas após atingirem a idade adulta, pois elas eram julgadas inferiores desde o nascimento e sua educação só as limitava, relegando-as às esferas mais específicas da domesticidade levando em consideração esta crença nos limites femininos. Após quinze anos do que ela chamou de “confinamento”, as meninas eram apresentadas como adultas a uma sociedade que buscava guia-las e mantê-las sob controle.

É importante ressaltar, porém, que Murray escreveu para revistas lidas por homens e mulheres, mas por mais que a quantidade de assinantes e leitoras estivesse crescendo, em diversos momentos ela se dirigia diretamente aos homens. Podemos considerar que ela fez isso concluindo que também seria responsabilidade deles garantir a boa educação das mulheres, já que isso trazia benefícios a todos, como a gratidão e a

---

<sup>157</sup>I know there are who assert, that as the animal powers of the one sex are superior, of course their mental faculties also must be stronger; [...] Besides, were we to grant that animal strength proved anything, taking into consideration the accustomed impartiality of nature, we should be induced to imagine, that she had invested the female mind with superior strength as an equivalent for the bodily powers of man. But waving this however palpable advantage, for equality only, we wish to contend (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.8).

amizade que eles teriam delas se as reconhecessem como iguais. É possível considerar também a consciência de Murray de que os homens teriam meios para promover as mudanças necessárias por estarem presentes nos Congressos e ocuparem cargos públicos, por mais que os esforços das mulheres fossem cruciais para consolidá-las.

Se encontrarmos um amigo igual e sensato, iremos recompensá-lo com a mão da amizade e por toda a vida seremos assíduas para promover sua felicidade; [...]. E se ainda insistirem que os estudos podem interferir em nosso departamento mais peculiar, devo responder ainda que as primeiras horas e a aplicação rigorosa farão maravilhas; e para ela que desde o primeiro alvorecer da razão foi ensinada a preencher o tempo racionalmente, ambos os requisitos serão fáceis<sup>158</sup> (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.10).

Dessa forma, era de interesse geral que homens e mulheres estivessem aptos a exercer a civilidade da melhor maneira possível para auxiliar no crescimento e organização sociocultural, porque as mulheres continuavam marginalizadas e ignoradas pelas mesmas pessoas que haviam clamado pela derrubada do governo anterior, visto como despótico, para ser substituído por uma sociedade virtuosa e de cidadãos livres. Além disso, a teoria de educar as mulheres com o propósito de que elas mais tarde deveriam educar os próprios filhos, ao mesmo tempo em que abria novas possibilidades de educação, ainda as confinava ao espaço doméstico. “As mulheres, embora supostamente influenciassem a sociedade e a política tornando-se líderes virtuosas para a república, permaneceram em casa e desassociadas do envolvimento público-político direto”<sup>159</sup> (SCOBELL, 2000, p.12), sendo que a ideia da maternidade republicana continuava possibilitando aos homens negar uma maior participação das mulheres na esfera pública.

Sua maior participação fora do ambiente privado estava também relacionada à influência do Metodismo Americano, que cresceu politicamente durante o século XIX devido ao aumento de membros nas igrejas e da consequente necessidade dos políticos assegurarem apoio popular (CARWARDINE, 2007). Apesar de haver um grande número de mulheres metodistas, os reverendos e líderes geralmente encabeçavam os movimentos nas igrejas, portanto eram mais visados pelos políticos, mesmo que os

---

<sup>158</sup>If we meet an equal, a sensible friend, we will reward him with the hand of amity, and through life we will be assiduous to promote his happiness; [...]. And should it still be urged, that the studies thus insisted upon would interfere with our more peculiar department, I must further reply, that early hours, and close application, will do wonders; and to her who is from the first dawn of reason taught to fill up time rationally, both the requisites will be easy (MURRAY, 1790. In: HARRIS, 1995, p.10).

<sup>159</sup>Women, though they supposedly influenced society and politics by raising virtuous leaders for the republic, remained within the home and disassociated from direct public-political involvement (SCOBELL, 2000, p.12).

metodistas do sul alegassem “superioridade moral”<sup>160</sup> (CARWARDINE, 2007, p.174) como forma de evitar envolvimento com a política formal. Em contrapartida, as mulheres se dirigiam cada vez mais ao mundo político, e acabavam influenciando o cenário local através de causas beneficentes e da orientação religiosa que podiam fornecer às famílias metodistas em sua organização doméstica.

Com ajuda de sua posição dentro das igrejas, as mulheres organizaram petições para criminalizar atos de sedução, para regulamentar prisões e sanatórios, alterar leis de propriedade, restringir a escravidão e proibir a venda de bebidas alcoólicas. Apesar de não terem o direito formal ao voto, elas tinham visibilidade especialmente durante as épocas das eleições locais e nacionais (CARWARDINE, 2007). Suas ações políticas dentro e fora das igrejas metodistas apontam para uma mudança de mentalidade entre as próprias mulheres, que estavam constantemente sujeitas às interpretações bíblicas por parte dos reverendos e pastores que buscavam controlar seu comportamento e mantê-las dependentes.

Apesar disso, novas interpretações surgiam. No próprio texto “*On the Equality of the Sexes*” (1790) Murray fez uma revisão de algumas passagens do Gênesis, como a de Adão e Eva. Nos Estados Unidos, por causa da grande participação da religião cristã protestante na vida doméstica e familiar, as mulheres eram direcionadas ao arrependimento por causa da conduta de Eva, enquanto os homens eram levados às posições de liderança. Com o tempo e as mudanças sociais das mulheres, porém, novas interpretações buscavam na própria religião algum apoio às capacidades não desenvolvidas das mulheres. Isso atestou cada vez mais o papel social da cultura americana, questionada por elas através de suas ações políticas informais sustentadas pelas práticas religiosas, mesmo que o metodismo ainda buscasse organização em posições específicas e não visasse seus direitos políticos formais.

### 3.3 SOBRE AS HABILIDADES DAS MULHERES

Durante os anos que se seguiram à publicação do ensaio *On the Equality of the Sexes*, Murray continuou publicando ensaios semanais na revista *Massachusetts Magazine*, mas desta vez na coluna *The Gleaner* (1792-1794) e com o pseudônimo masculino *Mr. Gleaner*. Esta coluna era dedicada à discussão dos mais variados assuntos, sempre ligados à situação social dos nascentes Estados Unidos, mas abordados

---

<sup>160</sup> Moral Superiority (CARWARDINE, 2007, p.174).

de forma sucinta e em diálogo com os acontecimentos. Entre os assuntos mais abordados por ela estavam a situação econômica nacional após as Guerras de Independência e diversas observações sobre a religiosidade das pessoas. Além disso, seu único romance, *The Story of Margaretta*, foi publicado em capítulos mensais na coluna *The Gleaner*, sendo intercalado com outros de seus ensaios. Este romance ficou bastante conhecido na época, porque Judith inseriu a própria revista *Massachusetts Magazine* como um importante meio de comunicação na narrativa e sua coluna *The Gleaner* como uma das leituras da personagem principal, Margaretta.

Mais tarde, em 1798, Murray fez uma compilação de todos os ensaios publicados por ela nesta coluna e se tornou a primeira mulher a publicar seu trabalho nos Estados Unidos, o que fez em três volumes. Esta compilação ficou conhecida como “*The Gleaner: A Miscellaneous Production*” (1798), livro que ela assinou como seu antigo pseudônimo *Constantia*, revelando que a mesma pessoa por trás de “*On the Equality of the Sexes*” (1790) era também *Mr. Gleaner*. Neste livro ela publicou vários ensaios inéditos, que não haviam sido publicados antes na *Massachusetts Magazine*, e entre eles estava “*Observations on female abilities*” (1798), que ficou bastante famoso na época por abordar em quatro capítulos a posição da autora quanto aos direitos femininos.

Na primeira parte desta série, Murray se dirige aos leitores orientando que deveriam ler primeiro o ensaio, “*On the Equality of the Sexes*”, pois ela o considerava uma necessária introdução ao assunto de que iria tratar com mais detalhes. Partindo deste primeiro resgate ao seu ensaio anterior, Murray retoma sua explanação sobre a situação das mulheres nesta nova série, saudando suas companheiras americanas como “compatriotas”. Podemos entender este termo como uma designação política da visão de Murray sobre as mulheres e ao mesmo tempo uma forma de as aproximar ainda mais delas, como um indício de uma rede de relações femininas.

Aproveito para felicitar as minhas belas compatriotas, pela feliz revolução que os últimos anos operaram a seu favor; que nessas novas repúblicas, onde, segundo minha lembrança, o uso da agulha era a principal realização que se considerava necessária para uma mulher, ela agora tem permissão para se apropriar de uma parte de seu tempo para estudos de uma natureza mais elevada. Academias femininas estão se estabelecendo por toda parte, e muito agradável é esta apelação para meus ouvidos<sup>161</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.188).

<sup>161</sup>I take leave to congratulate my fair country-women, on the happy revolution which the few past years has made in their favor; that in these infant republics, where, within my remembrance, the use of the needle was the principal attainment which was thought necessary for a woman, the lovely proficient is

Em “*On the Equality of the Sexes*” (1790), Murray já havia criticado o fato de que a educação ainda era bastante precária ao considerar a realidade das mulheres. Apenas alguns anos mais tarde ela passou a usar uma abordagem diferente, levando em consideração a grande quantidade de escolas femininas abertas durante este período e que, para ela, refletiam o desejo e a necessidade de desenvolver cada vez mais uma boa educação para as moças. Não podemos esquecer, porém, dos educadores que idealizaram as escolas femininas como meio de aperfeiçoamento do papel tradicional da mulher, onde elas poderiam desenvolver mais suas habilidades domésticas. Estas, porém, se tornaram minoria conforme novas escolas apresentavam currículos mais parecidos com os dos meninos.

Murray reconhece que os “direitos das mulheres” também cresciam no que ela chama de “novo mundo”, após a independência dos Estados Unidos. Isso não necessariamente significava direitos formais ou políticos, mas uma maior abertura na visão de mundo e maior reconhecimento de suas posições como sujeitos importantes na sociedade, o que começava a fazer justiça pelos esforços contínuos das mulheres em todas as esferas da vida. Esse seria o caminho certo para elas, já que Murray considera que “aprimorando as opiniões de uma Wollstonecraft, estamos prontas para lutar pela quantidade, bem como pela qualidade, da mente”<sup>162</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.188). Desta forma, podemos considerar que as mulheres mais jovens teriam como recompensa e também como responsabilidade prezar pelo novo plano de criação e difusão das escolas femininas no país.

Murray vai ainda além ao apelar para que estas mesmas jovens prestem atenção à sociedade e à política para garantir que os atributos considerados próprios das mulheres não tomassem o lugar de sua formação intelectual como prioridade, já que a união entre as mulheres seria a chave para a multiplicação das novas oportunidades. Os exemplos delas seriam seguidos por muitas outras e as vozes dissonantes seriam cada vez menos ouvidas no que dizia respeito à posição feminina e seu direito de se educar intelectualmente.

---

now permitted to appropriate a moiety of her time to studies of a more elevated and elevating nature. Female academies are everywhere establishing, and right pleasant is the appellation to my ear (MURRAY, 1798, v.3, p.188).

<sup>162</sup>improving on the opinions of a Wollstonecraft, we are ready to contend for the quantity, as well as quality, of mind (*Ibid*).

Murray então informou a seus leitores que essa substituição da natureza dada por Deus pelo hábito criado pelo homem marcava as mulheres com uma sensação palpável de perda. [...] Desta forma, Murray caracterizou uma falta nas mentes das mulheres e, por extensão, dentro de seu próprio ser. As mulheres carregavam dentro de si uma vontade, uma infelicidade, uma ferida, um desejo frustrado. Elas perceberam uma ausência dentro de si que ansiavam por preencher. Com os caminhos da razão e do julgamento fechados, sugeriu Murray, as meninas canalizaram sua energia para a imaginação, frequentemente tornando-se tolas e pueris.<sup>163</sup> (GALEWSKI, 2007, p.96).

Podemos identificar, portanto, certa confiança de que as mulheres podiam e deviam representar a nação cultivando um novo estilo de vida americano e também como formadoras de uma “nova era na história feminina”<sup>164</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.189), porque as mulheres passavam mais do que nunca a se opor aos que buscavam monopolizar e direcionar o tempo delas a qualquer coisa que elas mesmas não julgassem importante. Além disso, o futuro reservava às mulheres mais sabedoria para apreciar suas vantagens pessoais e ao mesmo tempo não exaltar as vantagens físicas como símbolo único de suas qualidades.

A educação liberal faria com elas fossem mais humildes na busca pelo conhecimento que até agora não haviam podido explorar, até que a dedicação e o estudo fizessem delas pessoas mais esclarecidas. Dessa forma, seria possível para elas se deslocarem para uma ordem ainda superior dentro da sociedade que valorizava tanto o conhecimento. Ao mesmo tempo, as mulheres poderiam aprender o significado da bondade e da modéstia, para que a graça do sexo feminino pudesse ser cultivada para vantagem da própria mulher, pois inteligente e acostumada a refletir, poderia questionar qualquer coisa, inclusive a si mesma, sem perder o respeito e seus traços característicos de “feminilidade”.

Assim, homens e mulheres poderiam compartilhar amizades mais verdadeiras e sem julgamentos infundados baseados nas ideias de pedantismo e coqueteria.

Pensar com justiça não apenas ampliará suas mentes e refinará suas ideias, mas corrigirá suas disposições, humanizará seus sentimentos e os apresentará a amigos de sua espécie. [...] Suas maneiras não serão constrangidas e para evitar até mesmo a aparência de pedantismo, elas serão cuidadosas em dar

---

<sup>163</sup>This substitution of God-given nature with man-made habit, Murray then informed her readers, marked women with a palpable sense of loss. [...] In this way, Murray characterized a lack within women’s minds and, by extension, within their very being. Women carried inside them a want, an unhappiness, a wound, a frustrated desire. They perceived an absence inside themselves that they yearned to fill. With the paths to reason and judgment foreclosed, Murray suggested, girls channeled their energy down that of imagination, frequently becoming silly and puerile in the process (GALEWSKI, 2007, p.96).

<sup>164</sup>a new era in female history (MURRAY, 1798, v.3, p.189).



aos seus argumentos e deduções mais sistemáticas, uma aparência natural e não afetada. Elas preferirão questionar a afirmar e se comunicarão sob a suposição de que o ponto em discussão antes escapou da memória daqueles com quem conversam, do que nunca foi impresso lá<sup>165</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.190).

Apesar disso, devemos lembrar que Judith não negava a responsabilidade das mulheres na vida adulta se escolhessem se casar. Sua ideia não era a de que a mulher devia negar suas tarefas e atribuições dentro de casa ou negligenciar seu dever com a família, mas estes deveres não a impediam de ter responsabilidades intelectuais e pessoais, nem que os deveres tradicionais deveriam tomar o espaço de seu desenvolvimento racional.

Murray argumentava que a maternidade trazia felicidade para o casal, mas que essa mesma felicidade podia ser mais abrangente ao escolher um marido que pudesse apoiá-la em suas empreitadas fora da esfera familiar. Em contrapartida, era de responsabilidade das mulheres em idade de se casar estarem cientes de que as imagens dos personagens de seus livros não necessariamente refletiam o caráter masculino no mundo real, mas que apenas com o bom discernimento proporcionado pela leitura crítica e pelo estudo, as mulheres poderiam aprender a diferenciar e, ainda assim, serem capazes de encontrar homens honrados, pois “a educação fez do casamento e da vida de solteiras opções significativas para as mulheres e, além disso, dava o treinamento necessário para que as mulheres pudessem fazer escolhas livres”<sup>166</sup> (CHEEK, 1985, p.252).

Com a prática intelectual as moças poderiam aprender a estimar os homens de forma adequada e dirigir olhares menos exigentes para suas fragilidades antes de se casarem, assim a vida doméstica não seria uma surpresa para elas. Os dois juntos buscariam suas virtudes e fundamentariam sua relação no amor e na estima. Como mães, as mulheres continuariam a assumir a responsabilidade pelos filhos, mas eles seriam adequadamente educados desde cedo para ocupar posições na sociedade embasadas em suas capacidades e não em seus sexos.

---

<sup>165</sup>Thinking justly will not only enlarge their minds, and refine their ideas; but it will correct their dispositions, humanize their feelings, and present them to friends of their species. [...] Their manners will be unembarrassed; and studious to shun even the semblance of pedantry, they will be careful to give their most systematic arguments and deductions, an unaffected and natural appearance. They will rather question than assert; and they will make their communications on a supposition, that the point in discussion has rather escaped the memory of those with whom they converse, than that it was never imprinted there (MURRAY, 1798, v.3, p.190).

<sup>166</sup>education made both marriage and the single life meaningful options for women, and it further provided the training needed if women were to make a free choice (CHEEK, 1985, p.252).

Podemos pensar no ponto principal deste ensaio que ecoa e desenvolve ainda mais o sentido de “dever” quando o assunto era a esfera feminina e o que justamente podia ser denominado como tal, pois os deveres femininos haviam sido determinados pela autoridade masculina, mesmo após diversos questionamentos da ordem social e política. Desta forma, os deveres intelectuais podiam passar a ser “contemplações que irão melhorar o coração, desdobrar e iluminar o entendimento e gradualmente tornar o humano ser um candidato elegível para a sociedade dos anjos”<sup>167</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.191), tendo em vista que “a ideia da incapacidade das mulheres é, como concebemos, nesta era iluminada, totalmente inadmissível e concluímos que estabelecer a conveniência de admiti-lo para compartilhar as bênçãos da igualdade removerá todos os obstáculos ao seu progresso”<sup>168</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.191).

Por meio de uma educação clássica elas passaram a acreditar que as meninas adquiriram a capacidade de lidar com as tensões sociais e, principalmente, com as preocupações com a sexualidade. Onde antes se acreditava que a dama erudita estava condenada a uma vida de infelicidade de solteirona, ela agora era considerada uma ponte entre o pedante e o ignorante, o rico e o pobre, o masculino e o feminino<sup>169</sup> (GALEWSKI, 2007, p.103).

Para Judith, não havia dúvidas a respeito do valor das mulheres, apenas sua posição social e dentro da civilização que os americanos buscavam construir. É por isso que ela apelava às mulheres para se lembrarem sempre da posição que tomaram durante a Revolução Americana, para que os questionamentos sobre a conduta feminina pudessem ser silenciados. Neste sentido, ela trouxe de volta, por exemplo, a indignação das mulheres que viram seus maridos e filhos fugirem dos campos de batalha, para mandá-los de volta e apenas sofrer por eles se tivessem a certeza de que não haviam desertado ou sido covardes. Ela também aludiu a como as mulheres se colocaram em perigo para espionar para o lado americano, lutaram para recuperar suas propriedades invadidas, se misturaram disfarçadas entre as fileiras do exército e se entregaram em troca da libertação de seus maridos capturados (MURRAY, 1798, v.3).

---

<sup>167</sup>contemplations, which will ameliorate the heart, unfold and illumine the understanding, and gradually render the human being an eligible candidate for the society of angels (MURRAY, 1798, v.3, p.191).

<sup>168</sup>The idea of the incapability of women, is, we conceive, in this enlightened age, totally inadmissible; and we have concluded, that establishing the expediency of admitting them to share the blessings of equality, will remove every obstacle to their advancement (CHEEK, 1985, p.252).

<sup>169</sup>It was through a classical education, they came to believe, that girls gained the ability to modulate social tensions, and especially concerns about female sexuality and socio-economic class. Where once it was commonly believed that the learned lady was doomed to a life of spinster unhappiness, she was now considered to bridge the middle between pedant and ignorant, rich and poor, masculine and feminine (GALEWSKI, 2007, p.103).

Murray expôs também o seu objetivo de provar que a mente das mulheres era tão suscetível ao aperfeiçoamento quando a mente masculina. É possível interpretarmos o fato de que para ela, esta era uma conclusão que encontrava bastante resistência. Ela recorreu a Descartes e suas considerações sobre as habilidades filosóficas das mulheres, que se sustentavam com coragem mesmo em meio às adversidades e lutavam por suas posições. Dessa forma, seu objetivo era alcançar a justiça social e a consideração do conhecimento das mulheres “em todos os aspectos, como iguais aos dos homens”<sup>170</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.198).

Sua lista de pontos a serem tomados como verdadeiros quando se tratava das mulheres e sua relação com os homens foi colocada desta forma:

Primeiro, elas são igualmente capazes de suportar dificuldades;  
 Segundo, elas são igualmente engenhosas;  
 Terceiro, sua fortaleza e heroísmo não podem ser superados;  
 Quarto, elas são igualmente corajosas;  
 Quinto, elas são tão patriotas quanto eles;  
 Sexto, elas são tão influentes quanto eles;  
 Sétimo, elas são tão enérgicas e tão eloquentes quanto eles;  
 Oitavo, elas são igualmente fiéis e perseverantes;  
 Nono, elas são igualmente capazes de suportar, com honra, as labutas do governo;  
 Décimo, homens e mulheres são igualmente suscetíveis a qualquer aquisição literária<sup>171</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.198).

A partir destes pontos é possível identificar a clareza de Murray com relação ao cenário sociocultural feminino. Segundo ela, as mulheres eram realmente capazes de lidar com as dores e situações adversas, pois a própria natureza as havia incumbido de dores que nunca seriam conhecidas pelos homens, como as dores do parto e as dores emocionais que sofriam quando eram julgadas injustamente. Além disso, a engenhosidade feminina era constantemente provada pelos homens que as acusavam de ser inventivas ou caluniadoras. Para Murray, a fortaleza e o heroísmo das mulheres remontavam à época dos antigos romanos, quando elas já se apresentavam com

---

<sup>170</sup>in every respect, equal to men (MURRAY, 1798, v.3, p.198).

<sup>171</sup>First, Alike capable of enduring hardships.

Secondly, Equally ingenious, and fruitful in resources.

Thirdly, Their fortitude and heroism cannot be surpassed.

Fourthly, They are equally brave.

Fifthly, They are as patriotic.

Sixthly, As influential.

Seventhly, As energetic, and as eloquent.

Eighthly, As faithful, and as persevering in their attachments.

Ninthly, As capable of supporting, with honor, the toils of government. And

Tenthly, and Lastly, They are equally susceptible of every literary acquirement (*Ibid*).

dignidade e caráter. O exemplo utilizado por ela foi o de Arria, esposa do cônsul Paetus, que havia lutado bravamente até sua morte para ter um lugar no consulado ao lado de seu marido, mesmo que sem sucesso. Mesmo no momento de sua morte ela havia sido considerada mais corajosa do que ele, que se escondeu da enorme tempestade que se abateu sobre a cidade enquanto ela a enfrentou com bravura (MURRAY, 1798, v.3).

Da Grã-Bretanha, Murray usou o exemplo de Jane Grey “que parecia uma exemplificação de todas as virtudes e todas as graças que foram atribuídas às personagens masculinas ou femininas”<sup>172</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.201). Sua compreensão fez com que Jane já tivesse a capacidade de julgamento aos 16 anos, tão madura quanto um homem muito mais velho, além de um conhecimento extenso da língua grega e latina. Jane Grey havia declarado que Platão era sua leitura favorita, mais do que todas as outras leituras, para surpresa dos que consideravam seu entendimento limitado como mulher. Sua busca intelectual não tinha o objetivo de chamar a atenção, mas apenas de desenvolver um aspecto pouco incentivado em relação aos atributos físicos (MURRAY, 1798, v.3).

Estender, ampliar, abrir e libertar as mentes das mulheres eram claramente as intenções dos apelos apaixonados de Murray pela educação feminina. Diante da vida intelectual restrita e desvalorizada das mulheres, ela formulou uma teoria educacional baseada em sua crença na igualdade dos sexos. Ela sugeriu dois objetivos, ou escolhas, para mulheres instruídas. Elas enriqueceriam a sociedade como mães republicanas ou como mulheres solteiras, mas, em qualquer dos casos, possuiriam as qualidades de virtude, autoconfiança e independência tão valorizadas na república<sup>173</sup> (CHEEK, 1985, p.260).

Neste sentido, Murray explica que as mulheres eram tão corajosas quanto os homens, porque a bravura não era algo para o qual as pessoas se preparavam conscientemente, mas as mulheres tinham vantagens nesse quesito por estarem sempre à mercê das decisões das outras pessoas quanto aos seus próprios destinos. Murray demonstra seu desejo de que as mulheres pudessem ser mais firmes em suas convicções e que pudessem lutar pela igualdade de status e de propriedade que a coragem e a bravura poderiam ajudar a conquistar. É neste sentido que a capacidade intelectual

---

<sup>172</sup>who seemed an exemplification of every virtue and every grace which has been attributed to the male or female character. (MURRAY, 1798, v.3, p.201).

<sup>173</sup>To extend, to enlarge, to open, and to free the minds of women was clearly the intent of Murray's passionate plea for women's education. Faced with women's restricted and devalued intellectual life, she formulated an educational theory based upon her belief in the equality of the sexes. She suggested two goals, or choices, for educated women. They would enrich society either as Republican Mothers or as single women, but in either case, they would possess those qualities of virtue, self-reliance, and independence so valued in the republic (CHEEK, 1985, p.260).

deveria aparecer com destaque, para plantar as sementes que pudessem crescer na sociedade e garantir um futuro diferente e próspero para elas.

Outra prova da coragem feminina é *Margaret d'Anjou*, porque, segundo Murray, ela foi tão valente e perseverante quanto qualquer homem, havia liderado exércitos, chefiado preparativos de guerra e vencido batalhas julgadas perdidas por todos. Para isso, ela não havia se submetido ao seu “destino de mulher”, mas lutado como general e como soldado ao lado de seus homens e mulheres. Murray retoma o fato das mulheres serem tão corajosas e patriotas quantos os homens ao escrever que se não pudessem estar presentes fisicamente nos campos de batalha, as mulheres em nenhum momento se privaram dos esforços de guerra, provando seu patriotismo tanto quanto os maiores generais ou estadistas.

Além disso, sua ajuda fora dos campos de batalha tinha sido de suma importância por elas serem tão influentes quanto os homens e terem tomando as rédeas de situações que poderiam ser julgadas perdidas antes de sua interferência. Ao contrário do que faziam os homens, as mulheres buscavam entender a maneira de pensar e agir do sexo oposto, o que lhes dava vantagem no momento de exercer essa influência e saírem vitoriosas através de palavras e ações sucintas, ao invés de guerras ou confrontos armados. Murray acreditava que “independentemente do papel que assumiriam, as mulheres educadas na república compartilhavam uma comunhão de caráter, conduta e propósito”<sup>174</sup> (CHEEK, 1985, p.255).

Além disso, as mulheres podiam ser igualmente fervorosas quando tinham algo pelo que lutar. Sua capacidade de decisão fazia com que elas organizassem planos bem estruturados e os executassem com toda a eficiência esperada de um general. A eloquência delas poderia convencer qualquer pessoa, mas isso só seria possível se elas mesmas tivessem o conhecimento necessário para entender qual seria o melhor caminho para os seus planos. Sua capacidade inventiva viria em seu auxílio neste quesito. Por este motivo a educação era tão necessária e ajudaria os homens tanto quanto as mulheres.

A fidelidade e a perseverança das mulheres também as colocavam como cidadãs aptas, porque eram as virtudes que as ajudavam a desenvolver ainda mais a sua paciência para lidar com qualquer situação adversa que se apresentasse, sendo que o julgamento baseado na razão era a principal fonte de suas decisões, ao invés do lado

---

<sup>174</sup>regardless of the role they assumed, educated women in the republic shared a commonality of character, conduct, and purpose (CHEEK, 1985, p.255).

emocional tão destacado nas mulheres. Por isso “os argumentos de Murray em *On the Equality of the Sexes* e em *The Gleaner* exigem que as mulheres fossem valorizadas por seu intelecto e que pudessem aumentar seu valor por meio da educação”<sup>175</sup> (HUGHES, 2011, p.112). Só assim elas poderiam recorrer a este julgamento, assim como à sua paciência, para educar seus próprios filhos e fazê-los cidadãos conscientes na sociedade e na política americana.

Para Murray, portanto, a educação feminina tinha que ser incentivada também devido ao talento das mulheres para influenciar decisões, o que a autora exemplificou recorrendo a mais algumas mulheres notáveis que derrotaram as adversidades e se colocaram à frente do povo.

Semiramis parece ter associado todas as virtudes e vícios que receberam a marca masculina - ela estendeu seu império da Etiópia à Índia e subjugou muitas nações - seus edifícios e jardins também eram magníficos - e ela governou, em muitos aspectos, judiciosamente. Artemisia, rainha de Caria e filha de Lygclamis, tendo durante a menoridade de seu filho, autoridade soberana, distinguiu-se, tanto por seus conselhos quanto por seu valor pessoal. Amalasantha governou com a maior justiça, sabedoria e prudência. Julia Mammaea educou seu filho, Alexandre Severo, implantando em seu seio as sementes da virtude e adornando-o com todas as realizações principescas: Ele era digno da alta posição a que foi criado e estava disposto a se tornar o pai de seu povo: sua mãe presidiu seus Conselhos<sup>176</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.210).

Podemos concluir, entretanto, que o objetivo de Murray não era retratar as mulheres como guerreiras ou líderes militares, mas demonstrar seu valor para que não existissem questionamentos quanto ao intento de se dedicarem aos estudos considerados mais desenvolvidos. Seu grande objetivo era possivelmente reforçar a capacidade mental que destacou as mulheres que ela citou, mesmo em condições adversas, e como essa capacidade intelectual podia ser benéfica para todas se incentivada da maneira correta, pois não precisariam mais transgredir os papéis de gênero para serem bem sucedidas e felizes.

---

<sup>175</sup> Murray’s arguments in both “On the Equality of the Sexes” and *The Gleaner* urge that women be valued for their intellect and that they be permitted to increase their value through education (HUGHES, 2011, p.112).

<sup>176</sup> Semiramis appears to have associated all the virtues and vices which have received the masculine stamp—she extended her empire from Ethiopia to India, and subdued many nations—her buildings and gardens were also magnificent—and she governed, in many respects, judiciously. Artemisia, queen of Caria, and daughter of Lygclamis, possessing, during the minority of her son, sovereign authority, distinguished herself, both by her counsels and her personal valor. Amalasantha governed with the greatest justice, wisdom, and prudence. Julia Mammaea educated her son, Alexander Severus, implanting in his bosom the seeds of virtue, and adorning him with every princely accomplishment: He was worthy of the high rank to which he was raised, and disposed to become the father of his people: His mother presided in his councils (MURRAY, 1798, v.3, p.210).

Ela lembrou aos leitores e às leitoras, neste sentido, que foi uma mulher, a rainha Isabel da Espanha, que forneceu os meios necessários para que Colombo pudesse fazer sua viagem e chegar até a América, sendo dela o mérito de ter acreditado na missão de Colombo e feito o possível para que ele fosse bem-sucedido. Isabel “forneceu o equipamento, e levantou as somas necessárias para custear as despesas, com a venda de suas próprias joias”<sup>177</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.218), mas isso não havia sido o suficiente para que ela fosse devidamente reconhecida por sua participação na “descoberta da América”.

A própria Mercy Otis Warren foi também lembrada por Murray neste ensaio como representante americana entre as mulheres pouco exaltadas, considerando sua inteligência pouco valorizada. Ela destacou o papel de Warren na educação de todos os seus filhos e o incentivo para que meninos e meninas pudessem alcançar a excelência intelectual. De acordo com Murray, “com a devida atenção à sua educação e hábitos subsequentes, elas podem facilmente atingir essa independência que Wollstonecraft tão energicamente defendeu”<sup>178</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.219).

Neste sentido, ela conclui que com a emancipação das mulheres, termos como “viúva indefesa” deixariam de refletir a realidade. De igual maneira, uma mãe não estaria mais indefesa frente aos seus filhos e agiria ativamente em prol de sua formação, garantindo que ela sempre tivesse meios para formá-los bons cidadãos de quem a República tanto precisava. As mulheres seriam ensinadas a não depender demais das outras pessoas e o matrimônio seria apresentado como uma opção, sendo que sua própria posição na sociedade seria reconhecida de acordo com sua capacidade racional. Dessa forma, ela também estaria apta a agir na esfera pública.

Em conjunto com os homens, as mulheres seriam responsáveis por suas decisões dentro e fora do matrimônio e homens e mulheres se uniriam para educar as futuras gerações da forma mais vantajosa possível, porque nenhum nível de educação seria demais para que as crianças pudessem contribuir de forma positiva na sociedade. Sendo assim, quanto maior o nível de educação, “maior será a segurança de que seus indivíduos não serão um fardo para o público”<sup>179</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.220).

---

<sup>177</sup>who furnished the equipment, and raised the sums necessary to defray the expenses, on the sale of her own jewels (MURRAY, 1798, v.3, p.218).

<sup>178</sup>with proper attention to their education, and subsequent habits, they might easily attain that independence, for which a Wollstonecraft hath so energetically contended (*Ibid*, p.219).

<sup>179</sup>the greater will be the security, that its individuals will not be thrown a burden on the public (*Ibid*, p.220).

Esta era uma das preocupações do período, se a educação deveria ser uma responsabilidade do governo. Se isso acontecesse o gasto seria maior, mas Murray defendia que a retribuição dos indivíduos para a sociedade também aumentaria. Além disso, ela valorizava de uma maneira diferente a própria posição das mulheres dentro de casa, pois ela “apresentou a mulher republicana modelo como uma mãe, e a Mãe Republicana como uma mulher educada. O objetivo de sua educação era servir melhor sua família e, assim, servir melhor seu país”<sup>180</sup> (CHEEK, 1985, p.255).

Para Murray, as mulheres poderiam ajudar muito a sociedade devido ao fato de terem memórias mais preservadas e mais criatividade do que os homens. Uma mulher de *Massachussets* foi usada como exemplo em seu ensaio por ela ter sido educada e ter lido muito, o que lhe rendeu capacidade suficiente para fazer importantes melhorias no sistema de colheitas dos milharais da região em que morava, mesmo a custo de várias lesões. Ela foi descrita por Murray como uma mestre da agricultura, além de uma ávida leitora, botânica e florista, sendo que obteve um conhecimento tão considerável sobre a natureza dos solos e sua adaptação, que se tornou fonte de informações precisas e inspetora para todos os fazendeiros da vizinhança (MURRAY, 1798, v.3).

Seriam essas as ações que elevariam a mulher na sociedade e a fariam ser vista como membro ativo em seu círculo. Este era o tipo de autoridade que Murray esperava conseguir para as mulheres através de seus estudos, um conhecimento que pudesse ajudar na prática com os problemas do dia-a-dia e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento nacional. A política formal poderia permanecer como espaço masculino, mas a ajuda das mulheres seria de extrema importância para tirar o maior proveito possível de cada oportunidade.

Ela nunca pediu o voto. Embora desejasse ser levada a sério, ela desejava influência, não poder. Conseqüentemente, embora ela argumentasse que as mulheres podiam ocupar cargos ou liderar exércitos, ela não acreditava que devessem fazê-lo, a menos que não tivessem outra escolha. No entanto, ela defendeu as habilidades políticas das mulheres que provavelmente não poderiam ter sido feitas na América pré-revolucionária. O argumento de Murray foi baseado em sua crença de que homens e mulheres eram essencialmente os mesmos, pelo menos no que dizia respeito a questões importantes (intelectuais)<sup>181</sup> (SKEMP, 2016, p.10).

<sup>180</sup> presented the model Republican woman as a mother, and the Republican Mother an educated woman. The purpose of her education was to better serve her family, and thus better serve her country (CHEEK, 1985, p.255).

<sup>181</sup> She never asked for the vote. Although she longed to be taken seriously, she desired influence, not power. Consequently, while she argued that women could hold office or lead armies, she did not believe they should do so, unless they had no other choice. Nevertheless, she made a case for women’s political abilities that could probably not have been made in pre-Revolutionary America. Murray’s argument was



Por todos estes motivos, Murray conclui escrevendo que se algum governo podia ser caracterizado como republicano seria um governo do povo e o povo seria constituído de ambos os sexos. Cada decisão do Congresso e dos presidentes havia sido debatida pelo povo até aquele momento. Cada novo aspecto criado para o desenvolvimento social e político havia sido contestado e considerado, mas isso não havia acontecido com a posição formal que as mulheres ocupavam na sociedade. As academias femininas eram um importante passo rumo à mudança e ao progresso, mas a educação intelectual ainda precisava de novos avanços para que as oportunidades se abrissem para as pessoas por suas qualidades e não na disposição dos sexos.

### 3.4 RECEPÇÃO E CARTAS COM LEITORES

Os textos de Murray tiveram bastante impacto nos leitores da região de Boston. Através deles, é possível perceber a contribuição da autora ao cenário social e educacional, pois seus questionamentos refletiam as inquietações das pessoas que escreviam para ela por meio dos periódicos. Em seu livro publicado como *Constantia*, quando compilou textos publicados pela *Massachusetts Magazine* e outros ensaios inéditos, Murray também publicou diversas das cartas que recebeu de seus leitores durante os dois anos em que escreveu como *Mr. Gleaner*. Alguns destes leitores também usavam pseudônimos para esconder suas identidades.

A grande maioria das cartas dos leitores não era respondida publicamente por Murray em sua coluna, mas muitas das cartas que ela recebia através dos jornais foram publicadas. Para esta análise, selecionei quatro cartas que leitores enviaram a Mr. Gleaner. A primeira delas foi enviada por uma pessoa com o pseudônimo *Monima Castalio*. As outras foram cartas enviadas por Rebecca Aimwell em mais de uma ocasião pedindo conselhos sobre a educação de sua filha. Em seguida faço a seleção de uma carta de Harriot B. sobre a própria experiência em uma academia feminina. Por fim, a carta de Timothy Plodder, sobre sua necessidade iminente de se casar. Escolhi estas quatro manifestações por serem respostas diretas às propostas de Murray quanto à educação das mulheres e à transformação em seu status social através do companheirismo no casamento. Outras cartas foram publicadas na coluna *The Gleaner*,

---

based on her belief that men and women were essentially the same, at least where important (intellectual) matters were concerned (SKEMP. 2016, p.10).

mas seu foco eram perguntas sobre o romance “*The Story of Margaretta*” ou também tratavam de questões já abordadas por estes quatros missivistas. Suas cartas revelam o impacto das ideias de Murray e fazem um paralelo com o contexto de transformações do período para entendermos como os aspectos socioculturais e políticos afetavam as vidas de pessoas “comuns”.

Uma das primeiras cartas publicadas na revista que demonstra isso foi de uma mulher que se identificou como *Monima Castalio*. Nela, a leitora escreve para Mr. Gleaner:

Você não tem noção de como estamos todos desapontados; Não datei minha carta porque não gostaria por nada no mundo inteiro que você me descobrisse; mas sou uma entre muitas damas, que está absolutamente morrendo de vontade de saber algo mais sobre Margaretta. Meu pai limitou a minha leitura de seus romances, e sua teatralidade, e tudo mais; mas ele é um assinante das revistas e diz como posso lê-las de manhã à noite; e todas nós ficamos extremamente maravilhadas quando encontramos histórias tão bonitas como às vezes acontece; mas não daríamos a mínima por mais nada e, de fato, não poderíamos passar por seus dois últimos volumes. [...] Amarei-te ternamente, senhor, e permanecerei para sempre, tua sempre zelosa - devo subscrever um nome de ficção - tua sempre amorosa, Monimia Castalio<sup>182</sup> (MURRAY, 1798, v.1, p.61-62).

Podemos observar nesta primeira carta o desafio da missivista de ler o romance sobre Margaretta mesmo contra a vontade de seu pai e de contar sobre sua experiência de leitura. Não era comum que as mulheres assinassem as revistas e jornais, menos ainda que escrevessem em resposta sem o consentimento de seus pais ou maridos. Os romances não eram bem vistos na sociedade quando continham ensinamentos considerados perigosos para as jovens. Por este motivo, as famílias mantinham o controle dessas leituras. *Monimia Castalio*, porém, escreveu à *Mr. Gleaner* em nome das jovens moças que isso não as impedia de apreciar uma boa leitura romântica quando se deparavam com uma delas.

Outra mulher que escreveu no mesmo ano foi Rebecca Aimwell, uma viúva em busca de direcionamentos sobre a melhor maneira de educar sua filha, considerando que ela concordava com os pontos defendidos por Murray sobre a educação das moças e

---

<sup>182</sup>You can have no notion how vastly we are all disappointed; I do not date my letter because I would not for the whole world that you should find me out; but I am one of a great many ladies, which is absolutely dying to see something more about Margaretta. My papa hath given his limitation against my reading your novels, and your theatrics, and all that; but he is a subscriber to the magazines and says how I may read in them from morning till night; and we are all mighty delighted when we find such pretty stories as we sometimes does; but we would not give a fig for anything else, and indeed we could not get through your two last Gleaners. [...] I will love you dearly, sir, and will remain until death, your ever dutiful – I must subscribe a fiction name – your ever loving, Monimia Castalio (MURRAY, 1798, v.1, p.61-62).

queria apresentar sua filha na sociedade para que pudesse aproveitar melhor suas oportunidades.

Desde criança sou órfã e minha educação foi muito negligenciada; mas, apesar disso, em uma variedade de circunstâncias, dispondo o coração de um cavalheiro muito digno a meu favor, felizmente me tornei sua esposa. Por alguns anos, a história da minha vida pode ser considerada feliz; mas enterrei meu marido e a história de minhas alegrias terminou; no entanto, em uma filhinha, eu mais uma vez revivo; minha garotinha ainda me conecta à humanidade. Sendo confiada por seu falecido pai com toda a disposição de minha filha, eu adotaria, na formação de sua mente, o sistema que pode ser o mais bem calculado para torná-la boa e feliz. [...] Quer, meu caro senhor, ceder a uma peticionária, enquanto ela pede, a seu modo, alguns documentos na área da educação, que possam servir de guia no árduo empreendimento em que ela está tão profundamente engajada, e para o qual ela está tão pouco qualificada? Se o fizer, pode assegurar-se dos meus desejos de sua felicidade, que sempre será exaltada<sup>183</sup> (MURRAY, 1798, v.1, p.63-64).

Rebecca Aimwell demonstra saber das implicações de educar uma filha, como era esperado dela, ao mesmo tempo em que demonstra sua insegurança devido ao fato dela mesma não ter tido a oportunidade de ser bem educada por pais atenciosos. Podemos identificar seu ressentimento por isso e por não ter mais o marido para guiá-la. Na falta da família, ela pede ajuda a Murray com a educação de sua filha. É notável a maneira como ela fala de seu casamento não como algo que a restringiu, mas que a salvou de sua antiga vida como órfã. O resultado do casamento, sua filha, é a maneira que ela encontrou para manter resquícios de sanidade após a perda do marido, o que pode justificar sua confiança em *Mr. Gleaner*, pois ele poderia remeter à sabedoria e parceria que ela via em seu marido na criação da filha.

Rebecca Aimwell escreve sobre esta confiança matrimonial, demonstrando ela mesma ser parte da nova concepção republicana do casamento, que prezava cada vez mais pela união do casal além dos interesses financeiros. O pedido de ajuda que ela faz, porém, demonstra o quão incapacitadas as mulheres poderiam estar nessa empreitada, pois a colaboração entre homens e mulheres na criação de uma família, ainda presumia

---

<sup>183</sup>I was early left an orphan, and my education was much neglected; but nevertheless, a variety of concurring circumstances, disposing the heart of a very worthy gentleman in my favor, I happily became his wife. For a few years, the history of my life may be regarded as the annals of felicity; but alas! I have laid my husband in the grave, and the story of my enjoyments is finished; yet, in a little daughter, I once again revive; my girl still attaches me to humanity. I am in possession of a I deem competency; and being entrusted by her deceased father with the entire disposal of my child, I would adopt, in the forming of her mind, that system which may be the best calculated to make her good and happy. [...] Will you, my dear sir, indulge a petitioner, while she requests, in your own way, some documents in the line of education, which may serve as guides in the arduous undertaking in which she is so deeply engaged, and for which she is so little qualified? If you will you may assure yourself of wishes for your felicity, which shall ever be breathed (MURRAY, 1798, v.1, p.63-64).

a responsabilidade educacional dos filhos para as mães, sendo que elas mesmas, por inúmeras razões, podiam não estar tão bem preparadas para esta responsabilidade. Além disso, o fato dela escrever para *Mr. Gleaner*, e não para Judith, demonstra que, por um lado, ela estava de acordo com as mudanças na visão quanto ao matrimônio, mas por outro, prezava mais pelos conselhos de um homem do que das inúmeras revistas femininas que aconselhavam as jovens mães. Este representa um dos limites das transformações do período, pois as mudanças sutis, mesmo que significativas, se misturavam à experiência pessoal que, no caso de Rebecca, ainda tinha na figura masculina a representação máxima da autoridade.

No volume dois da obra de Murray, outra carta de Rebecca Aimwell foi publicada, na qual ela elogiava amplamente o romance *The Story of Margaretta* e alegava seu contentamento com a maneira escolhida pelo autor para retratar o caráter da personagem principal.

Faz apenas dois anos e quatro meses, hoje, que tive a presunção de me dirigir a você. Tenho visto com prazer o progresso gradual de sua Margaretta; ela parece possuir todas as virtudes de seu sexo, enquanto suas realizações a tornam superior em todos os pontos de vista. Uma estrutura tão rara, por mais excelentes que sejam os materiais, não poderia ter sido realizada sem a superintendência de habilidades incomuns. A sorte da adorável órfã foi altamente ilustre; e possa ela, tanto quanto a humanidade permitir, ser felizmente isenta de todo mau futuro<sup>184</sup> (MURRAY, 1798, v.2, p.32).

É notável a maneira como Rebecca escolheu demonstrar sua satisfação com o desenvolvimento da personagem Margaretta, escrevendo sobre suas virtudes femininas e conseqüente, sua superioridade. Depois de elogiar as habilidades de Mr. Gleaner, ela faz ainda uma comparação com sua própria situação, pois como órfã, ela mesma não tinha tido acesso às oportunidades que Margaretta teve. É interessante, porém, constatar que neste aspecto Rebecca agradece Murray/Mr. Gleaner por manter Margaretta sempre com algum tipo de direcionamento de sua família, algo que, de acordo com sua carta anterior, podemos concluir que era desejável à Rebecca por ela se encontrar sozinha e com a responsabilidade de educar sua filha.

---

<sup>184</sup> It is just two years and four months, this day, since I had the presumption to address you before. I have seen with pleasure the gradual progress of your Margaretta; she seems to possess every sexual virtue, while her attainments render her in every view superior. A superstructure so rare, however excellent the materials, could not have been accomplished without the superintendence of uncommon abilities. The lot of the lovely orphan has been highly distinguished; and may she, as far as humanity will permit, be happily exempted from every future evil (MURRAY, 1798, v.2, p.32).

Neste sentido, podemos também recorrer a uma carta assinada por Harriot B., que contou um pouco sobre sua amizade com uma colega chamada Leonora enquanto estava em uma academia feminina. Na carta, Harriot retratou Leonora como o modelo ideal para uma moça, por ela ser muito educada e solícita. Ao mesmo tempo ela era muito inteligente e sabia como se apresentar na sociedade, atraindo a atenção de muitas pessoas importantes. Ela também contou sobre sua tristeza ao ter que se separar de sua amiga quando se casou, mas de sua subsequente felicidade ao poder visita-la em sua casa no campo. No caminho ela encontrou uma menina que ia pela primeira vez a uma escola feminina.

Aconteceu que uma linda garotinha, a caminho de uma academia rural, que nunca antes vira os passos matinais do orbe do dia, estava sentada em nosso veículo. Sua exaltação e seu espanto eram inefáveis. Jamais esquecerei suas tentativas engenhosas de dar linguagem às suas emoções. Talvez tenha sido o primeiro momento em que ela descobriu a falta de palavras. Com o ardor cativante da juventude, assegurou ao pai, que a acompanhava, que jamais perderia a oportunidade de contemplar uma cena que ultrapassava tudo o que antes havia prendido sua atenção; e se sua resolução e perseverança forem iguais ao seu doce entusiasmo e suscetibilidade amável, prevejo que, prosseguindo seus estudos com avidez incomum, ela se tornará uma mulher altamente realizada<sup>185</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.273).

A partir deste trecho e do que ela escreveu antes a respeito das virtudes de sua amiga, é possível perceber a importância que a educação teve na vida de Harriot, considerando que ela enxergava em sua amiga, que também havia sido bem educada, o modelo de feminilidade. Esse modelo permitiu que ela se casasse bem e que estivesse feliz, porque tinha sido capaz de escolher um bom marido e não cair nas armadilhas de seus muitos outros pretendentes. Esta mesma educação depois possibilitou que ela, em esforço conjunto com seu marido, tomasse as rédeas da educação de seus filhos, que Harriot julgava afortunados por terem pais como eles. Por isso, a garotinha que Harriot encontrou quando se dirigia até a casa de Leonora também podia se considerar com muita sorte, pois seria educada e teria maiores perspectivas quando adulta. Com relação à educação dos filhos de Leonora, Harriot escreve que

---

<sup>185</sup> It happened that a beautiful little girl, on her way to a rural academy, who had never before beheld the morning footsteps of the orb of day, was seated in our vehicle. Her extacies and her astonishment were ineffable. Never will I forget her ingenious attempts to give language to her sensations. Perhaps it was the first moment she had ever discovered a want of words. With the endearing ardor of youth, she assured her papa, who accompanied her, that she would never again forego an opportunity of beholding a scene, which surpassed everything that had before engaged her attention; and if her resolution and perseverance are equal to her sweet enthusiasm, and amiable susceptibilty, I predict that, pursuing her studies with uncommon avidity, she will become a highly accomplished woman (MURRAY, 1798, v.3, p.273).

É a grande tarefa de Evander e Leonora tornar seus filhos bons e felizes: eles próprios são seus preceptores; e suas habilidades são totalmente adequadas a esta importante vocação. Os indivíduos do pequeno grupo interessante, sem exceção, manifestam uma sede insaciável de conhecimento; e, à medida que cada tendência valiosa é estimulada e extraída por seus admiráveis pais, será prontamente concebido que sua educação avança com rapidez proporcional<sup>186</sup> (MURRAY, 1798, v.3, p.277).

Neste sentido, é possível perceber a ressonância do que Murray defendia em seus escritos, de que não era possível para as mulheres educarem bem os seus filhos se elas mesmas não haviam sido educadas. Em contrapartida, elas seriam mães valiosas e poderiam contribuir para o crescimento nacional se pudessem, em conjunto com seus maridos, garantir o futuro das próximas gerações. Esse era, porém, apenas um caminho a ser seguido. A educação feminina poderia fornecer para as mulheres certo nível de independência nunca antes visto nos Estados Unidos, especialmente se fossem viúvas ou se escolhessem não se casar. Desta forma, apenas através da educação as mulheres poderiam ser cidadãs e contribuir com justiça com a formação de uma nação verdadeiramente republicana.

Harriot fornece uma ampla visão, por um lado contradizendo algumas das questões propostas por Murray em seus textos, e por outro, reafirmando algumas delas a partir de sua experiência pessoal e da experiência de sua amiga. Por isso as cartas endereçadas a *Mr. Gleaner* se tornam importantes, para averiguar a relação de veracidade entre o que era proposto por Murray e o ritmo das transformações do cenário que fazia parte da realidade das moças. Harriot, por exemplo, mesmo bem educada e tendo passado por uma academia feminina, tinha o desejo de ter uma vida parecida com a de Lenora no que dizia respeito ao matrimônio e a maternidade, que podemos identificar como prioridades para ela. Neste sentido, a boa educação é destacada em sua carta como componente fundamental para que uma moça se apresentasse bem e fosse agradável socialmente, não necessariamente para que ela pudesse ter mais autonomia, como defendia Murray. Em contrapartida, a ideia de Murray de parceria no casamento é ecoada pela experiência de Lenora, que se mostra feliz dividindo a educação dos filhos com o marido, algo que Harriot também almejava.

---

<sup>186</sup>It is the great business of Evander and Leonora, to render their children good and happy: They are themselves their preceptors; and their abilities are fully adequate to this important avocation. The individuals of the interesting little group, without an exception, evince an insatiable thirst for knowledge; and, as each valuable propensity is excited and drawn forth by their admirable parents, it will readily be conceived, that their education advances with proportionable celerity (MURRAY, 1798, v.3, p.277).

Esta relação de contradição/afirmação prática do que era defendido por Murray também pode ser averiguada em uma carta de um dos poucos leitores homens que escreveu para *Mr. Gleaner*, Timothy Plodder, que em outubro de 1794 pediu ajuda para resolver uma questão doméstica. Em sua carta, escreveu sobre o falecimento de sua irmã, que havia permanecido com ele por não ser casada e que havia administrado as finanças da casa até então. Ele fez elogios a ela pela maneira como cuidava para não gastar mais do que deveria e falou sobre o problema que enfrentava após sua morte por ter que arranjar outra pessoa para tomar conta da propriedade.

Recentemente, perdi uma irmã que, embora fosse o que se chama de “solteirona”, era, no entanto, uma dona de casa muito boa e administrava meus negócios *à perfeição; nada era perdido, e cada centavo era gasto da melhor maneira [...].* Se eu arrumasse uma governanta, que não considerasse meu interesse como seu próprio, ela poderia *desperdiçar muito e, a longo prazo, gastar muito mais do que uma boa esposa, sóbria e discreta,* enquanto eu não teria nenhum dos confortos do matrimônio. Eu sei, Mr. Gleaner, que você gosta de economizar, e que você calcula essas coisas; e, portanto, tenho certeza de que você me ajudará a pensar<sup>187</sup> (MURRAY, 1798, v.2, p.22-23).

É interessante que apesar do missivista tecer elogios à capacidade de raciocínio de sua irmã, ele não a retrate de maneira sentimental, mas quase como um patrão que perdeu sua boa criada. Ao mesmo tempo em que ele valoriza seu intelecto, ele a define como uma mulher útil. Igualmente interessante é sua visão acerca das mulheres como boas administradoras, pois ao invés de buscar um homem para lidar com as futuras despesas, ele pensa em uma governanta, descartando a possibilidade de contratar uma apenas por causa da probabilidade dela não ser tão econômica quanto a irmã e de ter que aturá-la sem poder usufruir de seus direitos de marido.

Logo em seguida ele escreve a respeito de uma mulher que pretendia pedir em casamento, mas que havia se casado com outro homem, de maneira que ele pensava que uma nova candidata ideal para lidar com suas finanças e com sua casa seria de fato uma esposa. Ele busca então a ajuda de *Mr. Gleaner* para conseguir a mão de Serafina Clifford em casamento.

---

<sup>187</sup> I have lately lost a sister, who, though she was what is commonly called an old maid, was nevertheless a very good house-wife, and managed my matters *to a fraction; nothing was lost,* and every penny was disposed of to the *best* advantage [...]. Was I to take a house-keeper, who would not consider my interest as her own, she might *waste a great deal, and in the long run spend much more than a good, sober, discreet wife,* while I should have not one of the comforts of matrimony. I know, Mr. Gleaner, that you are fond of saving, and that you calculate these things; and I therefore take it for certain, that you will think with me (MURRAY, 1798, v.2, p.22-23).

Serafina e eu não temos tempo a perder; e, portanto, se você puder propor o assunto de improviso e me informar quando posso ver a jovem, ou você, ou o irmão dela Hamilton, concluiremos o acordo com toda a rapidez possível, antes que meus parentes percebam o assunto, pois eles se tornam muito atrevidos [...]. Vou ser um bom marido para a senhorita Clifford; ela terá tudo o que puder razoavelmente desejar; e eu continuarei, gentil e respeitado senhor, a seu serviço, até a morte<sup>188</sup> (MURRAY, 1798, v.2, p.24).

Esta passagem é mais um indicativo de algumas contradições com relação à visão corrente sobre as mulheres, tomando como exemplo a situação de Timothy Plodder, porque se ele acata a visão de Murray (como *Mr. Gleaner*) sobre a capacidade intelectual e o valor das mulheres, o faz de um ponto de vista prático, sem sentimentos, e trata do casamento através de uma carta aberta para uma revista escrita com um pseudônimo masculino. Ao que tudo indica, ele não tem proximidade com a moça e trata o fracasso de sua primeira proposta de casamento como um contratempo que está buscando resolver. Sua confiança em *Mr Gleaner* se justifica pelos elogios que ele faz às suas publicações e pelo fato de que Plodder o considera um conhecedor das mulheres.

Em um primeiro momento podemos encarar este aspecto como um distanciamento do autor da carta e até questionar o fato dele ler regularmente a coluna *The Gleaner*, escolhendo deixar a tarefa de arranjar um casamento a cargo de alguém que entendesse melhor do assunto. Podemos, porém, considerar igualmente que apesar da frieza com que retrata as mulheres, sua valorização da capacidade intelectual delas, por mais que reduzida ao ambiente doméstico, já demonstra sinais práticos de como este valor estava relacionado à contribuição prática do que ao status, pelo menos no caso de Plodder. Enquanto as cartas de Monima Castalio, Rebecca Aimwell e Harriot B. demonstram mais emoção e retratam os homens com mais afeto, a carta de Poddler é mais distante, apesar de se tratar de um assunto importante para a organização de sua vida. Isto nos revela que o centro da vida da mulher dependia do seu marido, enquanto a vida doméstica poderia não representar o mesmo para o homem, embora fosse igualmente importante.

Podemos novamente identificar, desta forma, alguns limites práticos da visão de Murray sobre a educação das mulheres, que se misturaram às transformações do

---

<sup>188</sup> Serafina and myself have no time to lose; and so if you will out of hand propose the matter, and let me know when I may see the young woman, or yourself, or her brother Hamilton, we will conclude the bargain with all possible dispatch, before my relations *get scent* of the business; for they absolutely grow very saucy [...]. I will make Miss Clifford a good husband; she shall have every thing she can *reasonably desire*; and I will continue, kind and respected Sir, your's to serve, *until death* (MURRAY, 1798, v.2, p.24)



espaço público e privado. É possível perceber certa falta de clareza da sociedade em relação ao papel que as mulheres deviam desempenhar. Mesmo as mulheres que o questionavam nos círculos literários e nos textos ensaísticos, podiam ver-se atreladas a ele por causa de sua dependência legal e econômica de parentes e maridos. Neste sentido, os textos de Murray podem ser vistos como manifestos sobre mudanças paulatinas e negociadas para permitir às mulheres uma chance real de entenderem a si mesmas e promoverem as mudanças. As cartas, por sua vez, podem ser encaradas como relatos de como os esforços literários de Murray se mostravam eficientes, ou não, na vida prática.

Escrever com o pseudônimo *Mr. Gleaner* pode ter sido uma estratégia inteligente por demonstrar o reconhecimento de Murray de que os escritores eram levados mais a sério do que as escritoras, ainda que eles falassem de assuntos pertinentes às próprias mulheres. Escrevendo como *Mr. Gleaner*, Murray pode ter perdido uma parte de seu público leitor feminino que talvez julgasse que uma mulher pudesse dar melhores conselhos, mas desta forma conseguiu atrair não apenas mulheres que tinham em seus maridos importantes referências e que também participavam ativamente da vida doméstica, mas também conseguiu o atrair homens que se sentiram confortáveis o suficiente para falar sobre o seu romance (*The Story of Margaretta*), fazer sugestões e mesmo pedir ajuda.

Observou-se que a maioria das autoras se ocultava em pseudônimos e omitia os sobrenomes, outras apenas apresentavam as letras iniciais do nome, talvez para preservar a imagem e proteger-se das pressões de uma sociedade avessa à presença feminina no espaço público. [...] Entrar no meio jornalístico e literário era uma atitude audaciosa, por mais competente e talentosa que fosse, por isso era constante a prática de pseudônimo, de prenomes ou de letras iniciais, como forma de proteger-se e a seus familiares da exposição pública e da crítica (CARVALHO, 2011, p. 2763-2764).

Se Murray tivesse usado o próprio nome para publicar, os leitores homens poderiam enxergar suas colunas e textos como destinados exclusivamente às mulheres, ou apenas não dar o devido crédito e atenção ao que estava escrito. Havia igualmente o entendimento de Murray sobre os homens serem mais influentes do que as mulheres por ocuparem cargos públicos e participarem da elaboração de novas leis. Foi apenas depois da década de 1820, quando não estava mais escrevendo para revistas, que Murray declarou ser *Constantia* e *Mr. Gleaner* e a isso podemos atrelar o fato de que as pessoas de sua família e de seu círculo social seriam afetadas por seus textos caso os leitores

soubessem quem ela era. Além disso, sua conduta pessoal também seria comparada aos seus escritos. Podemos pensar também que ela não teria sido igualmente direta ao tratar das mulheres e de outros assuntos sensíveis à sociedade americana da época se tivesse usado seu nome verdadeiro para assinar os textos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta pesquisa, busquei analisar a escrita de Judith Murray como uma forma de expressão sobre sua compreensão da cidadania e dos direitos femininos na sociedade pós-independente dos Estados Unidos. Podemos considerar que seus estudos e sua posição sobre o espaço das mulheres permitiram a ela maior proximidade com a palavra escrita. Desde cedo ela teve contato com os livros na biblioteca de sua casa, mas foi com seu segundo marido que encontrou o incentivo que precisava para publicar seus ensaios. Através deles, ela fez várias interpretações sobre o que poderia vir a ser a educação das mulheres e em seus textos podemos acompanhar a formação de ideias sobre o espaço doméstico e as academias femininas. De acordo com Murray, as academias eram incentivo e parâmetro para as moças descobrirem suas vocações com liberdade e clareza: por um lado elas podiam se casar e ser companheiras de seus maridos, parceiras na boa educação dos filhos; e por outro elas podiam escolher permanecer solteiras e trabalhar. Independente da escolha, a mulher deveria seguir estudando para se tornar verdadeiramente “digna”, conhecer a si mesma e a sociedade ao seu redor. De acordo com a visão masculina, porém, essa dignidade dependia apenas do papel da mulher como mãe, mesmo quando era pouco educada. Questiono, porém, até que ponto Murray enxergava a possibilidade real de todas as mulheres buscarem ser verdadeiramente “republicanas”, pois em seus textos ela defende que essa busca passa fundamentalmente pela educação, mas não aparecem críticas sobre a falta de acesso das classes trabalhadoras e das mulheres negras às academias femininas.

Mesmo assim, é possível perceber a tonalidade política que Judith e outras escritoras de seu tempo imprimiam nos textos e em suas cartas privadas sobre educação. Murray não tratava diretamente dos direitos formais, do voto para as mulheres ou da ocupação de cargos públicos, mas defendia que a educação das mulheres tinha outro propósito, de torná-las independentes para a tomada de decisões pessoais e da família. Apesar de criticar o modelo de feminilidade buscado pelos homens, em nenhum

momento Murray questionou a ordem e o poder, ou defender que a independência na tomada de decisões faria das mulheres sujeitos autônomos. O que ela buscava era a cooperação entre os sexos, proveniente de um acordo entre eles, e não imposto pelas relações de poder, o que ela fez utilizando-se da ironia e da desconstrução de representações literárias.

O uso de Murray de múltiplas reversões surpreendentes em "*On the Equality of the Sexes*" explorou o "considerável potencial libertador" da ironia, para citar Robert E. Terrill, e pode ter ajudado a reconstituir os próprios termos do debate educacional. Uma leitura atenta do texto sugere que Murray transformou a "senhora erudita" de um problema em uma solução por meio de três inversões irônicas. Primeiro, ela reconfigurou a coquete caluniosa e elegante como uma evidência empírica surpreendente do potencial das mulheres. Em segundo lugar, ela apresentou a educação feminina convencional como um desperdício irônico desse potencial. Terceiro, ela sugeriu que, ao contrário das expectativas, uma educação clássica salvaria as meninas da infelicidade futura. O desenvolvimento sucessivo e a interação entre as várias reviravoltas em "*On the Equality of the Sexes*" permitiu que Murray explorasse o potencial da ironia e compensasse seus limites (GALEWSKI, 2007, p.86).

Para Murray, a educação tornava o casamento ou a vida de solteira opções significativas para as mulheres, além de fornecer o treinamento necessário para que pudessem escolher livremente o que era melhor para elas. As mulheres, para tomar partido na "cultura moderna" que estava sendo construída, teriam que se alfabetizar e elevar seu nível de conhecimento para poderem realmente contribuir para a formação de uma identidade nacional. Esta era uma ideia advinda das Guerras de Independência, quando as mulheres realizaram trabalhos que nunca antes haviam realizado e sua capacidade havia sido provada a elas mesmas.

Estas realizações originaram um sentimento de autoestima e também uma crescente consciência de suas limitações. Elas questionaram, então, o motivo destes limites e descobriram na educação a clareza e a autoconfiança para buscarem novas oportunidades. Uma alternativa foi encontrada durante o crescimento da ideologia com ênfase na virtude e no importante papel da "Mãe Republicana" e do "Culto à Domesticidade", porque a ambiguidade destas concepções estava cada vez mais visível na busca por enfatizar o importante papel da maternidade, sem que a mulher estivesse preparada para educar seus filhos. Murray utilizou a educação como arma política para desafiar o casamento como a única escolha desejável para as mulheres, enquanto também enfatizava as virtudes de uma vida familiar. O que garantia a harmonia na vida

das mulheres era a escolha consciente, independente de qual fosse e a valorização de seu potencial, como era possibilitado aos homens.

Segundo Mary Hughes, “as visões progressivas de Judith Sargent Murray em apoio ao intelecto feminino e à igualdade permeiam seus escritos e revelam que ela foi uma voz inspiradora do feminismo americano inicial e um produto do Iluminismo na América” (HUGHES, 2011, p.114). Ecoo esta visão considerando também seu envolvimento com a religião e a importância do Protestantismo como regulador da vida familiar e doméstica. Murray não apenas se opôs às limitações da visão tradicional da mulher, como ressignificou seu papel, utilizando novas abordagens para buscar apoio nas mesmas Escrituras que condenavam as mulheres à submissão. Ela apresentou sua visão de que não era a Bíblia que ditava o destino da mulher, mas havia sido a interpretação masculina e autorizada que a havia colocado em desvantagem, quando o julgamento de um ser humano deveria ser feito levando em consideração sua racionalidade, ao invés de seu sexo.

Podemos ainda problematizar o Republicanismo Americano como forma de governo escolhida para a nova ordem sociopolítica, olhando para os questionamentos de Murray e das outras mulheres. Através desta nova organização, o Estado Americano começou a tomar forma. Penso, portanto, a transição de colônia para Estado independente fazendo uma relação com as questões de gênero, pois a organização social baseada no sexo permitia aos homens o domínio da política e às mulheres a restrição ao domínio do lar. As esferas separadas, mas complementares, estavam na base desta nova estrutura política e social, sendo fundamental para seu bom funcionamento. A não-transgressão dos espaços estava nos alicerces da República. Curiosamente, esta foi retratada nas pinturas e imagens em circulação no período (como consta na figura 4), como uma mulher, o que poderia contradizer a ideia de desvalorização feminina, mas a interpreto como a representação da virtude e da ideologia do governo republicano. Ou seja, encaro a virtude como qualidade feminina, muito explorada pelos homens que buscavam uma função para a mulher na nova sociedade independente. Era a virtude que manteria a mulher digna em seu espaço como mãe, contribuindo moralmente para o crescimento da República enquanto aos homens cabia o sacrifício do trabalho público. Apenas se a mulher também se sacrificasse a ordem social e política poderia existir, mas seu sacrifício era de outro tipo, para os filhos e a República.

Penso também que a relação Estado x Gênero pode ser ainda complementada pela relação Espaço Público x Espaço Privado, porque a permanência da mulher no

espaço privado e o respeito ao homem no espaço público era o que garantia a ordem. Portanto, o conceito de “ordem” se torna fundamental, especialmente se considerarmos o cenário de insurreição das Guerras de Independência que reforçou ideias consideradas “liberais” de Revolução. Ao mesmo tempo em que houve uma forte ruptura e na própria cultura americana, foi necessário um resgate da ordem para que as esferas de poder pudessem se organizar. Foi durante os primeiros anos da República que foram feitos os maiores esforços para definir as esferas de atuação “dignas” das mulheres, então permanece o questionamento a respeito do real nível de liberalismo e conservadorismo desta nova República para as mulheres e as classes trabalhadoras.

Em meio a este cenário Judith Murray apresentou uma nova visão do feminino que combinava a valorização da sensibilidade materna e das responsabilidades domésticas com a capacidade racional das mulheres através de uma boa educação. Este novo tratamento com relação ao comportamento da mulher faria dela uma peça fundamental na República, pois não seria mais rotulada utilizando apenas critérios extremos, como o rótulo de “coquete” quando era muito sensível, ou o de “pedante”, quando era muito racional. A educação seria uma peça chave para a “nova mulher americana”, pois para Murray a mulher educada é também a mulher comportada, mas não no sentido de ser submissa. Para ela, a mulher educada é aquela que domina seus sentimentos, porque os conhece, ao mesmo tempo em que pensa com clareza. Dessa forma, os homens não mais podem rotulá-las e elas podem tomar parte nas decisões tomadas não apenas em casa, mas também referentes à política e à sociedade.

É também na busca por esta nova mulher republicana que Murray resgata importantes personagens bíblicos, propondo uma nova interpretação que valorizasse o poder da mulher ao invés de condená-lo. É neste sentido que ela interpreta aspectos condenados como a fofoca e a criatividade das mulheres, argumentando que estes eram resultados do desequilíbrio entre o lado sentimental e o lado racional das mulheres, ambos controlados desde a infância pelos homens e pelas mulheres da família que também haviam sido criadas em restrição e dependência, consolidando um ciclo que só poderia ser rompido se as mulheres reconhecessem o próprio potencial e buscassem ativamente mudar o cenário educacional.

Murray foi uma importante mulher que viveu entre os séculos XVIII e XIX, fazendo parte de uma rede de escritoras e mulheres inconformistas que foram as precursoras de movimentos posteriores, como a Primeira Onda Feminista, bem como das reivindicações pelos direitos das mulheres, que tiveram seu primeiro palco na

Convenção de Seneca Falls em 1848. Apesar do seu conservadorismo latente, Murray e suas contemporâneas ousaram pensar para além dos limites da ordem social e de gênero com a expectativa de que as mulheres fossem protagonistas e agentes. Nesse sentido, elas foram bem sucedidas.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

FRANKLY, Maria. Singular Resolution in a merried Lady. **The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine**, Nov. 1794, p.290. Disponível em <[https://archive.org/details/sim\\_gentleman-and-ladys-town-and-country-magazine\\_1784-11/page/n15/mode/2up](https://archive.org/details/sim_gentleman-and-ladys-town-and-country-magazine_1784-11/page/n15/mode/2up)>

MACAULAY, Catherine Sawbridge. **Letters on Education: with Observations on Religious and Metaphysical Subjects**, 1790. In: BROOKS, Joanna; MOORE, Lisa; WIGGINTON, Caroline (orgs.). *Transatlantic Feminisms in the age of Revolution*. 1ª ed. New York: Oxford University Press, 2012.

MURRAY, Judith. **Desultory Thoughts upon the Utility of Encouraging a Degree of Self-Complacency, Especially in Female Bosoms**. *Gentleman and Lady's Town and Country Magazine*, out 1784. In: HARRIS, Sharon (org.). *Selected Writings of Judith Sargent Murray*. 1ªed. Oxford University Press, 1995. 320p.

MURRAY, Judith. **On the Equality of the Sexes**. *The Massachusetts Magazine*, 1790. In: HARRIS, Sharon (org.). *Selected Writings of Judith Sargent Murray*. 1ªed. Oxford University Press, 1995. 320p.

MURRAY, Judith. **Observation on Female Abilities**. In: MURRAY, Judith. *The Gleaner: a Miscellaneous Production vol.3*, 1798. 340p.

MURRAY, Judith. **The Gleaner: a Miscellaneous Production vol.1-3**, 1798.

WARREN, Mercy Otis. **Letter to Catharine Macaulay**, 1787. Disponível em <<https://www.gilderlehrman.org/collection/glc0180003>>

\_\_\_\_\_. **To the University of Cambridge, in New England**, 1773. In: JACKSON, W. (org.). *The Poems of Phillis Wheatley with memoirs*. 1ªed. Denver: Lawrence and Co., 1887.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. 1792. In: ASSUNÇÃO, Diana. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, de Mary Wollstonecraft. Editora Boitempo, 2015. 269p.

## Revistas

**BOSTON WEEKLY MAGAZINE 1802-1803.** Vol.1. Indiana University Library. Disponível em <<https://archive.org/details/bostonweeklymaga01sln>>

\_\_\_\_\_ **1803-1804.** Vol.2. Indiana University Library. Disponível em <<https://archive.org/details/B-001-004-461-ALL/page/n111/mode/2up>>

**MASSACHUSETTS MAGAZINE** ago-set 1791. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=11AFAAAAQAAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&pg=GBS.PA455>>

\_\_\_\_\_ jul-dez 1794. Disponível em: <<https://archive.org/stream/massachusettsmag06harr#page/n5/mode/2up>>

**The Gentleman and Lady's Town and Country Magazine,** 1794. Disponível em <[https://archive.org/details/sim\\_gentleman-and-ladys-town-and-country-magazine\\_1784-11/page/n15/mode/2up](https://archive.org/details/sim_gentleman-and-ladys-town-and-country-magazine_1784-11/page/n15/mode/2up)>

## Referências Bibliográficas

ALBANESE, Catherine. **A Republic of Mind and Spirit.** 1ªed. New Haven: Yale University Press, 2007. 628p.

BAILYN, Bernard. **As Origens Ideológicas da Revolução Americana.** Bauru: Editora EDUSC, 2003. 344p.

BELLIN, Greicy Pinto. A Crítica Literária Feminista e os Estudos de Gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, n.7, p.1-11, dez.2011.

BRAUDE, Ann. **Women and American Religion.** 1ªed. New York: Oxford University Press, 2000.

BRESSLER, Ann Lee. **The Universalist Movement in America 1770-1880.** 1ªed. New York: Oxford University Press. 2001.

BROWN, Herbert. Richardson and Sterne in the Massachusetts Magazine. **The New England Quarterly**, Vol. 5, No. 1 (Jan., 1932), pp. 65-82

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem.** 1ªed. Bauru: EDUSC, 2004.

BUTLER, Jon. **New World Faiths: Religion in Colonial America.** 1ed. Nova York: Oxford University Press, 2000. 161p.

CARVALHO, M. **Discursos sobre as mulheres: cruzamentos ente língua, história e memória.** In: BEZERRA, A. P. & CORRÊA, L. P. (Org.). *Linguagem e História.* São Cristovão: Editora UFS, 2011.

CARWARDINE, Richard. Methodists, **Politics and the coming of the American Civil War**. In: HARLOW, Luke; NOLL, Mark. Religion and American Politics: from the colonial period to the present. 2ªed. New York: Oxford University Press, 2007.

CHARTIER, Roger. **As Práticas da Escrita**. In: ARIÈS, Philippe; DUBY Georges. História da vida privada 3 - Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHEEK, Madelon. An inestimable prize, educating women in the new Republic: The writings of Judith Sargent Murray. **Journal of Thought**, v.20, n.3. p.250-262, 1985.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** 1ªed. Belo Horizonte: editora UFMG, 2009. 57p.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 1 ed. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999. 305p.

DAVIES, Kate. **Catharine Macaulay and Mercy Otis Warren: The Revolutionary Atlantic and the Politics of Gender**. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2005. 319 p.

DESIDERIO, Jennifer. The Periodical as Monitorial and Interactive Space in Judith Sargent Murray's "The Gleaner". **American Periodicals**, Vol. 18, No. 1 (2008), pp. 1-25.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224p.

ELLET, Elizabeth. **Domestic History of the American Revolution**. 1. ed. Nova York: Charles Scribner, 1854.

ENDRES, Kathleen; LUECK, Therese. **Women's Periodicals in the United States**. 1 ed. Westport: Greenwood Press, 1995.

GALEWSKI, Elizabeth. The Strange Case for Women's Capacity to Reason: Judith Sargent Murray's Use of Irony in "On the Equality of the Sexes" (1790). **Quarterly Journal of Speech**, v.93, n.1, p.84-108, 2007.

GODINEAU, Dominique. **A Mulher**. In: VOVELLE, Michel. O Homem do Iluminismo. 1ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

HANSON, E.R. **Our Women Workers: Biographical Sketches of Women Eminent in the Universalist Church for Literary, Philanthropic and Christian Work**. 1ª ed. Chicago: The Star and Covenant Office, 1881.



HECLO, Hugh. **Christianity and American Democracy**. 1ed. Cambridge: Harvard University Press, 2007. 300p.

HUGHES, Mary. An Enlightened Woman: Judith Sargent Murray and the Call to Equality. **Undergraduate Review**, Massachusetts, v. 7, n. 21, p. 110-114, jan. 2011.

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Estados Unidos: Estado Nacional e Narrativa da Nação (1776-1900)**. 2ªed. São Paulo: EDUSP, 2018.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: a formação da nação**. 5ªed. São Paulo: editora Contexto, 2001.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**. 2ªed. Rio de Janeiro, Imago, 2008.

KELLEY, Mary. "A More Glorious Revolution": Women's Antebellum Reading Circles and the Pursuit of Public Influence. **The New England Quarterly**, vol. 76, n. 2, p.163-196, 2003.

KERBER, Linda. From the Declaration of Independence to the Declaration of Sentiments: the Legal Status of Women in the Early Republic (1776-1848). **Human Rights**, v.6, n.2, 1977 p. 115-124.

KERBER, Linda. The Republican Mother: Women and the Enlightenment - An American Perspective. **American Quarterly**, Iowa, v. 28, n. 2, p. 187-205, jan./1976.

KERBER, Linda. Separate Spheres, Female Worlds, Woman's Place: The Rhetoric of Women's History, **The Journal of American History**, v.75, n.1, Jun 1988, p.9-39

KERBER, Linda. **Women of the Republic: Intellect and Ideology in Revolutionary America**. 1. ed. Virginia: University of North Carolina Press, 1980.

KLEPP, Susan. Review on Milcah Martha Moore's Book: A Commonplace Book from Revolutionary America. **Pennsylvania History**, v.65, n.4, p.533-535, 1988.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINKSI, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2015. P.111-153

MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 46, p. 51-67, 2007.

MATEO, Luiza Rodrigues. **Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos**. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais – Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2011.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. 2ªed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MCMAHON, Lucia. **Mere Equals: The Paradox of Educated Women in the Early American Republic**. 1. ed. New York: Cornell University Press, 2012.

MELO, Patrícia Bandeira de. Um passeio pela História da Imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço. **Comunicação e Informação**, v.8, n.1. p.26-38. Jan/jun. 2005

MIRANDA, Anadir dos Reis. **Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759-1797)**. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

MIRANDA, Anadir dos Reis. **Proto-feministas na Inglaterra setecentista: Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson. Sociabilidade, subjetividade e escrita de mulheres**. 2017. 253f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MORGAN, David. **Protestants and Pictures: religion, visual culture and the age of American Mass Production**. 1ªed. New York: Oxford University Press, 1999.

NASH, Margareth. **Women's Education in the United States**. 1ªed. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005. 203p.

OLIVEIRA, Lúcia Luppi de. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos**. 1ªed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PERKINS, Linda. The Impact of the “Cult of True Womanhood” on the Education of Black Women. **Journal of Social Issues**, v. 39, n. 3, 1983, p. 17-28.

PLAIN, Gill; SELLERS, Susan. **A History of Feminist Literary Criticism**. 1ªed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PORTER, Dorothy. The Organized Educational Activities of Negro Literary Societies, 1828-1846. **The Journal of Negro Education**, v.5, n.4, p.555- 576, 1936.

RANDALL, Anne. A letter to the women of England on the injustice of mental subordination. 1799. Disponível em <<https://romantic-circles.org/editions/robinson/mrletterfrst.htm>>

RAPHAEL, Ray. **Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos**. 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RICCI, Samantha. Rethinking Women and the Constitution: an Historical Argument for Recognizing Constitutional Flexibility with Regards to Women in the New Republic. **William & Mary Journal of Women and the Law**, v. 16, n. 1, p. 205-235, 2009.

SANTOS, José de Paiva dos. Nação, raça e identidade em Poems on Various Subjects, Religious and Moral, de Phillis Wheatley. *Aletria*, v. 28, n. 3, 2018, p. 83-102.

SCHEICK, William. **Authority and Female Authorship in Colonial America**. 1ed. Lexington: The University Press of Kentucky, 1998.

SCOBELL, Sara. Judith Sargent Murray: the So-Called Feminist. **Constructing the Past**, Illinois, v. 1, n. 1, p. 4-23, jan. 2000.

SHOWALTER, Elaine. **The New Feminist Criticism: essays on women, literature and theory**. 1ªed. New York: Pantheon Books, 1985.

SMITH, Merril. **Women's Roles in Eighteenth Century America**. 1ed. Santa Barbara: Greenwood, 2011. 183p.

STANTON, Elizabeth Cady. **Declaration of Sentiments**. Disponível em <[https://www.womensrightsfriends.org/pdfs/1848\\_declaration\\_of\\_sentiments.pdf](https://www.womensrightsfriends.org/pdfs/1848_declaration_of_sentiments.pdf)>

SKEMP, Sheila. **Judith Sargent Murray: A Brief Biography with Documents**. 1ªed. Boston: Bedford, 1998.

SKEMP, Sheila. **Women and Politics in the Era of the American Revolution**. Oxford Research Encyclopedia of American History, p.1-21, 2016.

TEDESCHI, Losandro. Os desafios da escrita feminina na História das Mulheres. **Raído**, v.10, n.21, jan./jun. 2016, p.153-164

VOVELLE, Michel. **O Homem do Iluminismo**. 1ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

WARWICK, Rebecca. **Phillis Wheatley and Judith Sargent Murray: Revolutionary Founders in Women's Political Activism and Women's American Literary Tradition**. Undergraduate Theses and Professional Papers, University of Montana, 2020.

WELTER, Barbara. The Cult of True Womanhood: 1820-1860. **American Quarterly**, v. 18, n. 2, 1966, p. 151-174.

WHEATLEY, Phillis. **On Being Brought from Africa to America**, 1773. In: JACKSON, W. (org.). *The Poems of Phillis Wheatley with memoirs*. 1ªed. Denver: Lawrence and Co., 1887.

WITTMANN, Reinhard. **Existe uma Revolução da Leitura no final do século XVIII?** In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Vol.2. 1. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.